

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

R

Raabe (Monstro), Raamá, Raama, Rabá dos amonitas, Rabino, Rabôni, Raca, Rafa, Rafu, Rainha, Raiva, Raiz de Jessé, Ramá, Ramate-Leí, Ramate-Mispa, Ramatita, Ramessés (Lugar), Ramessés (Pessoa), Ramessés (pessoa), Ramias, Ramo, Ramote-Gileade, Ranúnculo, RÁPIDO, Jejum, Raposa, Raquel, Rato, Reabias, Reba, Rebeca, Reca, Recabitas, Recâmaras do Sul, Recolher, Recolhimento, Recompensa, Rede, Redemoinho, Redentor, Redenção, Refa, Refaim, Refaíta, Refeições, Significado de, Refidim, Refúgio, Cidades de, Regém, Regém-Meleque, Regeneração*, Regente de coro, Região montanhosa dos amalequitas, Região Selvagem, Regimento Italiano, Batalhão Italiano, Coorte Italiana, Régio, Rei, Reino De Deus, Reino Do Céu, REIS, livros de Primeiro e Segundo, Relâmpago, Remanescente, Remissão De Pecados*, Renfã, Reobe (Lugar), Reobe (pessoa), Reobote, Reobote-Ir, Réptil, Requém, Requém (Pessoa), Resefe, Resém, Resgate, Ressurreição, Ressurreição Corporal de Cristo, Retidão, Retrocesso, Reú, Reuel, Reuel, Reumá, Reuniões Da Igreja, Revelação, Riacho, Riacho do Arabá, Riacho dos salgueiros, Ribeirão do Egito, Ribeiro da planície, Ribla, Rifate, Rim, Rimom, Rimom-Perez, Rina, Rio do Egito, RIO EUFRATES, Rio Nilo, Rio Tigre, Riqueza, Riquezas, Riso, Rissa, Ritma, Rizia, Roda, Rodanim, Rode, Rodes, Roga, Rogelim, Rolinhas, Rolo, Rolos do Mar Morto, Roma, Cidade de, Romanti-Êzer, Romãzeira, Rôs, Rosa, Rotas comerciais, Roupas, Roupas de sepultamento, Rua Direita, Rúben (Lugar), Rúben (Pessoa), Rúben, Tribo de, Rubenita, Rubi, Rute, Livro de*

Raabe (Monstro)

Um monstro marinho mitológico que simbolizava o Egito ([Sl 87.4](#)). “Pois a ajuda do Egito não vale nada. Por isso, estou pondo no Egito o apelido de 'O Dragão Manso'” ([Is 30.7](#)). Os escritores da Bíblia descreveram como Deus ajudou o povo de Israel a atravessar o Mar Vermelho enquanto o exército egípcio se afogava ali (cp. [Is 51.10](#)). Eles usaram a imagem de Deus lutando e derrotando um monstro poderoso para contar essa história ([Jó 26.12](#); [Sl 89.10](#); [Is 51.9](#)).

Veja também Egito, Egípcio.

Raamá, Raama

Um dos cinco filhos de Cuxe e um descendente da linha de Cam. Ele foi o pai de Sebá e Dedã ([Gn 10.7](#); [1Cr 1.9](#)). [Ezequiel 27.22](#) menciona o povo de Sebá e Raamá negociando especiarias e pedras preciosas com os mercadores de Tiro. O nome de Raamá foi posteriormente dado a uma cidade talvez identificável com Ma'in no sudoeste da Arábia.

Rabá dos amonitas

A capital do antigo reino amonita. Localizada perto das nascentes do rio Jaboque, ficava a cerca de 40 quilômetros a leste do Jordão e situava-se ao longo da principal rota de caravanas que ia de Damasco, ao sul, ao longo do planalto transjordano. Esta estrada também era conhecida como a Estrada Real ([Nm 20.17](#); [21.22](#)). A moderna Amã, a capital da Jordânia, cobre a antiga cidade. Durante o terceiro século a.C., Ptolemeu II Filadelfo do Egito reconstruiu a cidade e a renomeou Filadélfia. Após os romanos tomarem a Palestina em 63 a.C., a cidade tornou-se parte da Decápolis, e após 106 d.C. fez parte da província romana da Arábia.

Rabá aparece pela primeira vez nas Escrituras como o lugar onde a grande cama de ferro de Ogue, rei de Basã, foi mantida ([Dt 3.11](#); ARC “em Rabá dos filhos de Amom”). Quando a Transjordânia foi dividida entre as tribos de Gade, Rúben e a meia tribo de Manassés, o território de Gade se estendia até a proximidade de Rabá, mas não a incluía ([Js 13.25](#)).

Rabá teve destaque significativo nas Escrituras durante o reinado de Davi. Naquela época, Joabe sitiou a cidade e, durante a batalha, Urias, o heteu, perdeu a vida por ordem específica do rei ([2Sm 11.1](#); [12.26–29](#)). A cidade foi construída em duas partes — a cidade alta e a cidade baixa, chamada de “cidade das águas” ([12.27](#)). Joabe tomou a cidade

baixa e talvez tenha conseguido controlar o abastecimento de água, e então esperou que Davi viesse completar a conquista (vv. 27-28). Após um saque completo de Rabá, Davi não estacionou tropas na cidade, mas a deixou sob o controle dos amonitas, que se tornaram vassalos de Israel.

Cerca de 250 anos depois, Amós pronunciou julgamento sobre a então próspera cidade ([Am 1.13-14](#)). Quando Nabucodonosor parou em Rabá durante sua invasão da Transjordânia, era um lugar significativo ([Ez 21.20](#)). Foi em Rabá que Baalis, rei dos amonitas, mais tarde planejou o ataque que resultou na morte de Gedalias ([Jr 40.14](#) e seguintes), o governador babilônico da Judeia, e no exílio de Jeremias para o Egito. A profecia de Jeremias contra Rabá está registrada em [Jeremias 49.2-3](#).

Como a moderna Amã cobre a antiga Rabá, não é possível realizar escavações na cidade antiga. O teatro romano está localizado no centro da cidade e tem capacidade para 6.000 pessoas. Próximos a ele, encontram-se restos dilapidados de um odeão, ou sala de música, e uma fonte, ambos do período romano. Tudo visível na antiga cidadela é romano, bizantino ou árabe, exceto no canto nordeste, onde parte da muralha da cidade da Idade do Ferro ainda está exposta. O templo romano no canto sudoeste da cidadela foi dedicado a Hércules.

Veja também Decápolis; Filadélfia #1.

Rabino

Título de respeito, que significa “meu grande” ou “meu superior”, usado nos dias de Jesus para mestres religiosos judeus.

De acordo com [Mt 23.7](#), “rabino” foi evidentemente usado como um título comum de tratamento para os escribas judeus e fariseus. No entanto, no NT, é mais comumente usado como um título de abordagem respeitosa quando outros estavam falando com Jesus. Foi usado por Natanael ([Jo 1.49](#)), por Pedro e André (v. 38), por Nicodemos ([3.2](#)), pelos discípulos como um grupo ([9.2](#); [11.8](#)) e por uma multidão em geral ([6.25](#)). Maria Madalena ([Mc 10.51](#)) e o cego Bartimeu ([Jo 20.16](#)) usam a forma mais longa, “rabboni”, para se dirigir a Jesus diretamente, indicando assim um respeito ainda mais profundo do que o uso do título menor “rabino”. Na época da escrita do Evangelho de João, o título “rabino” significava “mestre”; João afirma

explicitamente isso em [1.38](#) e implicitamente diz isso em [3.2](#).

Jesus condena os escribas e os fariseus por seu orgulho evidente exibido em seu amor de ser saudado nos mercados e sua insistência em ter as pessoas os chamando de “rabino” ([Mt 23.7-8](#)). Jesus proibiu o uso do título para seus próprios discípulos, dizendo: “Você não deve ser chamado de rabino”. No entanto, a proibição de Jesus era mais contra buscar ser chamado assim e insistir nisso do que a posse legítima do título em si. Na verdade, quando as pessoas usaram o título de Jesus de uma maneira reverente, elas não foram de nenhuma maneira repreendidas.

Rabôni*

Variante de rabino em [Mc 10.51](#) e [Jo 20.16](#). *Veja* Rabino.

Raca

Uma expressão depreciativa usada pelos judeus do primeiro século d.C. para demonstrar desprezo aberto por outra pessoa. *Raca* é derivado de um termo aramaico e hebraico que significa “vazio” ou “sem valor”. *Raca* significa “cabeça vazia”. Provavelmente insulta o intelecto de alguém, não a moral.

No Antigo Testamento, é comparável a:

- O bando inútil que Abimeleque contratou para segui-lo ([Jz 9.4](#));
- Os homens vadios que se reuniram ao redor de Jefté ([Jz 11.3](#));
- Os canalhas que se juntaram a Jeroboão ([2Cr 13.7](#)).

Mical acusou Davi de agir como um sujeito vulgar [*raca*] que se expôs descaradamente ([2 Sm 6.20](#)). A literatura rabínica usava esse termo para descrever uma pessoa imoral e sem educação.

Jesus advertiu contra chamar um irmão de “*Raca!*” ([Mt 5.22](#)). Jesus disse para julgar o insultador e puni-lo com a pena mais severa. O mandamento contra o assassinato ([Êx 20.13](#)) proibia o ato, bem como pensamentos de raiva e desprezo.

Rafa

Quinto filho de Benjamim ([1Cr 8.2](#)). Seu nome é omitido na lista anterior de [Gênesis 46.21](#).

Rafu

Um benjamita e pai de Palti. Palti foi um dos 12 espíões que Moisés enviou para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.9](#)).

Rainha

Uma palavra usada para descrever uma monarca reinante, uma rainha consorte ou uma rainha-mãe.

A Rainha de Sabá foi a mulher mais rica do mundo. Ela se tornou assim após visitar a luxuosa corte do Rei Salomão ([1Rs 10.1](#); [Mt 12.42](#); [Lc 11.31](#)). Ela chegou com um grande séquito e camelos carregando ouro, joias e especiarias. Candace, rainha da Etiópia, é mencionada em [At 8.27](#). Um eunuco, um ministro sênior em sua corte, foi convertido por Filipe enquanto visitava Jerusalém.

Na história judaica, Atalia reinou por seis anos. Ela pensou que havia matado todos os pretendentes rivais ao trono na família real ([2Rs 11.3](#)). Além disso, Salomé Alexandra sucedeu seu marido, Alexandre Janneus, como governante de 76 a 67 a.C. Uma rainha consorte geralmente desempenhava um papel menor. Duas exceções são Bate-Seba ([1Rs 1.15-31](#)) e Jezabel ([1Rs 21.1-29](#)). Bate-Seba queria que seu filho sucedesse ao trono. Jezabel tramou uma falsa acusação que levou à morte de Nabote.

A rainha-mãe desempenhava um papel poderoso. Ela não apenas governava a casa real, mas também era respeitada tanto pela corte quanto pelo monarca (cp. [Êx 20.12](#)). Seus pedidos dificilmente eram negados ([1Rs 2.20](#)). Como mãe do rei, ela era única. As esposas dele compartilhavam sua posição com outras. Maaca, rainha-mãe de Abias, até manteve sua autoridade durante grande parte do reinado de seu neto ([1Rs 15.2.10.13](#); [2Cr 15.16](#)). A rainha-mãe foi coroada ([Jr 13.18](#)). Bate-Seba, agora rainha, era poderosa o suficiente para sentar-se à direita do Rei Salomão ([1Rs 2.19](#)).

Raiva

Palavra normalmente usada na Bíblia para se referir a raiva, fúria e indignação. Na maioria dos casos, a raiva é considerada errada. [O Salmo 37.8](#) (NTLH), por exemplo, ordena. “Não fique com raiva não fique furioso.” Jesus fez paralelo da raiva com um assassinato quando disse: “Mas eu lhes digo que qualquer um que ficar com raiva do seu irmão será julgado”. ([Mt 5.22](#), NTLH) — como se a pessoa tivesse realmente cometido o assassinato que ela sentiu em seu coração irado. [Efésios 4.31](#) e [Colossenses 3.8](#) ambos listam raiva, juntamente com amargura, ira, malícia e calúnia, como atitudes das quais os cristãos devem se livrar de uma vez por todas. Em sua lista de atributos para um bispo ou pastor de uma igreja, o apóstolo Paulo disse que um líder cristão não deve estar propenso à raiva, isto é, facilmente provocado ([Tt 1.7](#)).

A Bíblia reconhece que os seres humanos ficam zangados; não condena a raiva em si mesma, mas o que muitas vezes acontece como resultado disso. Os seres humanos têm o hábito de deixar sua raiva tirar o melhor deles, fazendo-os pecar. É por isso que o apóstolo Paulo disse. “Se vocês ficarem com raiva, não deixem que isso faça com que pequem” ([Ef 4.26](#), NTLH). Quanto mais tempo uma pessoa permitir que a raiva continue, maior o perigo de que ela desenvolva qualidades pecaminosas, abrindo espaço para Satanás (ver [Ef 4.27](#)).

Um tipo positivo de raiva também é mencionada na Bíblia. “Indignação justa” se refere ao extremo desprazer de um coração santo incapaz de tolerar qualquer tipo de pecado. A ira de Deus contém este elemento. o homem deveria ser bom, mas ele peca — e Deus está irado “porque este povo quebrou a aliança que o SENHOR, o Deus dos seus antepassados, fez com eles quando os tirou do Egito. Eles se ajoelharam diante de outros deuses e os adoraram, deuses cujo amor eles não haviam sentido, deuses que Deus não havia indicado para serem adorados pelo seu povo” ([Deuteronômio 29.25-26](#)). Foi nesse sentido também que a raiva de Moisés ardeu no Monte Sinai e o fez despedaçar as tábuas da aliança no chão quando viu o bezerro de ouro e a idolatria de Israel ([Êx 32.19](#)).

No NT, Marcos diz que Jesus olhou com raiva para os fariseus, que estavam esperando pegá-lo quebrando a lei deles ([Mc 3.5](#)). A raiva de Jesus também foi demonstrada em sua purificação do templo ([Jo 2.13-22](#)); que deveria ter sido um lugar de oração, mas estava sendo usado como um local de negócios. Então Jesus “entrou no Templo e começou a expulsar os mercadores e seus clientes.

Ele derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras daqueles que vendiam pombas” ([Mt 21.12](#), NTLH). Sua santa indignação não era nem uma fraqueza, nem um pecado. Tal raiva é uma resposta apropriada à iniquidade e injustiça, especialmente quando elas estão aparentemente impunes.

Raiz de Jessé

Veja Jessé, Raiz de.

Ramá

1. Uma das cidades localizadas no território dado à tribo de Benjamim como herança, listada entre Gibeão e Beerote ([Js 18.25](#)). Raquel, esposa de Jacó, foi enterrada perto desta cidade ([Mt 2.18](#); cp. [Gn 35.16-21](#); [Jr 31.15](#)). Ramá, que ficava perto de Betel, foi o lugar onde Débora julgou Israel ([Jz 4.5](#)). Esta cidade foi um local de descanso temporário para um levita e sua concubina viajando para o norte de Belém ([Jz 19.13](#)). Durante o período do reino dividido, de 930 a 722 a.C., o Rei Baasa de Israel fortaleceu Ramá. De Ramá, Baasa conseguiu impedir uma invasão do exército judaico do Rei Asa. Mais tarde, Baasa deixou a cidade e apressou seu exército para o norte para lutar contra um ataque sírio liderado pelo Rei Ben-Hadade I por volta de 885 a.C. Asa destruiu as defesas militares de Ramá e usou o material para construir as cidades de Geba e Mispa ([1Rs 15.17-22](#); [2 Cr 16.1-6](#)). O exército assírio, liderado por Senaqueribe, invadiu Judá através das cidades de Geba, Ramá e Gibeá em 701 a.C. contra o Rei Ezequias e Jerusalém ([Is 10.29](#)). Mais tarde, o Rei Nabucodonosor usou Ramá para deter os judeus que estavam sendo deportados para a Babilônia. Aqui Nebuzaradã, o capitão da guarda, libertou Jeremias de entre os cativos ([Jr 40.1](#)). Após o cativeiro babilônico, o povo que vivia em Ramá retornou com Zorobabel para a Palestina e reconstruiu a cidade ([Ed 2.26](#); [Ne 7.30](#)). Alguns sugerem que, após o exílio na Babilônia, Ramá era outra cidade benjaminita localizada mais a oeste, perto da planície costeira ([Ne 11.33](#)). O local de Ramá é identificado com a moderna vila de Er-Ram, 8 quilômetros ao norte de Jerusalém.

2. Uma cidade no Neguebe marcando a fronteira sul da tribo de Simeão dentro da terra de Judá ([Js 19.8](#)). Também é chamada de Ramote do Neguebe ([1Sm 30.27](#)) e Baalate-Beer ([Js 19.8](#); cp. [1Cr 4.33](#)). *Veja* Baalate-Beer.
3. Uma cidade na fronteira da tribo de Aser. É mencionada como estando entre Sidom e Tiro ([Js 19.29](#)).
4. Uma das 19 cidades fortificadas dadas à tribo de Naftali. É mencionada como estando entre Adama e Hazor ([Js 19.36](#)). É a cidade moderna de Er-Ramé, cerca de 17,7 quilômetros a noroeste do Mar da Galileia.
5. A casa dos pais de Samuel, Elcana e Ana, é o local de nascimento de Samuel ([1Sm 1.19](#); [2.11](#)). Tornou-se sua casa mais tarde ([1Sm 7.17](#); [16.13](#)). Samuel julgou Israel em Ramá, Betel, Gilgal e Mispa ([1Sm 7.17](#)). Saul encontrou Samuel pela primeira vez nesta cidade ([1Sm 9.6-10](#)). Aqui, os anciãos de Israel pediram a Samuel que nomeasse um rei para eles ([1Sm 8.4](#)). Mais tarde, Davi refugiou-se aqui do Rei Saul ([1Sm 19.18-20.1](#)). Samuel foi enterrado em Ramá ([1Sm 25.1](#); [28.3](#)). Ramá é alternadamente chamada de Ramataim-Zofim em [1 Samuel 1.1](#).
6. Um nome abreviado para Ramote-Gileade ([2Rs 8.29](#); [2 Cr 22.6](#)). *Veja* Ramote-Gileade.

Ramate-Leí

Local onde Sansão derrotou os filisteus com a mandíbula de um jumento ([Jz 15.17](#)). *Veja* Leí.

Ramate-Mispa

Nome alternativo para Mispa, uma cidade no território de Gade, em [Josué 13.26](#). *Veja* Mispa #4.

Ramatita

Habitante de Ramá ([1Cr 27.27](#)), embora não seja certo qual Ramá.

Ramessés (Lugar)

Um lugar (também chamado de Ra'amses ou Ramsés) mencionado com Pitom em [Êxodo 1.11](#). É um dos locais onde os hebreus foram forçados a trabalhar em projetos de construção para o Faraó. Aqui, eles sofreram sob pesados fardos impostos pelos oficiais do Faraó. Mais tarde, eles escaparam dessa opressão e começaram sua jornada para a terra Prometida ([Êx 12.37](#); [Nm 33.3](#)). A localização exata deste lugar é importante para determinar quando o Êxodo do Egito aconteceu.

O poderoso rei Ramessés II (que governou de 1290 a 1224 a.C.) construiu muitos edifícios na região do Delta Leste. O ambicioso faraó desejava criar um novo centro para seu reino. Ele escolheu Avaris, a antiga residência de sua família, como ponto de partida. Seu pai já havia construído um palácio de verão lá. No lado norte de Avaris, Ramessés II construiu um magnífico palácio que ele chamou de Pi-Ramessés.

Especialistas debateram onde este local estava realmente situado. Alguns sugeriram que era em Pelusim (no Mar Mediterrâneo) ou em Tanis (também chamada de Zoã). A sugestão de Tanis agora é rejeitada porque a alvenaria lá era feita de material reutilizado de outros lugares e não de construção original.

No entanto, 30,6 quilômetros ao sul de Tânis, perto da cidade de Qantir, arqueólogos encontraram restos significativos. Estes incluem:

- um palácio iniciado por Seti I (pai de Ramessés II);
- uma fábrica de vidros próxima;
- casas de príncipes e altos funcionários;
- vestígios de um templo e salões de reuniões públicas.

Essas descobertas são agora reconhecidas como o local de Ra'amses (Pi-Ramessés). O centro original, construído pelos hicsos (um grupo de governantes estrangeiros), foi destruído quando esses estrangeiros foram expulsos do Egito no início da 18ª dinastia (por volta de 1552-1306 a.C.). O local

foi abandonado por um tempo, mas mais tarde foi reconstruído durante a 19ª dinastia. Ramessés II decorou extensivamente o palácio de seu pai e estabeleceu áreas próximas para suas forças militares:

- um local de encontro para seus carros de guerra;
- um campo de treinamento para sua infantaria, e;
- uma área de atracação para os seus navios.

Veja também Egito, Egípcio; Pitom.

Ramessés (Pessoa)

O nome de 11 reis que governaram o Egito durante as dinastias egípcias 19 e 20 (também escrito Ramessés).

Ramessés II

Ramessés II governou por cerca de 67 anos (de aproximadamente 1290 a 1224 a.C.). Ele era conhecido como Ramessés, o Grande, principalmente por ter construído muitas estruturas importantes. Estas incluíam:

- seu templo funerário em Tebas (conhecido como Ramesseum);
- o templo esculpido na rocha em Abu Simbel, na Núbia, e;
- acréscimos aos templos de Karnak e Luxor.

As imagens nas paredes de seu templo o mostram como um grande líder militar. Ele lutou contra os hititas em Kadesh, no rio Orontes. Durante essa batalha, ele cometeu um erro sério que quase lhe custou a vida. A batalha terminou sem um vencedor claro, mas Ramessés a retratou como uma vitória egípcia em seus templos no Ramesseum e em Abu Simbel. Seu acordo de paz com os hititas é o tratado de paz internacional mais antigo conhecido. Algumas pessoas sugeriram que ele foi o faraó que oprimiu os israelitas, mas isso não é provável ([Êx 1.8-11](#)).

Ramessés III

Ramessés III, que governou de 1195 a 1124 a.C., fazia parte da 20ª dinastia. Ele protegeu o Egito de

uma invasão dos Povos do Mar em uma batalha que ocorreu tanto em terra quanto no mar no Delta do Nilo. Ele construiu um grande complexo de templo funerário e uma residência real na área de Tebas, em um lugar chamado Medinet Habu.

Na parede externa norte da área do templo, estão as primeiras imagens conhecidas de uma batalha naval. Entre os inimigos capturados estão os Peleset, que muitos acreditam serem os filisteus. As paredes externas também exibem cenas esculpidas excelentes de caçadas de leões e touros selvagens.

No final do reinado de Ramessés III, surge o famoso Papiro Harris, que lista todos os presentes que o rei deu ao deus Amon. Durante esse período, trabalhadores nos cemitérios reais entraram em greve porque não foram pagos. Greves semelhantes ocorreram durante os tempos de Ramessés IX e Ramessés X. Registros do final do reinado de Ramessés III mencionam um julgamento por conspiração nos aposentos das mulheres reais, que aparentemente resultou na morte de Ramessés III.

Outros Reis Ramessés

Os outros reis chamados Ramessés foram governantes menores que não desempenharam papéis importantes na história. A instabilidade do Egito durante esse período é demonstrada pelo roubo generalizado de tumbas reais. Uma investigação complexa e questionável desses roubos foi conduzida durante o reinado de Ramessés IX.

Veja também Egito, Egípcio.

Ramessés (pessoa)

Forma alternativa do egípcio Ramsés das dinastias 19 e 20. *Veja* Ramsés (Pessoa).

Ramias

O filho de Parós, que atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa estrangeira após o exílio ([Ed 10.25](#)).

Ramo

Um ramo é um broto ou rebento que cresce de uma árvore ou arbusto. Na Bíblia, essa palavra possui significados tanto literais quanto simbólicos.

No sentido literal, "ramo" refere-se aos três conjuntos de braços que se estendem do eixo principal do candelabro dourado no tabernáculo (p. ex., [Êx 25.31-36](#)). A palavra também é usada para os ramos de palmeira que as pessoas usavam para construir abrigos temporários durante a antiga festa judaica dos Tabernáculos ([Lv 23.40-43](#)).

No sentido figurado, "ramo" é utilizado como símbolo em profecias sobre o Messias (o escolhido de Deus) e em outros ensinamentos espirituais. Na Bíblia, os usos metafóricos de "ramo" aparecem em várias passagens. Israel é descrito como diferentes tipos de plantas com ramos:

- uma oliveira ([Os 14.6](#)),
- um cedro ([Ez 17.23](#)), e
- uma videira ([Ez 17.6](#); compare [Sl 80.8-11](#)).

A imagem de um "ramo" com seu novo crescimento muitas vezes representa prosperidade e bênção na Bíblia ([Gn 49.22](#); [Jó 8.16](#); [Sl 80.8-11](#); [Ez 36.8](#)).

Ramos também podem simbolizar julgamento quando são descritos como sendo cortados, quebrados, murchos ou queimados ([Jó 18.16](#); [Is 9.14](#); [Jr 11.16](#)). Jesus combinou três dessas ideias (murchar, ser cortado ou ser queimado) em uma metáfora ([Jo 15.6](#)). De maneira semelhante, o apóstolo Paulo escreveu que os judeus que não acreditavam seriam quebrados como ramos ([Rm 11.19-21](#)).

O uso mais importante do simbolismo do ramo na Bíblia refere-se ao Messias prometido da linhagem da família do rei Davi. Embora esse simbolismo tenha se tornado comum durante o tempo dos profetas, suas origens remontam a muito antes na Bíblia. O conceito de um "ramo" foi usado para descrever pessoas importantes como:

- um servo pessoal do rei ([Gn 40.9-13](#)),
- o patriarca José ([Gn 49.22](#)),
- Jó ([Jó 29.19](#)), ou
- Nabucodonosor, o rei da Assíria ([Dn 4.12](#)).

Passagens como [2 Samuel 23.4](#) e [Salmo 132.17](#) falam da linhagem davídica como "crescendo" ou "brotando" (que é o significado literal dos verbos hebraicos usados nesses versículos). Finalmente, imagens de uma colheita abundante foram usadas para descrever as bênçãos que viriam quando o Messias viesse e governasse (compare [Lv 26](#) com as passagens proféticas mencionadas anteriormente). A partir desses usos anteriores, faz sentido que o termo "ramo" por fim se tornasse um título especial para o Messias em profecias posteriores.

Ramote-Gileade

Cidade situada na área de Transjordânia de Gileade e provavelmente identificável com Tell Ramith, embora o local de Tell el-Husn também tenha sido sugerido. Inicialmente, referências bíblicas dizem respeito a Ramote em Gileade ([Dt 4.43](#); [Js 20.8](#); [21.38](#)), enquanto mais tarde é chamada de Ramote-Gileade. Nomes combinados foram usados para evitar confusão com cidades do mesmo nome em outras localidades.

Ramote-Gileade, uma possessão da tribo de Gade, aparece pela primeira vez na narrativa bíblica como uma das três cidades de refúgio da Transjordânia ([Dt 4.43](#)), posteriormente incluída nas seis cidades de refúgio para todo Israel ([Js 20.8](#)). Foi atribuída aos meraritas como uma das 48 cidades levíticas ([21.38](#)) e provavelmente estava localizada ao longo da Estrada Real, que atravessava essa área.

Durante o tempo de Salomão, Ramote-Gileade era uma cidade central de destaque no sexto distrito administrativo e a residência de Ben-Geber, o oficial-chefe desse distrito ([1Rs 4.13](#)). Após a divisão do reino, esta cidade fronteira foi tomada pelos arameus e tornou-se um local de disputa entre Israel e Arã. A batalha final do rei Acabe começou com seu desejo de retomar Ramote-Gileade. Ao tentar convencer seu aliado Josafá, rei de Judá, a apoiá-lo nessa manobra, ele trouxe muitos profetas que falaram palavras favoráveis e vitoriosas ao rei ([1Rs 22](#); [2Cr 18](#)). Não convencido,

Josafá consultou a palavra do Senhor através de Micaías, um profeta do Senhor, que alertou sobre o desastre iminente. A mensagem foi ignorada e Acabe foi morto em Ramote-Gileade. O filho de Acabe, Jorão, também lutou contra Arã aqui e foi ferido em batalha ([2Rs 8.29](#); [2Cr 22.6](#); também chamada de Ramá). Pouco depois, Eliseu enviou um dos filhos dos profetas a Ramote-Gileade, onde ungiu Jeú para ser rei sobre Israel ([2Rs 9.1-14](#)).

Veja também Cidades de refúgio; Cidades levíticas.

Ranúnculo

RANÚNCULO

A flor do campo, ou ranúnculo persa (*Ranunculus asiaticus*) é uma das flores ou ervas do campo ([Mt 6.28-30](#)). É uma planta vistosa que floresce em todas as cores brilhantes, exceto azul. Suas flores duplas às vezes medem 5,1 centímetros de diâmetro.

RÁPIDO, Jejum

Comer com moderação ou abster-se de alimentos por completo, seja por necessidade ou desejo. Em termos médicos, jejum é a desintoxicação do corpo por meio da restrição de alimentos.

O jejum espiritual envolve deixar de lado atividades, além de reduzir a ingestão de alimentos, substituindo essas atividades pelo exercício da oração e pela dedicação a questões espirituais. A palavra do NT traduzida como “jejum” significa literalmente alguém que não comeu, alguém que está vazio.

Três tipos de jejum são geralmente reconhecidos: *normal*, no qual não há ingestão de alimentos por um período de tempo determinado, embora possa haver consumo de líquidos; *parcial*, no qual a dieta é restrita, embora algum alimento seja permitido; e *absoluto*, no qual há uma abstinência total de alimentos e líquidos em todas as formas.

No Antigo Testamento, o jejum era visto como um ato de renúncia pessoal destinado a aplacar a ira de Deus e movê-lo a agir com graça. Em tempos de emergência, o povo jejuava para persuadir Deus a poupá-los de calamidades iminentes ([Jz 20.26](#); [1Sm 7.6](#); [1Rs 21.9](#); [2Cr 20.3](#); [Jr 36.6,9](#)). Indivíduos jejuavam na esperança de que Deus os libertasse de problemas ([2Sm 12.16-20](#); [1Rs 21.27](#); [Sl 35.13](#);

[69.10](#)). O jejum era acompanhado por oração ([Ed 8.21](#); [Ne 1.4](#); [Jr 14.12](#)).

Os jejuns regulares geralmente duravam um dia, da manhã à noite, com comida permitida à noite ([Jz 20.26](#); [1Sm 14.24](#); [2Sm 1.12](#)), embora haja relatos de jejuns mais longos, como o chamado de Mordecai para um jejum de três dias (especificado como noite e dia—[Ed 4.16](#)) e o jejum de sete dias na morte de Saul ([1Sm 31.13](#); [2Sm 3.35](#)). Entre os jejuns especiais estavam os 40 dias de Moisés no Monte Sinai ([Êx 34.28](#)) e o jejum de três semanas de Daniel antes de receber visões ([Dn 9.3](#); [10.3,12](#)).

Em geral, no AT, o jejum era abusado. Em vez de ser um ato sincero de renúncia própria e submissão a Deus, o jejum tornou-se um ritual vazio, onde uma pretensão de piedade era apresentada como uma imagem pública. Assim, os profetas clamam contra a insensibilidade de tal hipocrisia. Jeremias registra o Senhor dizendo: “Mesmo que jejuem e orem, eu não os ouvirei” ([Jr 14.12](#), NTLH; veja [Is 58.1-10](#)).

O cenário para a compreensão do NT sobre o jejum está no desenvolvimento da tradição rabínica que surgiu no período entre os Testamentos, durante o qual o jejum se tornou o marco distintivo do judeu piedoso, embora ainda fosse em grande parte ritualístico. Votos eram confirmados pelo jejum ([Tb 7.12](#)), remorso e penitência eram acompanhados pelo jejum ([2Ed 10.4](#)), e a oração era apoiada pelo jejum ([1Mc 3.47](#)). Dias de jejum especiais eram observados, alguns impostos voluntariamente ([2Mc 13.12](#); [2Ed 5.13](#)).

Isso se desenvolveu em uma tradição rabínica na qual o jejum era visto como meritório e, portanto, tornou-se o principal ato de demonstração de piedade. No entanto, era uma falsa piedade que consistia principalmente nos aspectos externos da observância meticulosa dos dias de jejum, tanto públicos quanto privados. Com exceção de grupos ascéticos como os discípulos de João Batista, o sentimento predominante em relação ao jejum quando Jesus apareceu na cena era de tristeza lamentosa, uma necessidade obrigatória, um requisito autoimposto para promover a disciplina da abnegação.

A compreensão de Jesus sobre o jejum é significativa, pois representa uma mudança no papel do jejum. Sua atitude inicial, sem dúvida, refletia o fato de que ele cresceu participando dos jejuns regulares e, portanto, compartilhava os ensinamentos predominantes de sua época. No entanto, seu ensino maduro sobre o jejum rompe

com a tradição rabínica. Dois relatos relacionados a Jesus e o jejum são importantes: seu jejum como parte de sua tentação no deserto ([Mt 4.2](#); [Lc 4.2](#)), e seu ensino sobre o jejum no Sermão da Montanha ([Mt 6.16-18](#)).

A tentação dele surgiu no contexto de luta. Imediatamente após seu batismo, ele foi levado ao deserto pelo Espírito para enfrentar a tentação de Satanás. Durante sua tentação, ele jejuou e orou, demonstrando assim sua dependência de Deus.

As palavras de Jesus sobre o jejum no Sermão da Montanha apresentam uma abordagem radicalmente diferente do jejum voluntário. Ao condenar o tipo de jejum que busca favor com os homens por meio de uma exibição ostensiva de piedade exterior, Jesus ensinou, em vez disso, uma fé robusta que busca a genuinidade da relação com Deus através de um coração puro. Jesus não condena o jejum em si, nem o proíbe. Ele, no entanto, dá-lhe um novo significado. O jejum é serviço a Deus.

Este novo entendimento do jejum está situado no contexto do início do tempo da salvação. O Noivo está aqui. É um tempo de alegria, não de tristeza. Consequentemente, o tom predominante do jejum como expressão de luto e piedade fingida é inconsistente com o espírito da nova era que começou.

Os ensinamentos de Jesus podem ser resumidos assim: o jejum é transcendido pelo início dos tempos escatológicos. O reinado do Messias quebrou o poder da era do mal. O jejum parece não ser mais consistente com o espírito de gratidão e alegria que marca a estrutura da nova era, já que a vida cristã não deve ser dominada pela tragédia, mas pela alegria e felicidade. No entanto, o reino não está totalmente realizado. Há um lugar para o jejum, devidamente compreendido. O jejum deve ser feito dentro do contexto da alegre gratidão da nova vida em Cristo. O contexto do jejum é a oração. Deve conformar-se às mesmas condições da oração: quietude discreta diante de Deus, surgindo da gratidão, expressando agradecimento, fundamentada na fé, como um meio de crescimento espiritual.

Veja também Oração.

Raposa

Um pequeno mamífero selvagem, carnívoro e semelhante a um cão, com várias espécies que existiam na Palestina no período bíblico.

Tipos de raposas

A raposa vermelha da Terra Santa (*Vulpes palaestinae*) se assemelha à raposa norte-americana, mas é menor que um lobo. Esta criatura noturna caça sozinha. Ela possui uma cauda longa e peluda, com cerca de metade do comprimento do seu corpo. Ela consome uma ampla variedade de alimentos, incluindo:

- Frutas
- Plantas
- Ratos
- Besouros
- Pássaros

No entanto, não come animais mortos. Uvas são sua comida favorita, mas seu hábito de cavar pode danificar vinhedos ([Ct 2.15](#)). A raposa é inteligente e conhecida por sua astúcia ([Lc 13.32](#)). Ela tem considerável resistência e pode correr a velocidades de até 48 quilômetros por hora. Os judeus que reconstruíam o muro de Jerusalém foram insultados com a ideia de que uma raposa pulando sobre ele o derrubaria ([Ne 4.3](#)).

A raposa egípcia (*Vulpes niloticus*) é encontrada nas partes central e sul da Terra Santa. É um pouco menor que a raposa vermelha comum. Suas costas são de cor ferrugem e sua barriga é clara. A raposa síria (*Vulpes flavescens*), que vive na parte norte da Terra Santa, tem uma cor dourada brilhante.

Algumas referências do Antigo Testamento, como [Sl 63.10](#) e [Lm 5.18](#), são traduzidas como "raposa" na versão Almeida Revista e Corrigida, mas provavelmente se referem a chacais. Chacais, não raposas, caçam em matilhas e tendem a agir como necrófagos. Veja Chacais.

Raquel

Linda filha mais nova de Labão; ela era a esposa favorita de Jacó. Ele a conheceu pela primeira vez quando chegou a Harã em Padã-Arã. Lá, ele a ajudou cuidando das ovelhas de seu pai. Ele removeu uma pedra de um poço para dar-lhes água

([Gn 29.10](#)). Jacó amava profundamente Raquel. Ele concordou em trabalhar sete anos para Labão pela mão dela em casamento. Seus sete anos de serviço pareceram apenas alguns dias por causa de seu grande amor por ela. Labão, enganador, quebrou seu acordo. Ele fez Jacó se casar com Lia, sua filha mais velha e menos atraente, antes de lhe dar Raquel. Ao contrário de Lia, Raquel era estéril nos primeiros anos de seu casamento com Jacó ([Gn 30.1](#)). Então, ela deu sua serva, Bila, a Jacó para ter filhos. Assim, através deste costume antigo comumente aceito, Dã e Naftali nasceram. Com o tempo, a própria Raquel concebeu e deu à luz José ([Gn 30.22-25](#)). Depois disso, Jacó levou suas esposas, filhos e posses para longe de Harã.

Em algum lugar entre Betel e Belém, Raquel morreu ao dar à luz Benjamim ([Gn 35.16.19](#)). Jacó ergueu uma coluna sobre seu túmulo ali, um marco conhecido até nos dias de Saul ([1Sm 10.2](#)). Raquel e Lia são altamente consideradas como aquelas que edificaram a casa de Israel ([Rt 4.11](#)). Em [Jeremias 31.15](#), Raquel é retratada chorando por seus filhos sendo levados para o cativeiro. Mais tarde, Mateus relembra as palavras de Jeremias no massacre dos infantes do sexo masculino por Herodes ([Mt 2.18](#)).

Veja também Jacó #1.

Rato

Um rato é um pequeno animal com uma longa cauda e pernas curtas. De acordo com a Bíblia, os ratos eram considerados animais cerimonialmente impuros porque rastejam perto do chão ([Lv 11.29](#)).

Os camundongos que vivem com humanos (chamados de "camundongos comensais" pelos cientistas) geralmente têm caudas mais longas e pelagem mais escura do que os camundongos selvagens. Os camundongos selvagens são mais ativos à noite. Todos os camundongos conseguem escalar e nadar bem. Os camundongos selvagens comem muitos tipos diferentes de plantas, como sementes, raízes macias, folhas e caules. Eles também guardam e armazenam alimentos para comer mais tarde.

A palavra hebraica para "camundongo" provavelmente se refere a vários ratos e camundongos ([Lv 11.29](#); [1Sm 6.4-5](#); [Is 66.17](#)). A palavra vem de uma expressão que significa "destruidor de grãos", pois esses animais danificavam as colheitas dos agricultores. Na região da Palestina, existem pelo menos 23 tipos de

roedores semelhantes a camundongos. Eles estragam alimentos, danificam propriedades e carregam pulgas. Essas pulgas espalham doenças como tifo, febre maculosa e peste bubônica. É possível que bactérias da peste tenham causado tumores ou inchaços nos filisteus ([1Sm 6.5](#)).

Em [Isaías 66.17](#), há uma referência a pessoas comendo ratos como parte das práticas religiosas dos antigos cananeus. Isso pode estar se referindo a hamsters em vez de ratos. Mesmo hoje, algumas pessoas no Oriente Médio comem certos tipos desses pequenos animais (e.g., muitos consideram os gerbos uma iguaria especial).

Veja Toupeira.

Reabias

Levita, filho de Eliézer, o sacerdote e neto de Moisés ([1Cr 23.17](#); [24.21](#); [26.25](#)).

Reba

Reba foi um dos cinco reis de Midiã. Moisés ordenou a morte desses reis por ordem de Deus, pois eles haviam levado os israelitas a adorar falsos deuses ([Nm 31.8](#); [Js 13.21](#)).

Rebeca

Filha de Betuel e esposa do patriarca Isaque. Seu nome, que significa "bem alimentada" ou "escolhida", aparece 31 vezes em Gênesis (principalmente nos caps [24-27](#)) e uma vez em [Romanos 9.10](#).

O pai de Rebeca era Betuel, que por sua vez era filho de Milca e Naor, irmão de Abraão ([Gn 22.20-23](#)). Abraão era seu tio-avô e, eventualmente, também seu sogro. Labão, o pai de Lia e Raquel, era seu irmão. Assim, seu filho Jacó casou-se com suas duas primas, que eram irmãs.

[Gênesis 24](#) é o relato da busca bem-sucedida do servo de Abraão por uma esposa para Isaque. Ele foi a Arã-Naharaim (noroeste da Mesopotâmia) em obediência a Abraão, que não queria que seu filho se casasse com uma cananeia local. Em resposta à oração do servo, Rebeca não apenas deu de beber ao homem, mas também deu água aos seus camelos. Após uma certa quantidade de hospitalidade ser oferecida e o pagamento ser feito,

Rebeca foi de bom grado encontrar seu novo marido.

Rebeca deu à luz gêmeos, Esaú e Jacó ([25.20-27](#)). Ela preferia Jacó, o mais novo, a Esaú e participou do engano contra seu marido para garantir o direito de nascimento para Jacó. Disfarçar Jacó para que ele se sentisse, parecesse e cheirasse como Esaú, o homem do campo, foi ideia dela. Ela também preparou o prato favorito de Isaque para facilitar o evento ([27.5-17](#)).

As Escrituras registram pouco mais sobre a vida dela, mas relatam que ela foi sepultada ao lado de seu marido na caverna de Macpela, perto de Manre ([49.31](#)).

Veja também Isaque.

Reca

Cidade em Judá ocupada por Estom, Bete-Rafa, Paseia, Teína, Ir-Naás e suas famílias ([1Cr 4.12](#)).

Recabitas

Descendentes de Recabe, pai de Jonadabe ([Jr 35.2-18](#)). *Veja* Recabe #2.

Recâmaras do Sul

Possivelmente uma constelação de estrelas, ou as vastas extensões do céu austral sem estrelas ([Jó 9.9](#), [ARC](#)).

Veja Astronomia.

Recolher, Recolhimento

Prática de permitir que os pobres sigam os ceifeiros em um campo para recolher espigas de grãos que foram deixadas para trás (cp. [Lv 19.9; 23.22; Dt 24.19; Rt 2.2-23](#)). Vinhedos, assim como campos de grãos, deveriam estar disponíveis para respigar ([Lv 19.10; Dt 24.20-21](#)). Oliveiras, no entanto, não deveriam ser revisitadas uma segunda vez (cp. [Jz 8.2; Js 17.6; 24.13; Jr 6.9; Mq 7.1](#)).

Recompensa

O pagamento ou compensação por ações boas ou más. Muitas vezes, refere-se aos benefícios ou consequências resultantes das ações de alguém. Este conceito envolve responsabilidade ética e prestação de contas. Termos relacionados a esta ideia incluem:

- Salários;
- Contratação;
- Premiação;
- Retribuição.

Esses termos abrangem todas as recompensas, incluindo interações cotidianas e a resposta de Deus ao comportamento humano. Eles se aplicam tanto a esta vida quanto à próxima.

Para os gregos e hebreus, a ideia de recompensa estava ligada à ideia de completar uma ação. Assim como um trabalhador recebe pagamento pelo seu trabalho, acredita-se que uma ação traga certos resultados, seja uma recompensa ou um castigo. Este conceito é refletido na linguagem comercial, como quando Paulo diz: "O salário do pecado é a morte" ([Rm 6.23](#)). Isso significa que se espera que as ações tenham consequências equivalentes.

As visões bíblicas sobre recompensa são tanto éticas quanto religiosas. A aliança de Deus com Israel era um sinal de seu favor e das bênçãos prometidas para a obediência aos seus mandamentos. A desobediência, no entanto, levaria a desastres e morte. [Deuteronômio 28](#) detalha as bênçãos para a obediência e as maldições por não fazer o que era certo e bom aos olhos do Senhor (veja também [Lv 26](#)). Durante a peregrinação no deserto, a desobediência levou ao sofrimento e à morte. A história do tempo dos juízes e reis mostra que a fidelidade trouxe bênçãos, e o pecado trouxe punição. A vitória e a prosperidade nacional estavam ligadas a seguir os mandamentos de Deus ([Js 1.7-9](#); cp. [Jz 2](#)).

Às vezes, esse padrão de recompensa e punição não parecia fazer sentido. A crença judaica era que Deus é misericordioso e perdoador. O perdão envolve remover a punição pelo pecado. Como está escrito: "Ele não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades" ([Sl 103.10](#)).

Em Eclesiastes, o escritor observou que a vida nem sempre segue o princípio da retribuição. Ele apontou uma visão um tanto cínica quando os

justos sofrem e os ímpios prosperam. Os amigos de Jó acreditavam que seu sofrimento era devido a um pecado oculto, mas Jó manteve sua integridade. No final, Jó foi recompensado por sua fidelidade.

Na época de Jesus, o judaísmo havia evoluído significativamente. A lei romana havia substituído o antigo sistema legal. No entanto, o judaísmo ainda valorizava as boas obras e encorajava as pessoas a acumularem mérito para a bênção de Deus ([Tb 4.7-10](#); [Eclo 51.30](#)). Os fariseus acreditavam que a observância cuidadosa da lei conquistaria o favor de Deus. Eles pensavam que as boas ações seriam recompensadas e os pecados seriam punidos, se não nesta vida, então no futuro.

Jesus também ensinou sobre recompensa, especialmente no Sermão da Montanha ([Mt 5-7](#)). Ele disse que Deus abençoaria aqueles que demonstram certas qualidades morais ([Mt 5.1-12](#)). Pessoas que agem para serem elogiadas por outros receberão apenas esse elogio, mas aqueles que buscam agradar a Deus serão recompensados por ele ([Mt 6.1,4,6,18](#)). Jesus desafiou a ideia de recompensa com a parábola dos trabalhadores ([Mt 20.1-16](#)). Nela, todos receberam o mesmo salário, independentemente de quanto tempo trabalharam. Ele ensinou que devemos trabalhar por motivos além de apenas receber recompensas. Na parábola do bom pastor, Jesus contrasta o mercenário, que trabalha apenas por salário, com o pastor, que morrerá pelas ovelhas ([Jo 10.11-14](#)). Um servo que apenas cumpre seu dever não merece recompensa especial ([Lc 17.9-10](#)).

Paulo introduziu uma nova perspectiva sobre recompensa, especialmente em relação à salvação. A salvação não é mais vista como o resultado de fazer mais o bem do que o mal. É um presente do favor divino que não pode ser conquistado ([Rm 4.4-5](#)). A salvação não é conquistada, mas dada por um Deus amoroso. No entanto, recompensas ainda são dadas por boas ações após a salvação ter sido concedida. O livro de [1 Coríntios 3.8-14](#) ensina que a qualidade das obras de uma pessoa será avaliada e recompensada, mas a salvação em si não é baseada em obras. No entanto, as obras importam para o destino eterno de alguém ([Cl 3.24](#); [Ap 14.13](#)).

Veja também Coroa; Julgamento.

Rede

Uma rede é uma ferramenta feita de cordas ou fios entrelaçados para formar uma malha (muitos quadrados abertos ou buracos). As pessoas usavam redes principalmente para pescar.

Nos tempos bíblicos, os pescadores frequentemente usavam dois tipos de redes. Um tipo era lançado à mão ([Mt 4.18](#)). O outro tipo era puxado entre barcos ou arrastado pela água ([Jo 21.6](#)).

Redes também eram usadas como uma imagem de perigo ou julgamento. Por exemplo, a Bíblia diz que pessoas más serão apanhadas em suas próprias redes ([Ec 9.12](#); [Ez 12.13](#)). Isso significa que elas serão presas por seus próprios planos.

Veja Pescadores.

Redemoinho

Qualquer vento forte e potencialmente destrutivo ([Jó 27.20](#); [Sl 77.18](#); [Dn 11.40](#)). Redemoinho, por vezes, são chamados de redemoinhos de poeira (ou, demônios de poeira em algumas culturas). Embora redemoinhos sejam comuns nas regiões áridas do Oriente Médio, a aparente fúria e destrutividade dos "redemoinhos" bíblicos torna improvável que os relativamente inofensivos redemoinhos de poeira sejam o que se quer dizer (compare [Am 1.14](#); [Hc 3.14](#)). Ventos sirocos dos desertos orientais às vezes têm forma ciclônica, mas os ventos nas Escrituras podem não ser redemoinhos no sentido técnico.

Redemoinhos bíblicos eram frequentemente associados à atividade divina. Elias foi levado ao céu por um redemoinho ([2Rs 2.1,11](#)). Deus frequentemente falava do meio da tempestade ([Jó 38.1](#); [40.6](#); [Sl 77.18](#)). A descrição da destruição súbita do julgamento divino era frequentemente associada a tempestades, tormentas e redemoinhos ([Os 8.7](#); [Am 1.14](#); [Na 1.3](#); [Hc 3.14](#)).

Redentor, Redenção

Palavras em inglês derivadas de uma raiz latina que significa "comprar de volta", assim seu significado é a libertação de qualquer posse, objeto ou pessoa, geralmente pelo pagamento de um resgate. Em grego, a palavra raiz significa "resgatar" ou "soltar", ou seja, libertar. O termo é usado para libertar de correntes, escravidão ou prisão.

Palavras do Antigo Testamento e do Novo Testamento

Para uma compreensão completa do conceito de redenção, é necessário olhar para o AT. Há três palavras diferentes usadas em hebraico, dependendo da situação específica, que transmitem a ideia de redenção. O significado desses termos redentores repousa nos costumes legais, sociais e religiosos que são estranhos para a cultura moderna. Uma compreensão da cultura é necessária para uma compreensão da terminologia e seu uso.

O primeiro termo usado para redenção tem um contexto legal. O verbo *padah* é usado quando um animal substitui (ou redime) uma pessoa ou outro animal. O substantivo derivado da raiz significa "o resgate" ou o "preço pago". Quando um ser vivo, pessoa ou animal, requer redenção, a substituição deve ser feita, ou o preço pago. Caso contrário, o animal deve ser morto ([Êx 13.13](#); [34.20](#)). No entanto, a lei nunca permitiu que uma pessoa fosse morta nesses casos. Uma pessoa tinha que ser redimida sem exceção.

A palavra *padah* também é usada para outros tipos de resgate ou resgate. Por exemplo, pode descrever quando alguém paga o preço para libertar um escravo israelita. Também pode significar pagar um resgate para salvar uma pessoa em perigo ([Êx 21.8](#); [16.23](#)).

O conceito de redenção tinha um significado especial para os primogênitos. O macho primogênito, tanto homem quanto animal, pertencia a Deus. Em teoria, o primogênito foi sacrificado a ele. Isso foi feito no caso de muitos animais, mas o primogênito humano e alguns animais foram redimidos ([Êx 13.13](#); [34.20](#); [Nm 18.15-16](#)). Na redenção do filho primogênito, um animal foi substituído, embora mais tarde uma quantia de dinheiro tenha sido paga ([Nm 18.16](#)).

O segundo termo envolvido é a raiz hebraica *ga'al*, que é usada principalmente em relação às regras e obrigações familiares, as leis que governam os direitos e deveres de propriedade da família. Por exemplo, se uma parte da propriedade fosse perdida por um membro da família, o parente próximo tinha tanto o direito quanto a obrigação de redimir esta propriedade. Este direito de redenção protegia a herança da família. O substantivo derivado desta raiz é equivalente à raiz português "redenção", e a pessoa que compra de volta a propriedade é o *go'el* ou o redentor.

Um israelita que foi forçado a se vender como escravo para pagar suas dívidas poderia ser redimido por um parente próximo ou até por si ([Lv 25.47-49](#)). A terra também pode ser redimida da mesma maneira ([25.25-28](#); [Ir 32.6-9](#)).

O direito de redenção se estendia também às pessoas em circunstâncias especiais. A obrigação de um homem de se casar com a viúva de seu irmão é bem conhecida. No livro de Rute, o direito de redenção é estendido a um parente distante. Nesta história, Boaz redimiu não apenas a propriedade, mas também Rute, e ela se tornou sua esposa ([Rt 3.13](#); [4.1-6](#)).

O terceiro termo usado em hebraico é o verbo raiz *kaphar*, que significa "cobrir". Desta raiz vêm os termos que significam cobrir o pecado ou expiar. O substantivo derivado, *kopher*, significa o preço pago para cobrir o pecado, quando o termo é usado no sentido religioso.

O termo é usado para significar o pagamento feito por qualquer vida que deveria ser sacrificada. Uma boa ilustração é o preço pago pelo proprietário de um boi que havia chifrado uma pessoa até a morte. Sob a lei, a vida do proprietário foi comprometida, mas ele poderia se redimir pagando o resgate necessário ([Êx 21.28-32](#)).

Os três termos hebraicos são traduzidos para diferentes palavras gregas na Septuaginta. As raízes *padah* e *ga'al* são frequentemente traduzidas por *lutroō* ("redimir, libertar, resgatar") e seu substantivo relacionado *lutron* ("resgate"). A raiz *kaphar* é geralmente traduzida por palavras que significam "fazer expiação", como *exilaskomai*. Embora as palavras hebraicas sejam distintas, o grego destaca seu foco comum: redenção sempre envolve um preço sendo pago, um resgate ocorrendo ou alguém sendo libertado.

Deus como Redentor

No AT, o objeto da redenção de Deus é geralmente as pessoas como um todo, ou a nação, em vez de indivíduos. O início deste conceito de redenção nacional é visto na libertação de Deus do povo da escravidão no Egito. Embora eles estivessem em escravidão, seu Deus os resgatou ([Êx 6.6](#); [Dt 15.15](#)).

Conforme indicado pelos termos usados para redimir ou resgatar, o pagamento de um preço estabelecido ou a substituição de outra vida estavam envolvidos. Quando o conceito redentor é aplicado a Deus como o sujeito, ele liberta — sem o pagamento de um preço — pela sua própria força ou poder: "Eu sou o Senhor, e te libertarei de sua

escravidão no Egito. Eu os resgaterei com meu braço poderoso e com grandes atos de julgamento” ([Êx 6.6](#), NVT; cf. [Dt 15.15](#)). O mesmo pensamento é levado adiante em outros tempos de necessidade e libertação, como o tempo do exílio. Deus é o libertador nacional (por exemplo, [Is 29.22](#); [35.10](#); [43.1](#); [44.22](#); [Jr 31.11](#)).

Novamente, não há sugestão de que Deus pagou um preço para libertar seu povo. Deus redime pelo seu próprio poder. “Pois assim diz o Senhor: ‘Quando eu a vendi ao exílio, não recebi pagamento algum. Agora a resgaterei sem ter de pagar por você’ ” ([Is 52.3](#), NVT). Quando Ciro deixou o povo livre, foi novamente sem o pagamento de um preço ([45.13](#)).

Na comunidade cristã, especialmente nos primeiros séculos da igreja, surgiu a ideia de que um preço de resgate era necessário para pagar pelos pecados. Na verdade, muitas vezes se ensinava que o pecador estava, de fato, cativo por Satanás. A morte de Cristo foi o preço do resgate pago por Deus a Satanás para libertar pessoas pecadoras. Este ensino não é apoiado pelas Escrituras. A morte de Cristo é uma expiação feita pelo pecado, mas isso não significa que sua morte era um preço pago a Satanás. Deus não é retratado em qualquer lugar nas Escrituras como entrando em tal transação de comércio com Satanás. A obra redentora da cruz deve sempre estar dentro do reino do mistério divino.

Redenção e o Messias

No AT, a redenção está intimamente ligada com a esperança messiânica. Desde o tempo do êxodo, Deus é revelado como libertador. A esperança de redenção é muito forte durante o Cativo. Os profetas constantemente falam de Deus como redentor ou libertador. Esta esperança deveria ser cumprida através do ungido de Deus, ou Messias, que seria da linhagem de Davi ([Is 9.1-6](#); [11.1-9](#); [Jr 23.5-6](#)).

A esperança messiânica cresceu mais durante os períodos de exílio e perseguição. Na verdade, durante os longos séculos de perseguição, esta esperança de um libertador messiânico foi mais forte do que nunca. Este período, geralmente chamado de período intertestamentário, durou cerca de quatro séculos e se estendeu desde o último dos profetas até o tempo de João Batista e Jesus.

Os cristãos acreditam que em Jesus, o Cristo (ou Jesus, o Messias), vemos o cumprimento do conceito redentor do AT. A imagem redentora é

muito evidente nos Evangelhos. João Batista retratou Jesus de Nazaré como o cumprimento do reino redentor de Deus ([Mt 3.12](#)) e, portanto, o Messias de Israel. Jesus, o Filho do Homem, veio para dar a si mesmo como um resgate por muitos ([Mt 20.28](#); [Mc 10.45](#)). A obra do Messias foi vicária e substitutiva.

O mesmo pensamento ocorre especialmente nos escritos de Paulo. Cristo é a oferta pelo pecado ao Pai ([Rm 3.25](#)). A redenção é pela entrega de sua vida ([Atos 20.28](#)) por um povo comprado ([1Pe 2.9](#); veja também [1Co 7.22-24](#); [2Co 5.14-17](#)). Essas são todas as palavras ou expressões usadas para apresentar a ideia central de redenção ou expiação. Jesus Cristo é aquele que em si mesmo cumpriu o conceito de redenção das Escrituras e, por seu sacrifício, providenciou a redenção dos pecadores.

O conceito de redenção tem um significado profundo para o povo de Deus. No AT, ilustra a verdade de que Deus é o Salvador de seu povo da aliança. Embora Israel tenha caído em pecado negando a lei de Deus, Ele não os destruiu, mas os restaurou ao favor mediante o arrependimento.

Nos profetas, especialmente, a obra redentora de Deus deveria ser concluída através do Messias e seu sacrifício redentor. Os seguidores de Jesus acreditavam que ele era o Messias que forneceria redenção para o mundo inteiro. Juntamente com a ideia de redenção, está a força motivadora do amor divino como a base para a restauração ([Jo 3.16](#)). Aquele que crê será liberto da escravidão do pecado e encontrará favor novamente com seu Deus redentor.

Veja também Expiação; Resgate; Salvação.

Refa

Pai de Resefe da tribo de Efraim ([1Cr 7.25](#)).

Refaim

1. Uma palavra hebraica que se refere a sombras ou espíritos desencarnados, cujo local de habitação era a morada de Sheol ([Pv 2.18](#); [9.18](#); [21.16](#)). Os refains do submundo sofriam angústia ([Jó 26.5](#)) e estavam separados de Deus ([Sl 88.10-12](#)) e de todas as pessoas vivas ([Is 26.14](#)). Seu ser imaterial tinha uma semelhança enfraquecida e sombria com sua antiga corporeidade ([Is 14.9](#)).

2. Um povo poderoso e de alta estatura vivia na Palestina durante os dias de Abraão. Os refains, junto com os zuzins, emins e horeus, foram derrotados por Quedorlaomer e seus exércitos aliados ([Gn 14.5](#)). Eles eram uma das nove nações que habitavam na Palestina na época em que o Senhor prometeu dar a terra aos descendentes de Abraão ([15.20](#)). Os antigos refains eram chamados de emins pelos moabitas e de zanzumins pelos amonitas; eles eram comparáveis em tamanho e número aos gigantes anaquins ([Dt 2.11,20](#)). Ogue, rei de Basã, era o último dos refains. Ele foi posteriormente morto e seu reino despojado pelos israelitas sob Moisés ([Dt 3.11](#); [Js 12.4](#); [13.12](#)). Talvez os gigantes entre os filisteus fossem descendentes dos refains ([2Sm 21](#); [1Cr 20](#)).

Veja também Gigantes.

Refaíta

Tradução alternativa usada antigamente para Refaim. *Veja* Refaim #2.

Refeições, Significado de

As refeições eram importantes na vida familiar, social e religiosa. A refeição noturna era quando todos os membros da família se reuniam, sendo essencial para o vínculo. Fornecer comida para viajantes era um dever social e religioso. Amigos visitavam para comer com a família e discutir seus problemas diários. As refeições ainda são importantes tanto no Judaísmo, com a refeição da Páscoa, quanto no Cristianismo, com a celebração da ceia do Senhor.

Tipos de refeição

No antigo Oriente Próximo, as pessoas faziam duas refeições por dia. A primeira era ao meio-dia, consumida no campo pelos trabalhadores. Consistia em pequenos bolos, pães achatados, figos, azeitonas e possivelmente queijo de cabra ou coalhada. Esta era uma refeição leve, feita para uma pausa do calor e do trabalho ([Rt 2.14](#)). Nos tempos bíblicos não costumavam tomar café da manhã. A Bíblia menciona apenas refeições matinais umas poucas vezes ([Jz 19.5](#); [Jo 21.12](#)).

Em Israel, a refeição da noite era o evento social mais importante do dia. Os trabalhadores voltavam para casa para relaxar e desfrutar da refeição com

a família. Esta refeição ocorria ao pôr do sol, quando estava escuro demais para trabalhar.

O que as pessoas consumiam

Uma refeição típica incluía pães ou bolos feitos de grãos moídos à mão, queijo de cabra ou coalhada, e vegetais como feijões, lentilhas, alho-poró, ervilhas, figos, azeitonas, passas e tâmaras. A carne estava disponível, mas era um luxo para a maioria das pessoas. A comida era cozida em azeite de oliva e adoçada com mel.

Como as pessoas se alimentavam

As famílias comiam juntas, geralmente sentadas no chão com um tapete como mesa ([Gn 37.25](#)). Mais tarde, adotaram costumes cananeus e usaram cadeiras e pequenas mesas ([1Rs 13.20](#); [Sl 23.5](#); [Ez 23.41](#)). O costume egípcio de comer em posição reclinada tornou-se popular até o período romano. Em ocasiões especiais, música, dança e enigmas eram oferecidos para a família e convidados.

Nos tempos do Novo Testamento, as salas de jantar às vezes ficavam em um cômodo separado no andar de cima. Os convidados reclinavam-se sobre o cotovelo esquerdo para comer e conversar facilmente. Em refeições importantes, as pessoas sentavam-se em uma ordem definida, da pessoa mais importante para a menos importante (compare [Gn 43.33](#); [1Sm 9.22](#); [Mt 23.6](#); [Mc 12.39](#); [Lc 14.8](#)). O lugar de honra ficava à direita do servo ao entrar na sala. O lugar menos importante ficava à esquerda do servo.

Os convidados lavavam as mãos antes e depois das refeições. Eles comiam ensopado de uma tigela comum. O ensopado podia conter carne, vegetais ou ambos. Pedacos de pão eram usados para pegar o ensopado da tigela. Normalmente, havia apenas um prato principal, então o cozinheiro podia comer com os convidados em uma refeição comunitária.

Refeições no Novo Testamento

Jesus frequentemente compartilhava refeições com seus discípulos e amigos. Ele e seus seguidores foram convidados para o banquete de casamento realizado em Caná da Galileia ([Jo 2.1-10](#)), e também para um jantar oferecido por Mateus ([Mt 9.10](#)). Eles também foram convidados para outro jantar oferecido por Simão, o fariseu ([Lc 7.36-50](#)). Jesus foi recebido para jantar de forma um tanto inesperada por Zaqueu ([19.6-7](#)). Em várias ocasiões, Jesus foi convidado para uma reunião de família realizada na casa de Marta, Maria e Lázaro

em Betânia ([Lc 10.38-42](#); [Jo 12.2](#)). Seguindo os costumes de cidades e vilarejos menores, pessoas que passavam pela casa podiam muito bem ter entrado para cumprimentar Jesus e talvez conversar com outros convidados.

Refeições religiosas importantes

Existem duas refeições importantes descritas nas Escrituras. Uma envolve a antiga aliança e a outra a nova aliança (alianças são promessas entre Deus e seu povo). Ambas as refeições tinham um significado redentor para o povo de Deus. A primeira foi a instituição da Páscoa na época da saída de Israel do Egito sob Moisés ([Êx 12](#)). A segunda foi a instituição da ceia do Senhor. Ambas são discutidas em detalhes em artigos separados.

Havia outras refeições importantes na Bíblia. Por exemplo, os israelitas frequentemente faziam refeições para celebrar a Deus quando traziam seus sacrifícios ([Dt 14:24-26](#)). A Bíblia também fala de um dia em que haverá uma grande festa no reino de Deus ([Is 25:6](#); [Lc 14:25](#); [Ap 19:9](#)).

Veja também Alimentos e preparação de alimentos; Festas e festivais de Israel; A ceia do Senhor; Páscoa.

Refidim

Um lugar onde os israelitas acamparam durante sua jornada pelo deserto após saírem do Egito. [Êxodo 17.1](#) nos informa que Refidim foi onde os israelitas pararam após viajar pelo Deserto de Sim. [Números 33.12-15](#) fornece mais detalhes, dizendo que após o Deserto de Sim, eles primeiro acamparam em Dofca, depois em Alus, depois em Refidim, antes de continuarem para o deserto do Sinai.

Vários eventos ocorreram em Refidim durante as viagens pelo deserto de Israel. Ao chegarem em Refidim, os israelitas descobriram que não havia água para beber. Seguindo as instruções de Deus, Moisés golpeou uma rocha em Horebe com seu cajado, e água jorrou para todos beberem. No entanto, Moisés renomeou Refidim como "Massá" (que significa "teste") e "Meribá" (que significa "contenda") porque os israelitas duvidaram que Deus estava com eles e proferia para eles ([Êx 17.1-7](#)).

Refidim também foi o local onde os israelitas enfrentaram os amalequitas em batalha. Josué liderou os combatentes israelitas, e Deus prometeu

dar a vitória a Israel enquanto Moisés mantivesse suas mãos levantadas. Arão e Hur ajudaram Moisés a manter suas mãos erguidas durante todo o dia, e os israelitas venceram a batalha contra os amalequitas.

A localização de Refidim é incerta. Alguns estudiosos sugerem que estava no Uádi-Refayid, no sudoeste do Sinai. Outros acreditam que pode ter sido perto do moderno Jebel Musa, em Uádi-Feirã, ou em Uádi es-Sheykh.

Veja também Peregrinações no deserto.

Refúgio, Cidades de

Veja Cidades de refúgio.

Regém

Filho de Jadaí e descendente de Calebe ([1Cr 2.47](#)).

Regém-Meleque

Um dos delegados enviados para perguntar se o jejum para comemorar a destruição do templo deveria continuar ([Zc 7.2](#)). O nome pode referir-se a uma pessoa ou pode ser um título que significa "amigo do rei".

Regeneração*

Renascimento espiritual que produz um novo começo. Descreve a nova vida do crente em Cristo ([Tt 3.5](#)) e a nova ordem que começará com o retorno de Cristo ([Mt 19.28](#)). Ocorre na maioria das versões em português apenas nesses dois textos. Isso não significa, no entanto, que o conceito não seja importante. Uma variedade de outras palavras e figuras é usada com frequência pelos escritores bíblicos para descrever a mesma renovação interior do coração.

Escritores seculares também falam de regeneração. Para os filósofos estoicos, significava um retorno a um antigo estado de existência. Eles se referiam ao ciclo anual das estações como uma regeneração. Para os escritores bíblicos, no entanto, regeneração significa uma renovação em um nível superior. É um começo radicalmente novo, em vez de uma mera restauração das

condições anteriores. Esta renovação envolve uma mudança poderosa na pessoa. É uma obra do Espírito Santo, quebrando o domínio do pecado e implantando atitudes e desejos adequados. A pessoa regenerada faz a vontade de Deus de maneira livre e alegre. O objetivo final da regeneração é a criação de um novo céu e nova terra que serão totalmente justos e sem pecado ([2Pe 3.13](#)). O presente trabalho do Espírito Santo no crente é um prelúdio desta futura regeneração cósmica ([Ef 1.13-14](#)). Os novos céus e a nova terra ainda são futuros. Mas a renovação do povo de Deus, prevista pelos profetas do AT, já é uma realidade ([Is 65.17](#); [66.22](#); [2Pe 3.13](#); [Ap 21.1](#)).

O crente agora possui uma nova vida de Deus por meio do processo de nascimento espiritual. Os cristãos nascem de Deus ([Jo 1.12-13](#)). E é apenas através deste nascimento espiritual que alguém pode participar do reino de Deus e receber seu Espírito. Os nascidos na família de Deus refletem seu caráter justo ([1Jo 2.29](#)). Eles estão libertos do pecado habitual ([3.9](#); [5.18](#)). Em [Tiago 1.18](#), este processo de nascimento é atribuído ao poder da Palavra de Deus.

Estendendo esta metáfora para a regeneração, Jesus ensinou Nicodemos sobre a necessidade absoluta de nascer de novo, ou nascer de cima, como um pré-requisito para entrar no reino de Deus. Aqueles que assim renascem, possuem uma esperança viva ([1Pe 1.3](#)). Novamente, este novo nascimento é trazido através do poder da Palavra de Deus (v. [23](#)).

A experiência inicial de regeneração é seguida por uma renovação contínua na vida do cristão. Os recém-nascidos devem desejar o leite espiritual puro da Palavra de Deus para crescer ([1Pe 2.2](#)). Paulo exorta a uma transformação contínua pela renovação da mente ([Rm 12.2](#); [Ef 4.23](#)). A nova pessoa permanece em um processo de renovação constante ([Cl 3.10](#)), e o seu interior é renovado diariamente ([2Co 4.16](#)).

O resultado presente do novo nascimento é uma nova pessoa ou criação para quem as coisas velhas são substituídas por novas ([2Co 5.17](#)). O objetivo da vida cristã é essa nova criação, em vez de uma participação superficial em práticas religiosas ([Gl 6.15](#)). Envolve deixar de lado a velha natureza ([Ef 4.22](#)) e revestir-se da nova natureza (v. [24](#)). Em última análise, no entanto, isso nunca é o resultado do esforço humano sozinho. Somos criação de Deus ([2.10](#)).

Ver também Expição; Conversão; Redentor, Redenção; Arrependimento; Salvação.

Regente de coro

Diretor de música; mencionado nas superscrições de 55 salmos. *Veja* Música; Instrumentos Musicais.

Região montanhosa dos amalequitas

AMALEQUITAS, Região montanhosa (monte) dos

Uma área perto de Piratom em Efraim, provavelmente cerca de 9 quilômetros a oeste de Siquém ([Jz 12.15](#)). É mencionada na Bíblia Hebraica, mas não nos manuscritos gregos do Antigo Testamento. Alguns estudiosos acham a referência confusa. No entanto, é possível argumentar, com base em [Juízes 5.14](#) e [12.15](#), que havia um pequeno distrito amalequita em Efraim.

A região montanhosa dos amalequitas é, às vezes, chamada de "serra dos amalequitas".

Região Selvagem

Terra que é basicamente selvagem e pouco habitada ou imprópria para o assentamento humano permanente. (Na maioria das Bíblias em português a região selvagem é traduzida apenas como "deserto" - Nota do tradutor). Pode ser deserto, montanhas, floresta ou pântano.

No Oriente Próximo, a região selvagem é caracteristicamente seco, desolado e principalmente rocha e areia. É acidentado, irregular e entrelaçado com correntes d'água secas. A região selvagem não é completamente improdutivo, mas fornece pasto sazonal para rebanhos, dependendo da chuva.

[Joel 2.22](#) declara que "os pastos da região selvagem são verdes", e o [Salmo 65.12](#) afirma que os pastos do deserto pingam de riqueza. Mas Jeremias diz que "os pastos do deserto estão secos" ([Jr 23.10](#); cf. [Il 1.20](#)). E Jó se refere ao deserto como uma terra onde nenhum humano pode viver ([Jó 38.26](#)); é um lugar para vários animais e pássaros, como aves selvagens, chacais, abutres e corujas ([Sl 102.6](#); [Jr 2.24](#); [Is 13.22](#); [34.13-15](#)).

Certos setores selvagens são identificados pelo nome e estão relacionados com cidades, pessoas ou eventos definidos. Agar vagou na região selvagem de Berseba ([Gn 21.14](#)). No Êxodo do Egito, os israelitas atravessaram os seguintes desertos: Sur, ([Êx 15.22](#)), Etã ([Nm 33.8](#)), Sim ([Êx 16.1](#)), Sinai ([19.1-2](#)), Zim ([Nm 13.21](#); [20.1](#)), Parã ([13.26](#)), Cades, ([Sl 29.8](#)), Moabe ([Dt 2.8](#)) e Quedemote (v. [26](#)). Quando Davi estava fugindo de Saul, Davi se escondeu na região montanhosa do deserto de Zife ([1Sm 23.14-15](#)), no deserto de Maom (vv. [24-25](#)) e no deserto de En-Gedi ([24.1](#)).

Apesar da desolação comparativa do deserto, aldeias ou cidades às vezes são associadas com um cenário desértico. [Josué 15.61-62](#) lista os nomes de seis cidades e suas aldeias “no deserto”. A alegria futura das cidades do deserto é proclamada por Isaías ([Is 42.11](#)).

O deserto está associado tanto com austeridade quanto com tentação. Elias, por seu modo de vida e sua roupa, é muitas vezes pensado em conexão com o deserto. Seu sucessor, Eliseu, teve a ocasião de ministrar no deserto de Edom ([2Rs 3.4-27](#)).

Isaías profetizou sobre a mensagem de João Batista, que pregou no deserto da Judeia ([Is 40.3](#); [Mt 3.1-3](#); [Mc 1.2-4](#); [Lc 3.1-6](#); [Jo 1.23](#)). Jesus, cheio do Espírito Santo, foi levado pelo Espírito para o deserto por 40 dias. Lá, ele foi tentado pelo diabo (cf. [Lc 4.1-2](#)), mas ali também os anjos o serviram ([Mc 1.13](#)). Os anacoretas (eremitas) do Egito e a comunidade de Qumran perto do Mar Morto usaram o deserto como uma fuga dos males da vida urbana. Jesus, no entanto, usou o deserto como um lugar de oração e comunhão com o Pai ([Lc 5.16](#)).

Ver Deserto; Peregrinações pelo Deserto.

Regimento Italiano, Batalhão Italiano, Coorte Italiana

O Regimento Italiano era uma unidade militar romana. Algumas versões da Bíblia o chamam de "Coorte Italiana" ou "Banda Italiana". Esta foi a unidade à qual Cornélio, o centurião, pertencia. O Regimento Italiano aparece uma vez na Bíblia ([At 10.1](#)). A Almeida Revista e Corrigida usa a expressão "coorte". A versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje usa "batalhão".

O exército romano possuía unidades militares adicionais chamadas de *regimentos auxiliares*. Esses grupos eram geralmente compostos por homens de diferentes partes do império. Os

homens judeus geralmente não eram obrigados a servir nessas unidades. Alguns regimentos tinham nomes especiais, como "Italiano" ou "Augustiniano" (o que significa que serviam ao Imperador) ([At 27.1](#)). Parece que a maior parte do Regimento Italiano era composta por cidadãos romanos nascidos em Roma. Cada regimento tinha seis unidades menores chamadas de *centúrias*. Cada centúria tinha cerca de 100 homens e era liderada por um centurião. Cornélio era o centurião de uma dessas centúrias. Dez regimentos juntos formavam uma Legião, que tinha cerca de 6.000 homens.

Inscrições mostram que um Regimento Italiano esteve na Síria entre 69–157 d.C. Pode ter estado lá antes, mas não temos registros militares desse período.

Régio

Régio era um importante porto no sul da Itália. O apóstolo Paulo parou lá a caminho de Roma ([At 28.13](#)).

O navio de Paulo veio de Malta e parou primeiro em Siracusa, a principal cidade da Sicília. Quando o vento não vinha do sul, o navio pode ter navegado com cautela pelo Estreito de Messina. Lá, os marinheiros encontraram um bom porto em Régio.

Mais tarde, um vento sul começou a soprar. Esse vento ajudou a levar o navio de Régio a Putéoli. Putéoli era um importante porto no golfo de Nápoles. Muitos navios de grãos de Alexandria chegavam ali.

O Estreito de Messina era bem conhecido pelos marinheiros romanos. Os navios precisavam passar por ele para chegar à costa oeste da Itália. No entanto, tratava-se de uma passagem muito estreita e perigosa, com muitos lugares rasos e outros obstáculos. Por causa disso, os navios frequentemente tinham que esperar em Régio até que um forte vento sul soprasse.

O nome *Régio* (agora chamado Reggio ou Reggio di Calabria) pode derivar de uma palavra grega que significa "rasgar". As pessoas diziam que a Sicília parecia ter sido arrancada do continente. Régio era o porto mais próximo do lado italiano.

Rei

A palavra *melek* (rei) ocorre mais de 2.000 vezes no Antigo Testamento hebraico. Pode referir-se a Deus ([Sl 95.3](#)) ou a governantes humanos. Geralmente, designa alguém investido com autoridade e poder supremos sobre seus súditos. No Antigo Testamento, a palavra *melek* designa o governante de uma tribo (“os reis de Midiã,” [Nm 31.8](#)), uma cidade (Jericó, Ai; cf. [Js 12.9-24](#), onde são listados 31 reis de cidades-estado conquistadas pelos israelitas), uma nação (Israel, Judá, Amom, Moabe, Aram) ou uma potência internacional (como Egito, Assíria, Babilônia ou Pérsia). Outras palavras também podem referir-se à realeza. Os filisteus introduziram o título *seren* (Senhor) no vocabulário hebraico. As cinco cidades filisteias eram governadas por cinco senhores. Outra palavra para um rei israelita é *nagid* (governante). Tanto Saul quanto Davi foram ungidos como *nagid* sobre Israel ([1Sm 10.1](#); [16.13](#)). No Novo Testamento e na Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, a palavra grega *basileus* tem um significado semelhante ao hebraico *melek*. O *basileus* do Novo Testamento refere-se a governantes seculares que viveram no primeiro século, reis de Israel, governantes do passado e ao Rei divino, Jesus Cristo.

A expressão “Rei dos reis”, atribuída a Jesus ([1Tm 6.15](#)), é uma expressão hebraica que significa rei supremo ou maior rei. Por exemplo, na previsão de Ezequiel sobre a queda de Tiro, Nabucodonosor é chamado de “rei dos reis” ([Ez 26.7](#)). Os grandes governantes da Assíria e Babilônia introduziram este título. Antes de seu tempo, os governantes eram chamados de “rei” ou “Grande rei”, como em [2 Reis 18.28](#): “Escutem o que o grande rei, o rei da Assíria, está dizendo a vocês!” (NTLH). Governantes posteriores tiveram seus títulos ajustados para acompanhar a expansão de seus impérios.

Realeza em Israel

Deus escolheu Abraão como o pai das nações; através dele e de seus descendentes, o governo messiânico seria estabelecido na terra. Em suas promessas a Abraão, Deus repetidamente assegurou-lhe que ele se tornaria o pai de uma nação poderosa, a quem Deus daria a terra de Canaã, e que reis surgiriam de seus descendentes ([Gn 17.6](#)). Abraão mostrou sua aceitação do governo de Deus sobre sua família ao obedecer ao comando de Deus para ser circuncidado, o que separou o clã de Abraão para o serviço de Deus (vv.

[10-14](#)). O propósito final da relação de Deus com Abraão e seus descendentes era que Deus seria Rei sobre Israel e que seu povo demonstraria sua aceitação de seu governo por meio de sua obediência fiel a ele (v. [9](#)).

No coração da aliança estava a expectativa de Deus de lealdade ao seu governo. Abraão e seus descendentes deveriam exercer seu “domínio” dado por Deus sobre as nações, vivendo em comunhão com o Grande Rei. Assim, o Senhor restabeleceu seu domínio sobre a humanidade. Através de Abraão e seus descendentes, ele levantaria uma “nação real” à qual os plenos privilégios de domínio sobre sua criação seriam restaurados.

O Senhor também fez uma aliança com Israel. Esta aliança foi uma administração soberana de graça e promessa pela qual o Senhor consagrou o povo a si mesmo pelas sanções da lei divina e por sua própria presença. A nação, ao testemunhar o cuidado de Deus por eles, precisava aprender que, por meio da sua obediência às expectativas de Deus, o reino teocrático poderia se tornar uma realidade na terra. Na aliança sinaítica, a teocracia (o governo de Deus) foi estabelecida. Israel foi incumbido dos mandamentos, para que pudesse mostrar-se como uma nação teocrática, como Deus revelou a Moisés: “Agora, se me obedecerem e cumprirem a minha aliança vocês serão o meu povo. O mundo inteiro é meu, mas vocês serão o meu povo, escolhido por mim e me servirão como sacerdotes” ([Ex 19.5-6](#), NTLH). Eles eram os eleitos de Deus por causa das nações; através da obediência sacerdotal e intercessão de Israel, toda a terra poderia conhecer o Criador-Redentor.

As qualidades da realeza de Deus incluíam poder, glória, fidelidade, sabedoria, preocupação, serviço, delegação de poder ao homem, bênção e proteção, governo justo, julgamento, vindicação e libertação. A realeza de Israel deveria refletir a de Deus. Suas leis variadas e, por vezes, complexas ensinavam Israel a distinguir entre o sagrado e o comum, o limpo e o impuro, os caminhos de Deus e os das nações. Os caminhos de Deus promoviam amor, fidelidade, justiça, paz, harmonia, serviço, preocupação com os outros, vida sábia, defesa dos necessitados e julgamento dos culpados. Em contraste, os caminhos dos reinos do mundo frequentemente promoviam egoísmo, anarquia, despotismo e desrespeito pela justiça.

O Senhor também instituiu uma estrutura organizacional projetada para promover seus

propósitos teocráticos. No deserto, Moisés e os líderes escolhidos de Israel ([Êx 18.19-26](#); [Nm 11.24-25](#); cf. [Dt 1.15-18](#)) foram instrumentos de Deus para sustentar sua realeza em Israel. Após a morte de Moisés, Josué assumiu o governo teocrático. O Senhor estava com ele assim como estivera com Moisés, e todo Israel reconheceu a continuidade do governo de Deus na liderança de Josué ([Dt 34.9](#); [Js 3.7](#); [4.14](#)). Assim como Moisés antes de sua morte, Josué encarregou a liderança e Israel de perseverar na relação de aliança graciosa ([Js 23-24](#)). No entanto, Israel pereceu por causa de sua ganância, imoralidade, contenda e idolatria. Durante o período dos juízes, cada um fazia o que parecia certo aos seus próprios olhos ([Jz 17.6](#); [18.1](#); [19.1](#); [21.25](#)). Não havia rei na terra naqueles dias. Os juízes eram líderes militares que o Senhor levantava para libertar seu povo de seus opressores estrangeiros. Mas Deus permaneceu Rei, independentemente do fato de que Israel vivia como se ele não fosse. O período dos juízes demonstrou que Israel apóstata, desobediente ao seu Rei, não teve sucesso em lidar com as nações ao redor.

A liderança teocrática foi restaurada a Israel através do ministério de Samuel. Ele nasceu em uma família levítica e serviu ao Senhor no tabernáculo de Siló. Ele foi chamado para ser um profeta — um cargo que não havia sido ocupado desde a morte de Moisés ([1Sm 3.20-21](#)). Ele foi reconhecido como juiz em Israel ([7.15](#)). Em Samuel, os cargos de sacerdote, profeta e rei foram combinados. Ele nunca é chamado de rei, pois seu estilo de vida era o de um profeta em vez de um governante. O pedido cuidadosamente calculado do povo por um rei foi uma rejeição ao ministério de Samuel. O povo não estava satisfeito com a liderança espiritual e carismática de Samuel. Em sua busca por um líder mais dinâmico, encontraram nos reis das nações vizinhas elementos atraentes: poder, manifestação de glória e estabilidade. Até então, as tribos haviam experimentado várias guerras civis que colocavam em risco a unidade de Israel. Pensava-se que um rei remediaría todos os problemas sociais e políticos. Embora Deus tivesse previsto os dias da monarquia na lei ([Dt 17.14-20](#)), o povo estava motivado a introduzir a realeza por razões seculares em vez de religiosas: “Dê-nos um rei como todas as outras nações têm” ([1Sm 8.5](#)); “Queremos ser como as outras nações: queremos ter um rei para nos governar, para nos dirigir na guerra e lutar em nossas batalhas” (v. [20](#), NTLH).

Samuel nunca aceitou a ideia de realeza; era algo estranho ao ideal teocrático.

A diferença crucial entre a realeza em Israel e a realeza nas terras vizinhas estava no fato de que Deus dotou o rei de Israel com seu Espírito para estabelecer seu governo na terra. Deus governava por meio de seu povo, e seu povo se beneficiava de seu governo; ele era seu provedor, protetor e guerreiro divino.

Samuel foi fundamental na unção de Saul (um triste exemplo de reinado) e Davi (um bom exemplo de governo real sob Deus). O reinado de Saul revelou uma atitude despótica, indiferente e de autoengrandecimento. Ele estava determinado a estabelecer sua dinastia, sem se importar o suficiente com o povo de Deus. Portanto, o Senhor rejeitou seu reinado ([1Sm 15.23](#)).

A realeza de Davi, em contraste com a de Saul, estava alinhada com a de Deus porque refletia a glória da realeza de Yahweh. A vida e o governo de Davi são abordados nos dois livros de Samuel como um comentário sobre os prós e contras da realeza. Positivamente, Davi era um homem segundo o coração de Deus, que buscava a vontade de Deus, se arrependia de seus pecados e buscava a glória de Deus. Negativamente, Davi falhou em sua vida pessoal e familiar em manter os altos padrões da lei de Deus. No entanto, Deus ficou satisfeito em escolher a dinastia de Davi como a linhagem através da qual Jesus Cristo viria. O profeta Natã assegurou a Davi que sua dinastia duraria: “Você sempre terá descendentes, e eu farei com que o seu reino dure para sempre. E a sua descendência real nunca terminará” ([2Sm 7.16](#), NTLH). Mas Deus não prometeu que estaria imune a processos ou banimentos.

As qualidades excepcionais do reinado de Davi e de seu filho Salomão refletem a verdadeira intenção teocrática: preocupação com o Senhor, um coração de sabedoria e integridade, e o bem-estar do povo de Deus. A preocupação com o Senhor se expressou na preparação e construção efetiva do templo (cf. [Sl 132](#)). A preocupação com a integridade e sabedoria é claramente evidente, especialmente na resposta de Davi à repreensão de Natã ([2Sm 12](#)) e no pedido de Salomão por um coração de sabedoria ([1Rs 3](#)). A preocupação com o povo se manifesta na garantia das fronteiras contra inimigos, na obtenção da unificação nacional e na criação de oportunidades para o crescimento econômico. A era de Davi e Salomão representou um verdadeiro reflexo da realeza de Deus na terra.

Os relatos em Reis e Crônicas desdobram a história subsequente da realeza em Israel e Judá. Os bons reis seguiram os exemplos de Davi e Salomão ao proteger Jerusalém contra invasores estrangeiros, ao suprir as necessidades do templo, ao instruir o povo de Deus na palavra de Deus e ao modelar seu governo segundo a lei de Moisés. Um bom rei davídico amava o Senhor, o templo, a lei e o povo de Deus. Ele os servia como um Bom Pastor. Reis maus eram aqueles que rejeitavam esse modelo de realeza em favor dos modelos pagãos. Assim, Onri e Acabe introduziram a cultura fenícia com seu baalismo, desconsiderando completamente a herança de Israel.

O rei davídico era tratado como membro da casa de Deus, sendo um "filho" do Grande Rei (cf. [2Sm 7.14-16](#); [Sl 2.6-7](#)). O rei davídico deveria ser leal ao Grande Rei, Yahweh. Ele, assim como Moisés e Josué, recebia suas ordens diretamente do Senhor; mas, ao contrário de Moisés, a palavra do Senhor era mediada através dos profetas. Assim como Moisés e Josué, esperava-se que ele servisse a seu Deus e a seu povo.

O Rei Messias

Os descendentes de Davi não conseguiram manter e expandir a teocracia. Nos séculos VIII e VII a.C., ficou claro que mesmo os maiores reis eram ofuscados pela estatura de Davi e Salomão. Os profetas ([Is 9.2-7](#); [11.1-9](#); [Jer 33.14-16](#); [Ez 34.22-31](#); [Mi 5.2-5](#)) falaram de outro rei, o Messias, um descendente de Davi que governaria permanentemente e cujo governo estenderia o reinado de Deus até os confins da terra. Ele derrubaria toda oposição ao governo de Deus, removeria todos os inimigos e traria uma era de paz e justiça universais. O Rei-Messias revelaria as perfeições do governo divino, pois o Espírito de Deus estaria sobre ele. Seu reinado seria marcado pelo serviço ao povo de Deus, de modo que eles seriam um rebanho bem cuidado; ele os serviria como seu pastor.

Na vinda de Jesus, o reino messiânico é mais claramente revelado. Ele é o Rei de quem os anjos disseram: "Hoje mesmo, na cidade de Davi, nasceu o Salvador de vocês — o Messias, o Senhor!" ([Lc 2.11](#), NTLH). Estas palavras magníficas mostram continuidade com a palavra profética. Jesus é o Salvador, cujo papel inclui a libertação do pecado, mas também a libertação de todas as causas de adversidade, mal e os efeitos da maldição. Sua missão diz respeito tanto ao perdão quanto ao estabelecimento da paz na terra ([1.77-79](#)). À luz

disso, devemos olhar para o ministério de Jesus de cura, alimentação, oposição às forças do mal, sofrimento e ensino como o estabelecimento do reino de Deus na terra. Ele é o Rei que serve, luta contra os poderes demoníacos e vence. A ressurreição marca sua vitória, e ele é coroado com glória ao ser assentado à direita do Pai ([At 2.33-36](#); cf. [1Co 15.25](#)). Sendo o Salvador, ele não é outro senão Cristo o Senhor. A pregação apostólica inicial proclamava que Jesus é o Messias de Deus e o Senhor. A soberania de Jesus é um corolário de ser o Messias. Para aqueles que o invocam, ele é o Salvador-Messias-Senhor ([Rm 10.9-15](#)), mas para aqueles que o rejeitam, ele é o guerreiro divino, diante de quem todos os joelhos se dobrarão e que trará a era do julgamento do Pai (cf. [Ap 1.12-16](#); [19.11-21](#)).

Jesus ensinou aos seus discípulos que, em sua vinda em glória, ele se sentaria em seu trono e toda a humanidade lhe prestaria homenagem. Os inimigos de Deus serão expulsos de sua presença, e o povo de Deus herdará plenamente o reino ([Mt 25.31-46](#)). De acordo com o ensinamento de Jesus, espera-se que os membros de seu corpo, a igreja, realizem o ideal teocrático em suas vidas, para que, por suas obras e fé, possam glorificar o Pai e mostrar que são dele ([Jo 17.20-26](#); cf. [Mt 25.33-40](#)). Este é o modo bíblico de testemunho que Israel falhou em dar e que a igreja tem o privilégio de dar; como Paulo escreveu a Timóteo:

Agora, diante de Deus, que dá vida a todas as criaturas, e diante de Cristo Jesus, que deu o seu belo testemunho de fé em frente de Pôncio Pilatos, eu ordeno a você o seguinte: Cumpra a sua missão com fidelidade, para que ninguém possa culpá-lo de nada, e continue assim até o dia em que o nosso Senhor Jesus Cristo aparecer. Quando chegar o tempo certo, Deus fará com que isso aconteça, o mesmo Deus que é o bendito e único Rei, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, o único que é imortal. Ele vive na luz, e ninguém pode chegar perto dela. Ninguém nunca o viu, nem poderá ver. A ele pertence a honra e o poder eterno! Amém! ([1Tm 6.13-16](#), NTLH)

Então, Paulo dá várias instruções sobre como o povo de Deus deve demonstrar sua lealdade a Jesus. Ao longo do livro de Apocalipse, Jesus é visto como Rei sobre a igreja ([Ap 4.2.9-11](#); [5.1.9-13](#)). Em seu retorno, sua realeza será estabelecida. Nesse momento, os inimigos da cruz verão aquele que rejeitaram e se curvarão diante do Rei messiânico ([1Co 15.25-28](#)). "e então virá o fim. Cristo destruirá todos os governos espirituais, todas as autoridades

e poderes e entregará o Reino a Deus, o Pai” (v. [24](#), NTLH).

Veja também Israel, História de; Reino de Deus, Reino dos céus.

Reino De Deus, Reino Do Céu

O governo soberano de Deus, iniciado pelo ministério terreno de Cristo e consumado quando o reino do mundo se torna o reino de nosso Senhor e de seu Cristo ([Ap 11.15](#)).

Resumo

- Introdução
- Contexto do Antigo Testamento
- No Novo Testamento

Introdução

De acordo com o testemunho dos primeiros três Evangelhos, a proclamação do reino de Deus era a mensagem central de Jesus. Mateus resume o ministério galileu com as palavras “Jesus andou por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, anunciando a boa notícia do Reino” ([Mt 4.23](#), NTLH). O Sermão do Monte diz respeito a justiça que qualifica as pessoas a entrar no reino de Deus ([5.20](#)). A coleção de parábolas em [Mateus 13](#) e [Marcos 4](#) ilustra o “mistério” do reino de Deus ([Mt 13.11](#); [Mc 4.11](#)). O estabelecimento da Ceia do Senhor espera ansiosamente o estabelecimento do reino de Deus ([Mt 26.29](#); [Mc 14.25](#)).

O NT relata duas formas diferentes da expressão: “o reino de Deus” e “o reino dos céus”. O último é encontrado apenas em Mateus, mas Mateus também tem a expressão “o reino de Deus” quatro vezes ([Mt 12.28](#); [19.24](#); [21.31,43](#)). “O reino do céu” é uma frase semítica que teria sido significativa para os judeus, mas não para os gregos. Os judeus, em reverência a Deus, evitaram proferir o nome divino, e a literatura contemporânea dá exemplos de substitutos da palavra “céu” para Deus ([1Mc 3.18,50](#); [4.10](#); veja [Lc 15.18](#)).

A chave para uma compreensão do reino de Deus é que o significado básico da palavra grega *basileia*, como também do hebraico *malkut*, é governo, reinado, domínio. Muitas vezes encontramos no AT a expressão “no ano do reinado de...”, que significa no ano do reinado de um determinado rei (p. ex., [1Cr 26.31](#); [2Cr 3.2](#); [15.10](#); [Ed 7.1](#); [8.1](#); [Et 2.16](#); [Jr 10.7](#); [52.31](#)). Quando lemos que o reino de Salomão

se fortaleceu muito ([1Rs 2.12](#)), devemos entender que sua autoridade para reinar foi estabelecida. “Transferir o reino de Saul a [Davi]” ([1Cr 12.23](#), ARC) indica que a autoridade que havia sido de Saul foi dada a Davi. Como resultado de ter recebido autoridade legal, Davi se tornou rei. Esta ideia abstrata de *malkut* fica evidente quando é encontrada em paralelismos com ideias como poder, força, glória e domínio ([Dn 4.34](#); [7.14](#)).

Quando *malkut* é usado por Deus, quase sempre se refere à sua autoridade ou ao seu governo como o Rei celestial. “Eles falarão juntos sobre a glória de seu reino; eles celebrarão exemplos de seu poder. . . Porque seu reino é um reino eterno. Tu governas de geração em geração” ([Sl 145.11,13](#), NTLH).

Além disso, se um rei governa, deve haver um domínio ou esfera sobre a qual ele reina. Isso também é chamado de *malkut*. “Então o reino de Josafá estava quieto, pois seu Deus lhe deu descanso por todos os lados” ([2Cr 20.30](#), ARA; veja [Et 3.6](#); [Jr 10.7](#); [Dn 9.1](#); [11.9](#)).

Este mesmo uso duplo de *basileia* é encontrado no NT. Na verdade, *basileia* poderia ser traduzida pela expressão “poder real” em [Lucas 23.42](#) (NTLH) e por “realeza” em [João 18.36](#). Quando um nobre foi a um país distante para obter um “reino” ([Lucas 19.12](#)), ele foi até a autoridade governante para obter uma nomeação como rei. Quando Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo” ([Jo 18.36](#), NTLH), ele não quis dizer que seu governo não tem nada a ver com o mundo, mas sim que seu reinado — seu domínio — não vem do homem, mas de Deus. Portanto, ele rejeita o uso da briga mundana para ganhar seus fins.

Este significado central de *basileia* facilita entender muitos ditos nos Evangelhos. Na Oração do Senhor, a petição “Venha o teu reino” ([Mt 6.10](#)) é uma oração para Deus manifestar seu reinado, para que sua vontade possa ser feita na terra como é no céu. Quando lemos que devemos “receber o reino de Deus como uma criança” ([Mc 10.15](#), NTLH), devemos abrir nossos corações e vidas ao governo de Deus.

Também no NT há ditos sobre estar *no* reino ou de *entrar* no reino ([Mt 8.11](#); [Mc 9.47](#); [10.23–25](#); [Lc 13.28](#)). Não há objeção filológica ou teológica para entender “o reino de Deus” primeiro como o reino ou governo divino e segundo como a esfera de bênção na qual esse reino é experimentado.

Contexto do Antigo Testamento

A expressão “o reino de Deus” não é encontrada no AT, mas a ideia aparece em todos os profetas. Deus é frequentemente o Rei, tanto de Israel ([Êx 15.18](#); [Nm 23.21](#); [Dt 33.5](#); [Is 43.15](#)) quanto de toda a terra ([2Rs 19.15](#); [Sl 29.10](#); [47.2](#); [93.1-2](#); [96.10](#); [97.1-9](#); [99.1-4](#); [145.11-13](#); [Is 6.5](#); [Jr 46.18](#)). Embora Deus não seja o Rei terreno de Israel, outras referências falam de um dia em que Deus se tornará Rei e governará seu povo ([Is 24.23](#); [33.22](#); [52.7](#); [Ob 1.21](#); [Sf 3.15](#); [Zc 14.9-11](#)).

Este breve resumo da realeza de Deus fornece o esboço para todo o conceito do AT. Enquanto Deus é Rei sobre toda a terra, ele é de uma maneira especial, rei sobre seu povo, Israel. O governo de Deus é, portanto, algo percebido na história de Israel. No entanto, é apenas parcial e imperfeitamente realizado. Israel de novo e de novo se rebelou contra a soberania divina. Além disso, Israel era constantemente atormentado por guerras com seus vizinhos pagãos, nas quais nem sempre era vitorioso. Novamente, há males na natureza e no mundo físico que muitas vezes trazem sofrimento para o povo de Deus. Portanto, os profetas esperam um dia em que o governo de Deus será totalmente experimentado, não apenas por Israel, mas por todo o mundo. A principal ênfase dos profetas está na esperança, o estabelecimento do governo perfeito de Deus no mundo.

Os profetas descrevem o estabelecimento final do reino de Deus em termos de uma teofania — uma visitação divina ([Mq 1.3-4](#)). Zacarias prevê um “Dia do Senhor” quando todas as nações serão reunidas na batalha contra Jerusalém, quando o Senhor sair e lutar contra essas nações ([Zc 14.3,5](#)). Israel será visitado pelo Senhor ([Is 29.6](#)) e liberto de seus inimigos ([35.4](#); [59.20](#)). A vinda de Deus também significará julgamento ([2.21](#); [26.21](#)). Esta vinda final de Deus significará a salvação dos gentios, bem como de Israel ([Zc 2.10-11](#); cf. [Is 66.18-24](#)).

Por trás desta linguagem está uma teologia distinta do “Deus que vem”. É um fato amplamente reconhecido na teologia contemporânea do AT que o Deus do AT não é um deus da natureza, como os deuses de outros povos, mas um Deus da história — um Deus que visita seu povo para abençoá-los ou julgá-los. Deus visitou Israel no Egito para livrá-los da escravidão e para constituí-los como seu povo. O resgate do Egito não era meramente um ato de libertação; era um ato através do qual Deus se fez conhecido e através do qual Israel deveria conhecê-lo e servi-lo.

Porque Deus visitou seu povo repetidas vezes em sua história, ele deve finalmente vir a eles no futuro para julgar a maldade e estabelecer seu reino. A esperança de Israel está assim enraizada na história, ou melhor, no Deus que trabalha na história. Deus finalmente entrará na história em uma teofania gloriosa para estabelecer seu governo em toda a terra. A fonte do reino não é a própria história, mas o próprio Deus.

Enquanto os profetas visualizam o reino como vindo de Deus, o reino está sempre na terra. A incursão divina na ordem natural não se destina a realizar sua destruição, mas a abrir caminho para uma ordem nova e perfeita que surge da antiga e imperfeita. Os profetas não apresentam uma única imagem consistente da nova ordem. Às vezes, a nova ordem é muito descrita em termos deste mundo. “as parreiras produzirão uvas mais depressa do que se poderá fazer vinho” ([Am 9.13](#), NTLH). Por outro lado, Deus criará novos céus e uma nova terra ([Is 65.17](#); [66.22](#)), onde haverá alegria imperturbável, prosperidade, paz e justiça. A visitação final de Deus significará a redenção do mundo, pois uma terra redimida é a cena do reino de Deus. Os profetas anseiam repetidas vezes pela libertação da criação “da servidão à decadência.” A descrição é muitas vezes expressa em termos físicos simples. O deserto se tornará frutífero ([32.15](#)); o deserto florescerá ([35.2](#)); a tristeza e o suspiro fugirão (v. [10](#)). As areias ardentes serão resfriadas e os lugares secos se tornarão fontes de água (v. [7](#)); a paz retornará para o mundo animal para que toda ferida e destruição sejam eliminadas ([11.6](#)). Tudo isso acontece porque a terra se torna cheia do conhecimento de Deus (v. [9](#)).

Tal linguagem não é mera poesia, mas reflete uma profunda teologia da criação. Os seres humanos como criaturas foram feitos para habitar na terra, e a terra compartilha do destino humano. O ponto principal é que a criação como tal é boa e não um obstáculo à verdadeira espiritualidade, como muitas vezes era considerado como sendo a verdade no pensamento grego. A redenção sempre inclui a redenção da terra, que então se torna o ambiente abençoado que Deus pretendia que fosse. “A salvação não significa ser liberado da condição de criatura, pois esta não é uma coisa má, mas sim um elemento essencial e permanente da verdadeira existência humana. A salvação não significa escapar da existência corporal, como no pensamento grego. Pelo contrário, a redenção final significará a redenção da pessoa por completo. O surgimento da doutrina da ressurreição corporal é um reflexo desta teologia da condição da criatura.

O resultado disso é que a criação em sua totalidade deve compartilhar a bênção da redenção.

Um elemento distintivo na escatologia profética é a tensão entre história e escatologia. Ou seja, enquanto os profetas olhavam para o futuro, eles viram um julgamento histórico imediato, bem como uma visitação escatológica mais remota. Para Amós, o Dia do Senhor é tanto o julgamento imediato de Israel pelos Assírios quanto uma salvação escatológica final. Joel vê uma visitação histórica iminente de seca e gafanhotos, mas, além disso, ele vê o Dia escatológico do Senhor. Sofonias vê um Dia iminente do Senhor em alguma visitação histórica não designada ([Sf 1.2-18](#)), mas, além disso, ele vê a salvação dos gentios ([3.9](#)). O mesmo Deus que age na história para abençoar e julgar seu povo agirá no final da história em um ato escatológico de julgamento e salvação. Os profetas não distinguem nitidamente entre esses dois dias, pois é um e o mesmo Deus que está preocupado em julgar e salvar seu povo.

A esperança escatológica dos profetas é sempre uma esperança ética. Isso quer dizer, os profetas não estão interessados no futuro por si só, mas pelo impacto do futuro no presente. As previsões proféticas foram dadas de que, à luz do julgamento futuro e salvação, Israel poderia ser confrontado no presente pela vontade de Deus. “preparem-se para se encontrar com o seu Deus, povo de Israel” ([Am 4.12](#), NTLH) pode muito bem ser tomada como a tônica de todos os profetas.

No Novo Testamento

Os Evangelhos Sinópticos

Os ensinamentos de Jesus sobre o reino de Deus incorporavam o mesmo contraste entre a ordem presente e a era futura que a dos profetas, e ele o expressou no idioma “esta era e a era por vir”. Este fato está ofuscado na versão original, que traduz a palavra para “era” por “mundo”. Esses são, no entanto, dois conceitos diferentes. Um homem rico perguntou a Jesus o que ele deveria fazer para herdar a vida eterna ([Mc 10.17](#)). O contexto deixa claro que ele estava perguntando sobre a vida escatológica — a vida da ressurreição ([Dn 12.2](#)). Jesus fala da dificuldade de entrar no reino de Deus. (A passagem paralela em [Mateus 19.23-24](#) tem tanto “reino de Deus” quanto “reino do céu”, provando que eles são termos intercambiáveis). Em sua reação, os discípulos perguntam: “Então, quem pode ser salvo?” A resposta de Jesus contrasta a sorte de seus discípulos “neste tempo”

com a “era por vir” ([Mc 10.29-30](#)), quando eles herdariam a vida eterna. Fica claro a partir desta passagem que, em algum sentido, o reino de Deus, o reino do céu, salvação e vida eterna pertencem à era por vir. No que diz respeito a este ditado, o povo de Deus não experimentará a vida eterna até que o faça na nova era.

Somente Mateus registra a expressão “o fim dos tempos”. Esta era será encerrada pela vinda do Filho do Homem ([Mt 24.3](#)) e pelo julgamento da humanidade ([13.39-42](#)). Então os justos serão separados dos ímpios (v. [49](#)). A mesma expressão ocorre na promessa de Jesus ressuscitado assegurando aos seus discípulos a sua presença até a consumação dos tempos ([28.20](#)). Segue-se que se esta era deve chegar à sua consumação, deve ser seguida por outra era — a era por vir.

O reino escatológico será inaugurado por um evento apocalíptico — a vinda gloriosa do Filho do Homem. Isso é deixado claro por duas das parábolas sobre o reino de Deus. Na parábola do joio, “o Filho do Homem enviará seus anjos, e eles colherão do seu reino todas as causas do pecado e todos os malfeitores, e as lançarão na fogueira de fogo” ([Mt 13.41-42](#), NTLH). A parábola das ovelhas e cabras reflete a mesma escatologia. Quando o Filho do Homem vier em sua glória, ele se sentará em seu trono glorioso para julgar as nações, separando as ovelhas dos bodes. Os justos — as ovelhas — devem “herdar o reino preparado para vocês desde a fundação do mundo”; e a entrada no reino é sinônimo de entrada para a vida ([25.31-46](#), NTLH).

O caráter escatológico do reino de Deus também é visto nas outras duas parábolas de [Mateus 25](#). “O reino do céu será comparado com dez moças que tomaram suas lâmpadas e foram ao encontro do noivo” (v. [1](#), NTLH). No entanto, cinco delas eram tolas e não forneceram um suprimento adequado de óleo para suas lâmpadas. Assim, elas estavam atrasadas para o casamento e foram excluídas da festa de casamento — um símbolo do reino escatológico — enquanto aquelas devidamente preparadas entraram no reino. Da mesma maneira, os dois servos fiéis que haviam sido “fiéis no pouco” receberam a permissão de “entrar na alegria de seu mestre” (vv. [21.23](#)), enquanto o servo infiel foi excluído do reino e lançado na escuridão.

Jesus quase nunca mostrou qualquer interesse nas descrições do reino escatológico, mas está claro que sua vinda estava constantemente em seus pensamentos. Os puros de coração verão a Deus ([Mt 5.8](#)). A colheita ocorrerá e o trigo será reunido

no celeiro ([13.30,39](#); [Mc 4.29](#)). Jesus frequentemente usava a metáfora de um banquete ou comunhão à mesa para descrever a vida no reino escatológico. Ele beberá vinho novamente com seus discípulos no reino de Deus. Eles comerão e beberão à mesa de Jesus no reino ([Lc 22.30](#)). As pessoas serão reunidas de todos os cantos da terra para se sentar a uma mesa com os santos do AT ([Mt 8.11-12](#); [Lc 13.29](#)). A consumação é comparada a uma festa de casamento ([Mt 22.1-14](#)) e um banquete ([Lc 14.16-24](#)). Todas essas metáforas retratam a restauração da comunhão entre Deus e as pessoas, uma união que havia sido quebrada pelo pecado.

Na maioria dos ditos citados para ilustrar o caráter futuro do reino, “reino” se refere à ordem escatológica — o escaton, a era por vir. No entanto, quando Jesus ensinou seus discípulos a orar “Venha o teu reino” ([Mt 6.10](#)), não estava se referindo à nova ordem escatológica; Ele estava se referindo ao reino como o governo real de Deus, seu reinado. É uma oração para que Deus estabeleça efetivamente seu governo soberano no mundo.

Em seu ensino sobre o reino de Deus como a consumação apocalíptica, Jesus não difere essencialmente dos profetas do AT. O elemento mais distintivo no ensino de Jesus — na verdade, o fato que caracteriza toda sua missão e mensagem — é o fato de que, em algum sentido real da palavra, o reino de Deus entrou na história de uma maneira totalmente inesperada. Isto diferencia o ensinamento de Jesus de todos os ensinamentos judaicos contemporâneos.

Isso é visto em primeiro lugar em seu ensino repetido de que sua missão é um cumprimento dos profetas messiânicos do AT. Marcos resume a mensagem de Jesus com as palavras “O Reino de Deus está próximo! Arrependam-se de seus pecados e creiam nas Boas Novas!” ([Mc 1.15](#)). Esta declaração pode ter um de dois significados. Pode se referir à vinda iminente do reino apocalíptico. Mateus resume a mensagem de João Batista quase com as mesmas palavras: “Arrependam-se dos seus pecados e voltem-se para Deus, porque o Reino dos Céus está próximo” ([Mt 3.2](#), NTLH). O Batista expõe o que ele quer dizer com a aproximação do reino de Deus: “Ele está pronto para separar o joio do trigo com sua forquilha de debulha. Então ele limpará a área da debulha, armazenando o trigo em seu celeiro, mas queimando o joio com a chama que não se apaga” (v. [12](#), NTLH). João proclamou um ato apocalíptico; “fogo inextinguível” pode significar

não um evento estritamente histórico, mas apenas um julgamento apocalíptico. João esperava que Jesus fosse aquele em quem o evento cósmico esperado pelos profetas seria realizado.

É possível que este também fosse o significado dado por Jesus. No entanto, é possível outra interpretação que é melhor apoiada pelo próprio curso da sua missão: “O tempo está cumprido.” As promessas messiânicas dos profetas não estavam apenas prestes a serem cumpridas; elas estavam realmente em processo de se cumprirem em sua missão. Em Jesus, Deus estava visitando seu povo. A esperança dos profetas em algum sentido real estava sendo realizada.

O significado disso pode ser visto na introdução do ministério de Jesus por Lucas. Lucas seleciona um evento que ocorreu em Nazaré mais tarde no ministério de Jesus ([Lc 4.16-21](#)) e o coloca no início de seu Evangelho para destacar essa nota de cumprimento. Jesus leu de Isaías uma promessa que esperava pela salvação messiânica: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me nomeou para pregar Boas Novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar que os cativos serão libertos que os cegos verão, que os oprimidos serão libertos de seus opressores e que o tempo do favor do Senhor chegou” (vv. 18-19). Então Jesus surpreendeu seu público com a frase “Hoje se cumpriu o trecho das Escrituras Sagradas que vocês acabam de ouvir!” (v. [21](#), NTLH).

Aqui estava uma alegação incrível. João Batista havia anunciado uma visita apocalíptica de Deus que significaria o cumprimento da esperança escatológica e a consumação da era messiânica. Jesus proclamou que a promessa messiânica estava sendo realmente realizada em sua pessoa. Este não é um reino apocalíptico, mas uma salvação presente. Nessas palavras, Jesus não proclamou a iminência do reino apocalíptico. Em vez disso, ele anunciou ousadamente que o reino de Deus havia chegado. A presença do reino era um acontecimento, um evento, a ação graciosa de Deus. Esta não era uma nova teologia, ou nova ideia, ou nova promessa; era um evento novo na história.

A indicação de cumprimento é novamente tocada na resposta de Jesus à pergunta sobre o jejum. “Os convidados do casamento jejuam enquanto celebram com o noivo? Claro que não. Eles não podem jejuar enquanto estão com o noivo” ([Mc 2.19](#), NTLH). A festa de casamento havia se tornado uma metáfora no judaísmo para a consumação messiânica. Nessas palavras, Jesus anunciou a presença do tempo messiânico da salvação. Seria

uma contradição em termos que os discípulos jejuassem quando estavam desfrutando das bênçãos da era messiânica. O tempo do cumprimento havia chegado.

Uma declaração encontrada em diferentes contextos em Mateus e Lucas toca esta nota central do cumprimento na história da esperança do AT: “Bem-aventurados os olhos que veem o que vêem! Pois eu digo a vocês que muitos profetas e reis desejaram ver o que vocês veem, e não viram, e ouvir o que vocês ouvem e não ouviram” ([Lc 10:23-24](#), ARC; cf. [Mt 13:16-17](#)). Tanto Mateus quanto Lucas associam esta declaração com o reino de Deus, e ambos concordam que a esperança das gerações anteriores se tornou um objeto de experiência. Muitos profetas e reis aguardaram por algo, mas em vão, pois isso não se concretizou para eles. O que eles ansiavam agora chegou, e isso pode ser nada menos do que a salvação messiânica prometida.

O cumprimento na história é novamente afirmado na resposta de Jesus à pergunta de João sobre aquele que está por vir ([Mt 11:2-3](#)). “As obras de Cristo” (Messias) não foram as obras que João havia anunciado. Governantes ímpios como Herodes não estavam sendo julgados em fogo. Em vez disso, Jesus estava ajudando as pessoas, não trazendo um reino apocalíptico. Jesus respondeu em palavras que ecoam a promessa da salvação messiânica em [Isaías 35:5-6](#): “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.” ([Mt 11:4-5](#), ARA). Nessas palavras, Jesus afirmou que as bênçãos da salvação messiânica estão presentes. Havia de fato uma razão para a perplexidade de João, pois o cumprimento não estava ocorrendo ao longo das diretrizes esperadas. A consumação apocalíptica não parecia estar no horizonte. O ponto da resposta de Jesus era que o cumprimento estava ocorrendo sem a consumação escatológica. Portanto, Jesus pronunciou uma bênção especial sobre aqueles que não foram ofendidos pelo caráter da realização messiânica (v. 6). O cumprimento de fato estava ocorrendo, mas não a consumação apocalíptica.

A declaração mais inequívoca da presença do reino é encontrada nas palavras sobre a prisão de Satanás. Um dos atos mais característicos de Jesus era o exorcismo de demônios — libertação do poder satânico. Os fariseus admitiram seu poder, mas o atribuíram a Satanás. Jesus respondeu: “Se Satanás expulsar Satanás, ele está dividido contra

si mesmo; como, então, seu reino subsistirá? ... Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então o reino de Deus veio sobre vocês” ([Mt 12:26,28](#), NTLH). Aqui o verbo tem o significado claro “vir, chegar” (cf. [Rm 9:30](#); [2Co 10:14](#); [Fp 3:16](#)). Aqui está uma afirmação clara de que o reino de Deus veio entre homens.

Na explicação, Jesus disse: “Ou como alguém pode entrar na casa de um homem forte e saquear seus bens, a menos que ele primeiro amarre o homem forte? Então, de fato, ele pode saquear sua casa” ([Mt 12:29](#), NTLH). O homem forte é Satanás; esta “era maligna presente” ([Gl 1:4](#)) é sua “casa”; seus “bens” são homens e mulheres possuídos por demônios. Jesus invadiu a casa do homem forte para libertar homens e mulheres que ele tem sob seu poder, e este é o trabalho do reino de Deus. O reinado real de Deus entrou na história na pessoa de Jesus antes da consumação apocalíptica, quando Satanás será destruído, para dar a Satanás uma derrota preliminar. Jesus já “amarrô” Satanás (isto é, reprimiu seu poder). Isso foi realizado pela presença do reino de Deus na missão de Jesus.

Uma declaração semelhante é encontrada em [Lucas 10:18](#). Jesus havia enviado um grupo de seus discípulos em uma missão de pregação. Como Jesus, eles deveriam proclamar a proximidade do reino de Deus ([Lc 10:9](#)). Eles também deveriam exorcizar demônios. Quando eles voltaram para Jesus para relatar seu sucesso, Jesus disse: “Eu vi Satanás cair como um relâmpago do céu” (v. 18, NTLH). Esta novamente é a linguagem metafórica que afirma que na missão dos discípulos de Jesus, bem como no próprio Jesus, Satanás caiu de seu lugar de poder. Tanto “amarrar” quanto “cair” são metáforas que descrevem a mesma verdade: a vitória do reino de Deus sobre Satanás.

Aqui está o elemento que diferencia Jesus do AT e de todo o judaísmo contemporâneo. Os profetas conceberam o reino sendo estabelecido por um ser sobrenatural celestial ([Dn 7](#)) ou governado por um poderoso rei messiânico davídico ([Is 9](#), [11](#)). O cumprimento da esperança messiânica está em todos os lugares nos profetas, uma esperança escatológica. O mesmo ocorre com os escritores judeus que perderam a fé na história e depositaram toda a esperança no futuro.

Em contraste com tudo o que havia acontecido antes dele, Jesus proclamou o reino de Deus como um evento que ocorre em sua própria pessoa e missão. Deus havia assumido novamente a iniciativa; Deus estava agindo. Nenhum judeu do primeiro século tinha qualquer ideia do reino de

Deus entrando na história na pessoa de um homem comum — um mestre que era manso e humilde.

A presença do reino é vista mais no fato de que o governo de Deus, presente em Jesus, é um presente a ser recebido. Isso também é verdade para o reino em sua consumação escatológica, onde o reino é livremente herdado pelos justos ([Mt 25.34](#)). Em resposta à pergunta do jovem sobre herdar a vida eterna ([Mc 10.17](#)), Jesus falou de entrar no reino (vv. [23-24](#)) e receber o presente da vida eterna (v. [30](#)) como se eles fossem sinônimos. O reino é um presente que o Pai tem prazer em conceder ao pequeno rebanho dos discípulos de Jesus ([Lc 12.32](#)).

Se o governo escatológico de Deus traz para o seu povo as bênçãos daquele reino, e se o reino de Deus é o seu governo invadindo a história antes da consumação escatológica, então podemos esperar que o governo de Deus no presente traga uma bênção preliminar para o seu povo. Este fato é refletido em numerosas declarações. O reino é algo a ser buscado aqui e agora ([Mt 6.33](#)) e para ser recebido como crianças recebem um presente ([Mc 10.15](#); [Lc 18.16-17](#)). Embora esteja presente de uma forma inesperada, o reino de Deus na pessoa de Jesus é como um tesouro escondido ou uma pérola de grande valor que supera todos os outros bens ([Mt 13.44-46](#)). O presente do reino também é visto em que os surdos ouvem, os cegos veem, os leprosos são purificados e os pobres têm as boas novas pregadas para eles ([11.5](#)).

O Evangelho de João

No Evangelho de João, o conceito de vida eterna toma o lugar do reino de Deus no ensino de Jesus. O reino de Deus é mencionado duas vezes ([Jo 3.3,5](#)), e é colocado em conexão com a vida eterna. O reino de Deus é aqui, o reino escatológico, e a vida eterna é a vida do reino. Assim, como o reino de Deus nos Evangelhos sinópticos é futuro e presente, da mesma forma a vida eterna é tanto a vida da era por vir ([12.25](#)) quanto também uma bênção presente ([3.16](#), etc).

Atos

Em Atos, parece que os primeiros discípulos geralmente falhavam em entender a mensagem de Jesus sobre o reino de Deus como uma bênção espiritual presente. Eles se reuniram para aguardar a vinda do reino escatológico para Israel ([Atos 1.6](#)). Atos relata que os discípulos continuaram a pregar o reino de Deus, mas geralmente é uma bênção escatológica ([8.12](#); [14.22](#); [19.8](#); [20.25](#); [28.23,31](#)).

No entanto, as duas últimas referências fazem o reino de Deus sinônimo do evangelho sobre Jesus Cristo.

Um tema importante em Atos está ligado ao do reino de Deus. No Dia de Pentecostes, Pedro anuncia que Deus assentou Jesus à sua direita no cumprimento do [Salmo 110.1](#) ([Atos 2.33-35](#)). Nos Salmos, esta é uma profecia da entronização do rei davídico em Jerusalém. Pedro afirma que esta profecia agora está cumprida no reinado celestial de Jesus. Portanto, ele foi feito Senhor e Cristo (Messias). Esses são termos intercambiáveis, “Senhor” que significa soberano absoluto, “Cristo” que significa o rei messiânico.

Os escritos de Paulo

Paulo levou além este tema do governo celestial de Cristo, o Rei ungido. O reino é tanto uma herança escatológica ([1Co 6.9](#); [15.50](#); [Gl 5.21](#); [Ef 5.5](#); [1Ts 2.12](#); [2Ts 1.5](#); [2Tm 4.1,18](#)) quanto uma bênção presente na qual os crentes agora entram ([Rm 14.17](#); [Cl 1.13](#)). A chave para isso é o caráter intercambiável de senhorio e realeza messiânica. Jesus está agora exaltado como Senhor sobre todos ([Fp 2.11](#)), e mesmo que o seu senhorio seja invisível, ele se tornará manifesto a todos na sua segunda vinda. Da mesma maneira, Ele foi entronizado como Rei messiânico em virtude de sua ressurreição e sessão celestial, e ele deve reinar como Rei até que tenha colocado todos os seus inimigos sob Seus pés ([1Co 15.25](#); [Ef 1.22](#)). O último inimigo a ser destruído é a morte.

Apocalipse

A mensagem central do Apocalipse a João é a consumação do propósito redentor de Deus, quando o reino deste mundo se torna o reino de nosso Senhor e de seu Cristo ([Ap 11.15](#)). Apocalipse retrata a situação de uma igreja perseguida em um mundo hostil, mas assegura a igreja que Cristo já obteve uma vitória sobre os poderes do mal ([5.5](#)), em virtude da qual Ele pode finalmente destruí-los ([19.11-20.14](#)). Novamente, o último inimigo a ser destruído é a morte ([20.13-14](#)). Apocalipse se encerra com uma imagem altamente simbólica do reino de Deus (cap. [21-22](#)) quando Deus vier para habitar no meio do seu povo, e “eles verão a sua face” ([22.4](#)). Assim o NT termina: a ordem divina é restaurada para um mundo desordenado. Este é o reino de Deus.

Veja também Jesus Cristo, Ensinaamentos de; Rei; Parábola.

REIS, livros de Primeiro e Segundo

Livros que continuam a história do povo da aliança conforme registrado em Josué, Juízes e nos livros de Samuel. O registro em Reis começa com os eventos no final do reinado de Davi ([1Rs 1-2](#)). Continua através do reinado de Salomão (caps. [3-11](#)); as histórias dos reinos divididos ([1Rs 12-2Rs 17](#)); e a história do reino sobrevivente no sul, até sua queda em 586 a.C. e a subsequente bondade mostrada a Jeoaquim por Evil-Merodaque, rei da Babilônia, por volta de 561 a.C. ([2Rs 18-25](#)).

Prévia

- Autor e data
- Referências
- Teologia e propósito
- Conteúdo

Autor e data

Reis foi originalmente considerado um único livro no cânon hebraico; a divisão em dois livros de aproximadamente igual extensão apareceu primeiro na Septuaginta e finalmente entrou na Bíblia Hebraica no século XV d.C.

O livro em si é anônimo, e informações sobre seu autor só podem ser deduzidas examinando as preocupações e perspectivas da obra. O Talmude Babilônico (*Baba Bathra* 15a) atribui Reis a Jeremias. Embora essa identificação possa ter surgido da tendência da tradição judaica posterior de atribuir livros bíblicos a autores proféticos, a teoria de origem em círculos proféticos se encaixa bem nas evidências. Porções substanciais são dedicadas às vidas dos profetas; 16 dos 47 capítulos são dedicados às vidas de Elias e Eliseu ([1Rs 17-2Rs 10](#)), e há um interesse considerável em outras figuras proféticas, como Aías ([1Rs 11.29-39](#); [14.1-16](#)), um homem de Deus não nomeado ([13.1-10](#)), e Micaías ([22.13-28](#)). A possível dependência de Isaías ([2Rs 18-20](#); cf. [Is 36-39](#)) e Jeremias ([2Rs 24-25](#); cf. [Jr 52](#)) também sugere origem profética. O autor-compilador também demonstra uma preocupação intensa com a eficácia da palavra profética, frequentemente chamando a atenção para o cumprimento das palavras proferidas anteriormente pelos profetas.

Inicialmente, pode-se pensar que tal história seria improvável para um profeta, mas as evidências apontam o contrário. Os profetas eram os

guardiões da relação de aliança e são conhecidos por terem produzido relatos usados como fontes por outros historiadores bíblicos. As seguintes são algumas dessas fontes: os atos de Samuel, o vidente, os atos de Natã, o profeta, os atos de Gade, o vidente ([1Cr 29.29](#)); os atos de Natã, o profeta, a profecia de Aías, o silonita, as visões de Ido, o vidente ([2Cr 9.29](#)); as crônicas de Semaias, o profeta, e de Ido, o vidente ([12.15](#)); as anotações do profeta Ido ([13.22](#)); e os atos de Uzias por Isaías, o profeta ([26.22](#)). Some-se a isso o fato de que Reis está posicionado no cânon hebraico nos Profetas Anteriores (Josué a 2 Reis), e surge um quadro consistente de origem profética.

A data da parte final do livro deve ser posterior aos últimos eventos registrados. A bondade de Evil-Merodaque para com Jeoaquim (c 561 a.C.) marca o término do livro e, portanto, estabelece a data mais antiga. Como a obra não demonstra conhecimento do período de restauração, é provável que a data seja anterior a 539 a.C. A seleção dos dados pelo autor para responder às questões teológicas urgentes da comunidade exílica também sugere uma data entre 561 e 539 a.C.

Fontes

O compilador de Reis menciona especificamente três das fontes que utilizou em seu trabalho, e estudiosos bíblicos sugeriram a presença de várias outras fontes que podem ter sido citadas. Claro, as fontes não mencionadas especificamente pelo compilador são apenas especulações daqueles que estudaram seu trabalho e podem ter diferentes graus de probabilidade. As fontes tanto especificadas quanto alegadas são as seguintes.

O livro dos Atos de Salomão

Como [1 Reis 11.41](#) diz: “O restante dos eventos no reinado de Salomão, incluindo sua sabedoria, está registrado em *O Livro dos Atos de Salomão*”. Presumivelmente, materiais adicionais de natureza biográfica foram incluídos, especificamente relatos semelhantes ao julgamento entre as duas mães ([3.16-28](#)) ou a visita da Rainha de Sabá ([10.1-10](#)). Houve debate sobre se esses materiais eram registros oficiais do tribunal ou documentos não oficiais. Alguns estudiosos tentaram isolar mais materiais dentro desta seção, identificando descrições dos edifícios como provenientes dos arquivos do templo (caps. [6-7](#)) e listas de administradores como provenientes de

documentos administrativos (caps. [4-5](#)), mas isso deve permanecer especulativo.

O livro da história dos reis de Israel

Esta fonte é mencionada 17 vezes em Reis, geralmente nas fórmulas de encerramento ao final do relato do reinado de um rei do norte. Alguma ideia da natureza dessas crônicas pode ser derivada ao olhar para o tipo de informação à qual o compilador se refere aos seus leitores (veja [1Rs 14.19](#); [16.27](#); [22.39](#); [2Rs 13.12](#); [14.28](#)). Essas passagens sugerem que esta fonte eram os anais oficiais cobrindo os reinados dos reis.

O livro da história dos reis de Judá

Esta fonte é mencionada em 15 passagens e, assim como ocorre com os reis de Israel, é encontrada nas fórmulas de conclusão dos relatos dos reinados. Esta fonte deveria ser consultada para detalhes adicionais sobre os reinados dos indivíduos (veja [1Rs 15.23](#); [22.45](#); [2Rs 20.20](#); [21.17](#)). Essas fontes para as histórias dos dois reinos eram provavelmente semelhantes aos anais conhecidos das culturas circundantes, particularmente dos reinados dos reis assírios. Elas eram provavelmente histórias oficiais da corte mantidas em Samaria e Jerusalém.

Além dessas fontes mencionadas explicitamente, estudiosos sugerem que o compilador utilizou outras fontes que ele não nomeia.

História da corte de Davi

[Segundo Samuel 9-20](#) é frequentemente identificado como uma unidade de material na composição dos livros de Samuel; é chamado de várias formas, como "a história da corte" ou "a narrativa da sucessão". Por causa do vocabulário e da perspectiva semelhantes, [1Rs 1-2](#) é frequentemente associado a este material de Samuel. A declaração de [1Rs 2.46](#), "assim o reino estava agora firmemente nas mãos de Salomão", é considerada o fim deste registro.

Fontes para a casa de Acabe

Os reinados de reis individuais são geralmente mencionados apenas brevemente; p. ex. o pai de Acabe, Onri, recebe oito versos, mesmo que, ao ser julgado por sua importância política e econômica, ele estivesse entre os maiores dos reis do norte ([1Rs 16.21-28](#)). No entanto, começando com o reinado de Acabe, o registro se torna bastante expansivo, e uma cobertura extensa é dada à

dinastia de Acabe até o golpe de Jeú ([1Rs 16-2Rs 12](#)). O uso das fórmulas estereotipadas para os reinados é suspenso neste material, e a existência de outra literatura usada pelo compilador é provável. Este material é comumente subdividido em fontes adicionais para as vidas de Elias e Eliseu e o reinado de Acabe.

A seção de Elias abrange o material nos seguintes capítulos: [1Rs 17-19](#), incluindo a alimentação pelos corvos, os incidentes com a viúva de Sarepta, a seca, o fogo no Carmelo e a revelação de Deus no Sinai; [1Rs 21](#), o caso da vinha de Nabote; e [2Rs 1](#), a morte dos mensageiros de Acazias. O reinado de Acabe, que recebe tanta atenção em Reis, é principalmente um pano de fundo para os relatos sobre Elias.

O material de Eliseu encontrado em [2Rs 2-13](#) pode ter se desenvolvido literariamente de forma independente dos relatos de Elias. Inclui o seguinte: capítulo [2](#) (a sucessão de Eliseu ao ofício profético, a purificação de uma fonte, a morte de crianças zombeteiras); capítulo [3](#) (sobre a campanha contra Moabe); capítulo [4](#) (o óleo da viúva, a mulher sunamita); capítulo [5](#) (a lepra de Naamã); capítulo [6](#) (a tentativa arameia de capturar Eliseu); capítulo [7](#) (a fome em Samaria); capítulo [8](#) (a propriedade da sunamita, o golpe de Hazael); capítulo [9](#) (a unção de Jeú); e capítulo [13](#) (a morte de Eliseu). Nenhuma outra parte do AT tem o puro deleite no miraculoso que é visto nas narrativas de Eliseu.

Em [1 Reis 16](#) a [2 Reis 13](#) há incidentes adicionais não diretamente relacionados às biografias de Elias e Eliseu; relatos como as campanhas militares de [1Rs 20.1-34](#) e mais detalhes do golpe de Jeú ([2Rs 9.11-10.36](#)) são frequentemente atribuídos a uma terceira fonte contendo relatos da dinastia de Acabe e seus sucessores. Em todas essas três possíveis fontes, a orientação é voltada para os assuntos no reino do norte.

Fonte de Isaías

O relato do reinado de Ezequias contém uma seção ([2Rs 18.13-20.19](#)) que é quase uma citação literal de material também encontrado em Isaías ([Is 36.1-39.8](#)). A seção registra a invasão de Senaqueribe, a missão do Rabsaqué, a oração de Ezequias, a profecia de Isaías, a doença de Ezequias, a regressão do sol e os enviados de Merodaque-Baladã. O material deve ser considerado como baseado no livro de Isaías ou em alguma outra fonte usada tanto em Isaías quanto em Reis.

Uma fonte profética

Como Reis mostra grande interesse nos profetas e seus ministérios, vários estudiosos sugeriram que outra fonte foi usada pelo compilador; esta seria uma unidade literária independente contendo relatos dos profetas. Esta fonte conteria os registros para o material sobre o Aías ([1Rs 11.29-39](#); [14.1-16](#)), profetas sem nome (cap. [12](#); [20.35-43](#)), Micaías ([22.13-28](#)) e outras referências.

Além das fontes explicitamente mencionadas e das inferências sobre seu caráter, as demais fontes sugeridas apresentam apenas graus variados de probabilidade. Considerável esforço acadêmico foi dedicado a identificar e caracterizar essas fontes, mas isso permanece especulativo. Ao considerar as fontes que o compilador pode ter usado, é importante manter uma precaução em mente. Mesmo que tais fontes tenham existido, não se pode ter confiança em uma reconstrução da história composicional. Quais fontes já haviam sido integradas em uma composição maior antes de serem usadas pelo compilador de Reis? Não podemos ter certeza de que a situação de vida da qual essas outras fontes surgiram foi corretamente identificada, nem podemos saber se o próprio compilador estava ciente da história passada de suas fontes. A pesquisa bíblica tem investido considerável energia tentando delinear a história passada do livro de Reis, mas muitas vezes isso tem sido em detrimento da unidade de perspectiva que é o produto do(s) compilador(es) final(is) em cujas mãos o livro recebeu sua forma canônica.

O que é importante para entender o livro não é a perspectiva de suas várias fontes (das quais o compilador pode não ter tido consciência), mas a perspectiva do livro como um todo sobre a história dos reinos. É o esboço que o compilador impôs às fontes que estabelece o ensinamento do livro; suas fontes são usadas de acordo com seus próprios propósitos, um fato que torna os propósitos para os quais as fontes foram preparadas em grande parte irrelevantes para o ensinamento do livro em sua forma atual. Explorar possíveis fontes, embora valioso em si mesmo, não deve ofuscar a mensagem do livro como um todo. Isso não quer dizer que os livros dos Reis sejam simplesmente uma compilação de fontes inalteradas. O(s) escritor(es) sem dúvida exerceu(ram) uma medida de seletividade e habilidade literária ao compor a narrativa histórica.

Uma técnica composicional do compilador é bastante proeminente nas histórias dos reinos divididos: é o uso de introduções e conclusões

formulaicas para os vários reinados. As fórmulas para ambos os reinos são bastante semelhantes, diferindo apenas em detalhes menores. Para os reis de Judá, a fórmula introdutória completa é a seguinte: (1) ano de ascensão sincronizado com o ano de reinado do rei do norte; (2) idade do rei em sua ascensão; (3) duração de seu reinado; (4) nome de sua mãe; (5) julgamento sobre o caráter do reinado. O relato do reinado de um rei de Judá é concluído da seguinte forma: (1) uma referência às crônicas dos reis de Judá para mais informações; (2) uma declaração sobre a morte do rei, incluindo o local de sepultamento; (3) sucessor: “E seu filho reinou em seu lugar”. A fórmula completa para um rei de Judá pode ser vista p. ex. no reinado de Roboão ([1Rs 14.21-22,29-31](#)).

As fórmulas diferem ligeiramente para os reis de Israel; a introdução é a seguinte: (1) ano de sucessão sincronizado com o ano de reinado do rei do sul; (2) duração do seu reinado; (3) localização da residência real; (4) condenação por idolatria; (5) nome do pai do rei. O relato do reinado de um rei israelita termina da seguinte forma: (1) uma referência às crônicas dos reis de Israel para mais informações; (2) uma declaração sobre sua morte; (3) uma declaração sobre a sucessão de seu filho, a menos que um usurpador o suceda. A fórmula completa para um rei israelita pode ser vista, p. ex. no reinado de Baasa ([1Rs 15.33-34](#); [16.5-6](#)).

Há alguma variação no uso desses padrões, mas, no geral, eles são seguidos de forma consistente e fornecem a estrutura básica para a história do reino dividido. Os sincronismos dos reinados fornecem dados para a construção da cronologia do período. As variações nas fórmulas podem refletir as características das fontes que o compilador estava usando ou seus próprios interesses. O nome da mãe de um rei de Judá é registrado, mas não de um rei israelita, talvez refletindo uma preocupação com um registro mais exato e completo da sucessão davídica. Presume-se que a residência real seja Jerusalém para os reis do sul (embora possa ser mencionada), mas é sempre registrada para os reis do norte, já que se mudou várias vezes, de Siquém para Peniel, para Tirza, para Samaria. A menção do pai do rei para um governante do norte também reflete a mudança frequente de dinastias ali, em oposição à estabilidade dinástica de Judá, que é reforçada pela menção do sepultamento de quase todos os seus reis na cidade de Davi.

Teologia e propósito

Os livros dos Reis registram a história do povo da aliança desde o fim do reinado de Davi (961 a.C.) até a queda do reino do sul (586 a.C.). No entanto, não é uma história escrita de acordo com as expectativas modernas para livros didáticos de história. Em vez de se concentrar em temas econômicos, políticos e militares que moldaram a história do período, o compilador de Reis é motivado por preocupações teológicas.

A avaliação da teologia e do propósito dos livros dos Reis é facilitada pelo fato de haver uma história paralela para grande parte dos Reis encontrada nos livros das Crônicas. Ao comparar os dois relatos, especialmente onde o cronista posterior adiciona ou remove material encontrado em Reis, os interesses de ambas as histórias ficam mais evidentes.

Os livros dos Reis foram compostos durante o exílio, provavelmente entre 560 e 539 a.C. Jerusalém havia sido transformada em escombros, e não havia mais um trono de Davi. Esses dois pilares da teologia popular — a inviolabilidade do templo e o trono de Davi ([Jr 7.4](#); [13.13-14](#); [22.1-9](#); veja [1Rs 8.16,29](#)) — haviam desmoronado. Para que a fé de Israel sobrevivesse, as perguntas urgentes que precisavam ser respondidas eram: “Como tudo isso aconteceu? Deus não pode cumprir suas promessas a Davi e a Sião? As promessas falharam?”. O autor de Reis visa lidar com a perplexidade do povo escolhido em resposta aos desastres de 722 a.C. (queda de Samaria) e 586 a.C. (queda de Jerusalém). Reis, assim como o livro de Jó, é uma teodiceia, uma justificativa dos caminhos de Deus para os homens.

Para responder à pergunta “Como isso aconteceu?” o compilador adota o procedimento de recontar a história do povo da aliança à luz dos padrões estabelecidos na Lei. Por essa razão, Reis poderia ser chamado de história pentateuical, ou ainda mais especificamente, história deuteronomica, pois padrões estabelecidos apenas no livro de Deuteronômio no Pentateuco são usados pelo compilador para avaliar os reinos. Entre os temas proeminentes selecionados de Deuteronômio e aplicados aos reinos estão a centralização do culto, a instituição da monarquia, a eficácia da palavra profética e a manifestação das maldições da aliança sobre a desobediência.

Centralização do culto

A principal preocupação do escritor é a pureza da adoração ao Senhor. Seu principal critério para medir essa pureza é a atitude dos reis em relação à centralização da adoração no templo de Jerusalém, em oposição à adoração ao Senhor em outros lugares e à continuidade dos cultos cananeus misturados com o Yahwismo nos lugares altos. A centralização da adoração no santuário central é solicitada em [Dt 12](#). Talvez “centralização da adoração” seja um termo inadequado, pois a adoração sempre foi centrada em torno do tabernáculo nos períodos anteriores ao templo; a mudança prevista em Deuteronômio não é a centralização da adoração, mas sim o fato de que o santuário não seria mais móvel, mas estacionário. Para os reis do reino do norte, esse critério se torna virtualmente uma fórmula estereotipada de que “ele fez o que era mau aos olhos do Senhor e andou no caminho de Jeroboão, filho de Nebate, que pecou e fez todo o Israel pecar junto com ele” (veja [1Rs 14.16](#); [15.30](#); [16.31](#); [2Rs 3.3](#); [10.31](#); [13.2,11](#); [14.24](#); [15.9,18,24,28](#); [17.22](#)). O compilador de Reis vê os altares rivais com os bezerros de ouro em Dã e Betel como o grande pecado do qual os reis do norte nunca se arrependeram ([1Rs 12.25-13.34](#)). Rejeitando a primazia de Jerusalém, esses altares se tornaram a vara com a qual os reis do norte seriam medidos. Todos os reis de Israel são condenados por esse padrão (exceto Salomão, que reinou apenas um mês, e Oséias, o último dos reis do norte) — até mesmo Zinri, o assassino de Elá, que governou apenas uma semana antes de cometer suicídio nas chamas de seu próprio palácio ([16.9-20](#)). Para os reis de Judá, um padrão diferente é usado: qual era sua atitude em relação aos altos onde a adoração heterodoxa era permitida a florescer nos arredores de Jerusalém. Apenas Ezequias e Josias recebem a aprovação incondicional do compilador por seguirem os caminhos de Davi ([2Rs 18.3](#); [22.2](#)). Outros seis são elogiados por seu zelo em suprimir a idolatria, embora não tenham removido os altos (Asa, [1Rs 15.9-15](#); Josafá, [22.43](#); Joás, [2Rs 12.2-3](#); Amazias, [14.3-4](#); Azarias, [15.3-4](#); Jotão, [15.34-35](#)). O restante dos reis de Judá é condenado por sua participação nos cultos pagãos nos lugares altos e sua profanação do próprio templo. Este tema é o motivo preeminente no livro.

História da Monarquia

Um segundo interesse proeminente para o compilador era traçar a história da monarquia. [Dt 17.14-20](#) prevê o dia em que Israel pediria por um

rei e atribui a esse rei a responsabilidade religiosa básica pelo povo. Esta provisão para um rei, novamente uma característica encontrada apenas em Deuteronômio, torna-se a base para o intenso interesse do compilador na história da monarquia, e particularmente na fidelidade religiosa dos reis. Davi torna-se o modelo do rei ideal, aquele por quem os outros são medidos, aquele cujos filhos “continuam por muito tempo em seu reino no meio de Israel” (17.20; veja também 1Rs 15.11; 2Rs 18.3; 22.2 por seguir os caminhos de Davi, e 1Rs 14.8; 15.3-5; 2Rs 14.3; 16.2 pelo contrário). O compilador queria mostrar que Deus tinha sido fiel a Davi, mesmo que os filhos de Davi não fossem fiéis. Embora ambos os reinos tivessem aproximadamente o mesmo número de reis, o reino do norte é marcado por repetidas mudanças dinásticas e regicídios ao longo de seus 200 anos, enquanto a dinastia de Davi é mantida como uma lâmpada no sul por 350 anos (1Rs 11.13,32,36; 15.4-5; 2Rs 8.19; 19.34; 20.6). É o desastre que se abateu sobre a casa de Davi, e as consequentes dúvidas sobre as promessas de Deus, que levaram o compilador a escrever.

Eficácia da palavra profética

Outra razão pela qual Reis pode ser chamado de história deuteronômica é sua preocupação com a eficácia da palavra profética. Existem três passagens no Pentateuco que tratam da instituição da ordem profética: Nm 12.1-8; Dt 13.1-5; e Dt 18.14-22. É apenas em Dt 18 que o teste de um verdadeiro profeta é dado: que o que ele falou se concretize, que suas palavras se cumpram. Observe o número de instâncias em que o escritor chama a atenção para o cumprimento das palavras dos profetas: 2Sm 7.13 em 1Rs 8.20; 1Rs 11.29-36 em 12.15; 1Rs 13.1-3 em 2Rs 23.16-18; 1Rs 14.6-12 em 14.17-18 e 15.29; 1Rs 16.1-4 em 16.7,11-12; Js 6.26 em 1Rs 16.34; 1Rs 22.17 em 22.35-38; 1Rs 21.21-29 em 2Rs 9.7-10,30-37 e 10.10-11,30; 2Rs 1.6 em 1.17; 2Rs 21.10-15 em 24.2; 2Rs 22.15-20 em 23.30. O escritor está preocupado em mostrar que as palavras dos profetas eram eficazes e poderosas. Sua preocupação com a ordem profética também é vista no material dedicado a Elias e Eliseu e a outras figuras proféticas.

Cumprimento das maldições

Outro aspecto do interesse do compilador em Deuteronômio é visto em sua preocupação em rastrear o cumprimento das maldições da aliança sobre a desobediência. A aliança de Deus com Israel resultaria em maldições ou bênçãos dependendo

da obediência do povo; o compilador de Reis observa as maldições infligidas aos dois reinos por causa de sua falha em cumprir as exigências da aliança. Ele se preocupa em mostrar que a maioria das maldições de Dt 28.15-68 teve alguma realização histórica na vida do povo. Moisés havia alertado que a desobediência traria “uma nação contra você de longe, desde os confins da terra, como a águia desce” (Dt 28.49), e os assírios vieram a Samaria e os babilônios a Jerusalém (28.52). O cerco de Samaria durou de 724 a 722 a.C., e o cerco de Jerusalém de 588 a 586 a.C.. As condições terríveis do cerco levariam o povo a devorar seus próprios filhos; mulheres se alimentariam de seus próprios partos. Isso aconteceu com Israel no cerco de Ben-Hadade (2Rs 6.24-30). Assim como o Senhor havia se deleitado em prosperar e multiplicar seu povo, ele não se absteria de destruí-los e dispersá-los entre os povos da terra (Dt 28.63-67).

Dessas e de outras maneiras, o autor de Reis se propôs a escrever a história de Israel e Judá para resolver um dilema teológico. Como reconciliar o exílio com as promessas de Deus à nação e a Davi? Sua resposta é dupla: (1) o problema não estava em Deus, mas na desobediência do povo — Deus permanece justo; (2) o fim do estado não equivale ao fim do povo ou da casa de Davi. Aqui, o final do livro é instrutivo: Evil-Merodaque liberta Jeoaquim da prisão, eleva-o acima dos outros reis e fornece suas rações (2Rs 25.27-30). Mesmo durante o exílio, embora reduzida a quase nada, a casa de Davi ainda desfruta do favor e da bênção de Deus. Deus não abandonou suas promessas; o povo deve manter a esperança.

Outros temas em Reis também mostram as motivações teológicas subjacentes à seleção e arranjo dos dados pelo compilador, particularmente seu uso de Deuteronômio como uma estrutura para examinar a história do povo. Compare as leis que regem a observância da Páscoa em Êx 12.1-20 e Dt 16.1-8: enquanto a Páscoa é centrada na família em Êxodo, ela é celebrada no santuário em Deuteronômio. O escritor de Reis é cuidadoso em mostrar que a Páscoa durante o reinado de Josias foi celebrada de acordo com os requisitos de Deuteronômio (2Rs 23.21-23). Uma passagem em Deuteronômio é explicitamente citada com referência à observância da lei por Amazias (Dt 24.16 em 2Rs 14.6).

Contraste com Crônicas

Os interesses de Reis são ainda mais destacados quando comparados com os relatos paralelos em Crônicas. Enquanto o escritor de Reis trabalhou no rescaldo da destruição de Jerusalém e teve que responder às perguntas “como?” e “por quê?”, o Cronista faz parte da comunidade de restauração. Aqui, as questões teológicas urgentes não eram “como?” e “por quê?”, mas sim “Que continuidade temos com Davi? Deus ainda está interessado em nós?”. A necessidade não é explicar o exílio, mas sim relacionar o pós-exílio com o pré-exílio. A construção do Segundo templo e a organização do culto ali aparecem com mais detalhes em Crônicas do que em qualquer questão relacionada ao antigo templo. Crônicas é uma história de Judá e da linha davídica, refletindo o fato de que ela sozinha sobrevive após o exílio. Interessante também são as coisas omitidas pelo Cronista. Como ele não está construindo um caso para uma acusação, como foi feito em Samuel e Reis, ele é livre para omitir referências ao pecado de Davi com Bate-Seba (2Sm 11) ou às dificuldades de Salomão em conquistar o trono (1Rs 1-2). Como em seu tempo o reino do norte não havia sobrevivido, o Cronista não entrou em detalhes sobre os pecados de Jeroboão (caps 13-14). Crônicas está mais interessado nos assuntos do templo e não mostra o interesse marcante em questões proféticas encontrado em Reis, de modo que as vidas de Elias e Eliseu são omitidas (1Rs 16—2Rs 10). Tampouco o Cronista recita os pecados que levaram à queda do reino do norte (2Rs 17.1-18.12). Em todos esses exemplos, pode-se ver a interação do momento histórico e das preocupações teológicas do povo e dos compiladores. Cada compilador selecionou e organizou os dados de acordo com as preocupações e necessidades da comunidade da qual fazia parte; comparar os dois relatos destaca os interesses de cada um de forma clara.

Conteúdo

Os livros dos Reis se dividem em três partes: (1) o reinado de Salomão (1Rs 1-11); (2) a história do reino dividido (1Rs 12 - 2Rs 17); (3) a história do reino remanescente em Judá (2Rs 18-25).

O reinado de Salomão (1Rs 1-11)

O registro começa com um relato da intriga da corte em torno da ascensão de Salomão ao trono, ambientado no contexto do golpe fracassado de Adonias (cap 1). O moribundo Davi encarrega Salomão de obedecer aos mandamentos de Deus

(2.1-4) e também de se vingar de seus inimigos (vv. 5-9). Após a morte de Davi, Salomão ordena a morte de Adonias, Joabe e Simei, e o banimento de Abiatar, o sacerdote que havia apoiado Adonias em sua tentativa pelo trono (vv. 13-46). Com os inimigos eliminados, o reino foi firmemente estabelecido por Salomão (v. 46).

O restante do reinado de Salomão é dividido em duas partes: Salomão o bom, que segue os caminhos de seu pai, Davi (caps. 3-10); e Salomão o mau, cujo coração é desviado (cap. 11). Enquanto sacrificava em Gibeão, Salomão pede a Deus que lhe conceda o dom da sabedoria para governar — sabedoria prontamente demonstrada na disputa de duas prostitutas sobre uma criança (cap 3). É dado um relato da organização administrativa do reino e da sabedoria incomparável de Salomão (cap. 4). O compilador de Reis dá ampla cobertura aos preparativos (cap. 5), construção (caps. 6-7) e dedicação (cap. 8) do templo. Deus apareceu a Salomão uma segunda vez, lembrando-o de guardar seus mandamentos como Davi havia feito (9.1-9). São dados detalhes das atividades de construção e comerciais do rei (vv. 10-27). O relato da visita da Rainha de Sabá é seguido pela descrição do esplendor de Salomão (cap. 10). Mas Salomão não guardou os mandamentos de Deus; seduzido à adoração pagã por suas esposas estrangeiras, ele não foi totalmente devotado ao Senhor como Davi havia sido (11.4), e Deus determinou tirar as tribos do norte do governo de seu filho (vv. 11-13). Como punição da mão de Deus, Salomão enfrentou rebelião entre os povos conquistados (vv 14-25) e dentro de Israel na pessoa de Jeroboão (vv. 26-40).

História do reino dividido (1Rs 12—2Rs 17)

A monarquia unida se desfez após a morte de Salomão. O reino do norte (Israel) existiria por cerca de dois séculos, seria governado por 20 reis de nove dinastias diferentes e apresentaria uma história de fraqueza interna repleta de regicídios e usurpações. Em contraste, o reino do sul duraria três séculos e meio e seria governado por 19 reis de descendência davídica (exceto por um curto período sob a usurpadora dinástica Atalia).

Havia uma longa história de ação independente e até mesmo de guerra entre as tribos do norte e do sul antes de Davi e Salomão, então não é surpresa que a divisão ocorresse nas linhas que ocorreu. A causa imediata, no entanto, foi a severidade imprudente com que Roboão respondeu aos representantes das tribos do norte enquanto

negociava pela realeza. Jeroboão, o herói popular da insurreição anterior contra Salomão, tornou-se rei no norte. Ele imediatamente ergueu os santuários rivais em Dã e Betel ([1Rs 12](#)); esses altares rivais tornaram-se a medida pela qual os reis de Israel foram condenados por seguir os pecados de Jeroboão.

Por duas gerações, haveria guerra entre Israel e Judá sobre as áreas de fronteira em Benjamim, reivindicadas por ambos os lados. Cinquenta anos de combates esporádicos em sua fronteira mútua, entrelaçados com invasões dos arameus no norte ou dos egípcios no sul, consumiriam os reinados de Jeroboão, Nadabe, Baasa, Elá e Zinri em Israel e de Roboão, Abijam e Asa em Judá ([1Rs 13.1-16.20](#)).

A ascensão de Onri em Israel introduziu uma dinastia que duraria um total de quatro gerações e encerraria a instabilidade dinástica do reino do norte. Embora o livro de Reis dedique a Onri apenas oito versículos ([1Rs 16.21-28](#)), ele foi um dos maiores reis do norte, forjando alianças com os fenícios e Judá; por mais de um século, os assírios chamariam Israel de “a casa de Onri”.

Os reinados dos sucessores de Onri, Acabe, Acazias e Jeorão, são tratados com uma extensão desproporcional, ocupando quase um terço do livro total, 16 de 47 capítulos ([1Rs 17-2Rs 10](#)). Isso ocorre porque o compilador de Reis incorporou uma cobertura extensa das vidas de Elias e Eliseu, criando um contraste entre o bem e o mal ao fazer um paralelo entre a dinastia de Onri e esses profetas. Acabe e Jezabel foram usados como contrapontos para o relato de Elias, de modo que Acabe se tornou um paradigma do rei mau (e.g., [2Rs 21.3](#)).

Devido à preocupação com a dinastia de Onri e as vidas de Elias e Eliseu, o período correspondente em Judá não recebe uma cobertura tão extensa. Durante esse tempo, o reino do norte parece ter exercido alguma hegemonia sobre Judá, como evidenciado pelo casamento de uma omrida (Atalia, [2Rs 8.18,26](#)) com Jeorão de Judá e o papel subserviente de Josafá a Acabe na batalha de Ramote-Gileade ([1Rs 22](#)). A sorte de Judá declinou nesse período quando Edom se revoltou contra Jeorão ([2Rs 8.20-22](#)), custando a Judá o controle sobre o porto em Eziom-Geber e resultando em perdas econômicas.

Em 842 a.C., Jeú, após ser ungido rei por um profeta ([2Rs 9.1-13](#)), liderou um golpe que acabou com a casa de Onri e também matou Acazias de Judá (vv [14-29](#)). O levante de Jeú também resultou na morte

de Jezabel, da família de Acabe, membros da família de Acazias e dos ministros de Baal ([9.30-10.36](#)). As consequências foram politicamente severas: o assassinato da princesa fenícia Jezabel e do rei de Judá custou a Israel seus aliados ao norte e ao sul.

A dinastia de Jeú teve a sucessão mais longa de qualquer outra em Israel, incluindo Jeoás, Joás, Jeroboão II e Zacarias, em um período que abrangeu 90 anos. O assassinato de Acazias de Judá por Jeú preparou o cenário para a única ameaça à continuidade da dinastia davídica. A rainha Atalia, ela mesma uma Omrida, tomou o trono e tentou realizar uma eliminação dos pretendentes davídicos. Ela governou por seis anos, até que o fiel sacerdote Jeoiada organizou um contragolpe para colocar a criança Joás no trono de Davi (cap. [11](#)).

Israel suportou meio século de fraqueza como resultado do golpe de Jeú, durante o qual os arameus tiveram liberdade para reduzir as forças do filho de Jeú, Jeoás, a um pequeno exército e guarda-costas ([2Rs 13.1-7](#)).

O ressurgimento da Assíria no início do século IX a.C. trouxe alívio para Israel e Judá. Os exércitos assírios conquistaram os arameus; com essa ameaça removida, Israel e Judá desfrutaram de um ressurgimento dramático. Joás de Israel, neto de Jeú, reconquistou cidades perdidas para os arameus ([2Rs 13.25](#)); Eliseu morreu durante seu reinado (v. [20](#)). No sul, Amazias reconquistou os edomitas ([14.7](#)). Amazias e Joás renovaram a guerra entre os reinos, com o norte novamente vitorioso (vv. [8-14](#)).

Durante o reinado de Jeroboão II, Israel desfrutou de um período de prosperidade quando as fronteiras do reino alcançaram a mesma extensão que tinham sob Salomão ([2Rs 14.23-28](#)). Uzias (Azarias), seu contemporâneo em Judá, também fortificou Jerusalém e empreendeu um programa de operações ofensivas, estendendo a influência de Judá para o sul ([14.21-22](#); [15.1-7](#)).

No entanto, esse ressurgimento foi apenas um pôr do sol brilhante na história dos dois reinos. Após a morte de Jeroboão II, a história é de desastres sucessivos, culminando na queda de Israel e na subjugação de Judá ao poder da Assíria. Nos próximos 30 anos em Israel, haveria quatro dinastias, três representadas por apenas um rei, e repetidos regicídios enquanto o reino do norte se apressava para sua ruína. Um período de guerra civil e anarquia veria cinco reis em pouco mais de dez anos ([2Rs 15](#)). Pesados tributos foram pagos a Tiglate-Pileser III tanto no norte quanto no sul

([15.19-20](#); [16.7-10](#)). Israel e os arameus formaram uma coalizão para repelir os assírios e buscaram pressionar Acáz de Judá a entrar na luta; Acáz apelou a Tiglate-Pileser III por ajuda. A coalizão foi destruída, e Israel e Judá tornaram-se vassalos. Oséias desertou assim que se sentiu seguro, buscando ajuda no Egito, mas isso foi suicídio para o reino do norte. Salmanaser V retaliou, e a história política do estado de Israel chegou ao fim ([17.1-23](#)). A área foi repovoada com outras populações deslocadas (vv. [24-41](#)).

Israel enfrentou os arameus e sobreviveu, apenas para cair diante da Assíria. Agora, de forma semelhante, Judá resistiria à Assíria, apenas para cair diante da Babilônia.

História do reino remanescente de Judá ([2Rs 18-25](#))

O pedido de Acáz por ajuda assíria custou-lhe a liberdade, e Judá tornou-se um vassalo do Império Assírio. A adoração ilegítima floresceu sob seu governo ([2Rs 16.1-19](#)). Acáz foi sucedido pelo primeiro dos notáveis reis reformistas de Judá: Ezequias. Grande parte do relato de seu reinado é dedicada à sua rebelião contra Senaqueribe da Assíria: a rebelião, os enviados e ameaças assírios, as garantias de libertação de Isaías e a destruição dos exércitos assírios ([18.9-19.37](#)). A doença de Ezequias foi evitada após um sinal e um oráculo de Isaías ([20.1-11](#)). Como parte do que parece ser negociações para uma aliança anti-assíria, Ezequias também recebeu enviados da Babilônia, uma decisão que o profeta anunciou que seria custosa (vv. [12-21](#)).

Ezequias foi sucedido por Manassés, que governou por mais tempo do que qualquer outro rei de Judá (um total de 55 anos). Seu reinado foi marcado por grande apostasia — apostasia tão severa que o compilador de Reis considerou seu reinado como razão suficiente para o exílio que era inevitável ([2Rs 21.1-18](#); cf. [23.26](#); [24.3-4](#); [Jr 15.1-4](#)). Manassés foi sucedido por seu filho Amom, uma cópia de seu pai, que governou apenas dois anos antes de ser deposto pelo povo ([2Rs 21.19-26](#)).

O segundo grande rei reformador de Judá, Josias, seguiu. Durante seu reinado, o Livro da Lei foi encontrado enquanto o templo estava sendo reformado; ele liderou o povo em uma renovação da aliança e suprimiu o culto ilegítimo ([2Rs 22.1-23.14](#)). O Império Assírio estava em rápido declínio, então Josias estendeu suas fronteiras para o norte, destruindo o altar em Betel e os altos lugares por toda Samaria ([23.15-20](#)). Uma grande

celebração da Páscoa foi convocada em Jerusalém, e outras medidas foram tomadas para retificar o culto (vv. [21-25](#)). Josias tentou bloquear a investida do Faraó Neco para ajudar a Assíria, e perdeu sua vida em Megido (vv. [26-30](#)).

Josias foi o único rei de Judá a ter três de seus filhos sucedendo-o. Após sua morte, o povo colocou Jeoás no trono, mas Neco o removeu três meses depois e o levou para o Egito em correntes ([2Rs 23.31-33](#)), substituindo-o por outro filho de Josias, Eliaquim, cujo nome foi mudado para Jeoaquim (vv. [34-37](#)). Durante seu reinado, Nabucodonosor conquistou Judá, e Jeoaquim tornou-se seu vassalo. No final de sua vida, Jeoaquim se rebelou contra Nabucodonosor. Jeoaquim morreu, deixando seu filho Jeoaquim para enfrentar a retaliação da Babilônia ([24.1-10](#)). Nabucodonosor sitiou Jerusalém; quando a cidade caiu, Jeoaquim, a rainha-mãe, o exército e os líderes da terra foram levados cativos. Nabucodonosor colocou Matanias (tio de Jeoaquim e terceiro filho de Josias) no trono, mudando seu nome para Zedequias (vv. [11-17](#)). Nove anos depois, Zedequias também se rebelaria contra a Babilônia. Nabucodonosor sitiou a cidade por dois anos e, quando ela caiu, a destruiu completamente. Os filhos de Zedequias foram mortos diante de seus olhos, e então seus próprios olhos foram arrancados, e ele foi levado para a Babilônia ([24.18-25.21](#)). Nabucodonosor nomeou Gedalias para governar como governador de Mispa, nas proximidades; ele foi assassinado, e os conspiradores fugiram para o Egito ([25.22-26](#)).

O livro conclui mostrando que Deus não havia esquecido sua promessa a Davi, mencionando que, no cativeiro, Jeoaquim desfrutou de favor da parte de Evil-Merodaque, sucessor de Nabucodonosor ([2Rs 25.27-30](#)).

Veja também 1Cr e 2Cr.

Relâmpago

O brilho da luz. Relâmpagos na Bíblia frequentemente indicam a presença de Deus. Eles aparecem em momentos importantes, como:

- Quando Deus vem ao monte Sinai para dar a Moisés os Dez Mandamentos ([Êx 19.16](#));
- Ao descrever o retorno de Jesus ([Mt 24.27](#));
- Em visões de Deus ([Ez 1.14](#); [Dn 10.6](#)).

O livro de Apocalipse frequentemente utiliza relâmpagos como símbolo. Este livro tem como principal objetivo oferecer uma visão de Deus ([Ap 4.5](#); [8.5](#); [16.18](#)).

O relâmpago pode representar diferentes aspectos de Deus:

1. O julgamento de Deus contra os inimigos ([2Sm 22.15](#); [Ap 16.18](#));
2. Poder e domínio de Deus sobre toda a criação ([Sl 135.7](#)).

No livro de Jó, Deus menciona relâmpagos para mostrar a Jó quão grandiosa é a criação. Isso ajuda Jó a entender quão pequeno ele é em comparação com Deus e a criação ([Jó 38.35](#); compare com [Sl 77.16-18](#)).

Remanescente

Grupo de pessoas que sobrevivem a uma catástrofe provocada por Deus, geralmente em julgamento pelo pecado. Este grupo torna-se o núcleo para a continuação da humanidade ou do povo de Deus; a futura existência do grupo maior depende deste remanescente purificado e santo que passou e sobreviveu ao julgamento de Deus. O conceito de remanescente é encontrado em todos os períodos da história redentora, onde a catástrofe — seja desastre natural, doença, guerra ou outros instrumentos — ameaça a continuidade dos propósitos de Deus. Desde o relato da Criação até o final do AT, o conceito é progressivamente aprimorado.

O problema

O problema teológico que o conceito de remanescente aborda é a tensão entre a graça e as promessas de Deus em contraste com sua santidade e julgamento justo do pecado. Essa tensão entre a graça de Deus e seu julgamento apresenta uma distinção entre o verdadeiro e o falso povo de Deus e entre o povo de Deus presente e futuro. O povo santo, puro e verdadeiro de Deus

sobreviverá ao seu julgamento sobre o pecado como um remanescente fiel e se tornará o núcleo de um povo escolhido e renovado. Os propósitos de Deus não são frustrados, mas realizados entre esse povo verdadeiro e renovado.

O conceito é um que corta em duas direções. Por um lado, dependendo da expectativa iminente do autor bíblico, pode enfatizar o julgamento, que Deus está prestes a destruir seu povo por causa de seu pecado; o próprio remanescente pode até ser ameaçado porque o julgamento contemplado é tão severo. Por outro lado, o fato de um remanescente sobreviver enfatiza tanto a graça de Deus (seu favor mostrado àqueles que ele manteve seguros) quanto o surgimento de uma nova era e uma nova comunidade, que herda as promessas de Deus ao surgir desse remanescente.

No Antigo Testamento

Antes do período patriarcal

A primeira passagem que exhibe o conceito de remanescente é o relato da queda do homem. Embora não haja perda imediata de vida ou redução numérica, o julgamento de Deus ameaça a existência contínua da humanidade ([Gn 3.15-19](#)). O julgamento é evitado pela graça de Deus, e Adão e Eva tornam-se o núcleo da humanidade; as esperanças do futuro estão focadas em sua descendência ([3.16.20](#); [4.1](#)). Os propósitos de Deus para a humanidade serão realizados através da semente da mulher.

A narrativa do Dilúvio é mais específica. Por causa da maldade da humanidade, Deus decidiu exterminar toda a vida. No entanto, um homem justo que era irrepreensível diante de Deus, junto com sua família, recebeu o favor de Deus ([Gn 6.8-9](#); [Hb 11.7](#)). Somente Noé e aqueles com ele na arca sobreviveram ao julgamento de Deus ([Gn 7.23](#)). A existência contínua da humanidade se concentra na fertilidade e aumento dos seus filhos ([9.1](#)), introduzindo uma nova era e uma nova aliança (v. [8-17](#)). Os propósitos de Deus para a humanidade serão realizados na semente de Noé.

Do período patriarcal à monarquia

Nem todas as passagens que contribuem para o desenvolvimento do motivo do remanescente envolvem a ameaça de julgamento universal. Os pecados das cidades gêmeas de Sodoma e Gomorra eram tão graves que Deus decidiu destruí-las. Por causa de seu servo Abraão ([Gn 18.16-19](#); [19.29](#)) e por causa da justiça de Ló ([2Pe 2.8](#)), Deus poupou

Ló e suas duas filhas. As negociações de Abraão com Deus para poupar toda a cidade se 50, e finalmente até mesmo 10, pessoas justas pudessem ser encontradas lá ([Gn 18.22-33](#)) enfatizam novamente que os justos escapam do julgamento. Deus não destruirá os justos com os ímpios; mesmo quando hesitaram, ele foi misericordioso e os conduziu para fora da cidade ([19.16,29](#)).

A história de José é a ponte literária dos filhos de Jacó, uma família em Canaã ([Gn 46.26-27](#)), para os milhares de filhos de Israel na época do Êxodo. O tema teológico dominante na história é a preservação da família do patriarca diante da ameaça mortal da fome. Deus enviou José ao Egito para salvar vidas e preservar para sua família um remanescente ([45.6-7](#)). Os irmãos de José pretendiam fazer mal, mas Deus transformou isso em bem — para salvar muitas vidas ([50.19-20](#)). Mais uma vez, os propósitos de Deus não são frustrados, mas serão realizados nesses sobreviventes da ameaça de extinção.

A obediência aos mandamentos de Deus e a confiança em suas promessas estão em questão quando os espiões retornam de reconhecer Canaã ([Nm 13-14](#)). Representantes de todas as tribos haviam explorado a terra. Apesar de concordarem sobre sua excelência, todos, exceto dois dos espiões, relataram que a terra não poderia ser tomada. Por causa de suas murmurações, Deus anunciou sua intenção de destruí-los todos e recriar uma nação maior a partir de seu servo fiel Moisés. Depois que Moisés intercedeu em favor do povo, o Senhor cedeu. Em vez de destruição para todos, apenas Josué e Calebe entrariam na herança Prometida por causa de seu relatório fiel. O povo permaneceria no deserto por 40 anos até que todos morressem, exceto esses dois. Os transgressores morreriam, mas o remanescente fiel receberia a promessa.

A lei também estipula que a fidelidade é necessária para manter a posse da terra. A desobediência traria doença, derrota na guerra, seca, falha nas colheitas, ataque por animais selvagens, morte pela espada e fome, canibalismo, destruição de cidades e exílio em terras inimigas ([Lv 26.1-39](#)). Mas para aqueles que restaram, aqueles que confessaram seus pecados e se arrependeram — o remanescente — Deus manteria sua aliança com eles, os restauraria à sua terra e realizaria seu propósito através deles.

Da monarquia ao exílio

Mesmo no reino do norte apóstata, o Senhor manteve seu remanescente fiel. No final de uma seca de três anos como punição pelos pecados no reino do norte ([1Rs 17.1; 18.1](#)) e após a vitória sobre os sacerdotes de Baal no Monte Carmelo, Elias foi para o Monte Sinai, fugindo para salvar sua vida de Jezabel ([cap 19](#)). Lá, ele lamentou que Israel se entregara totalmente à adoração falsa e que ele era o único restante dos fiéis. Deus respondeu instruindo-o a ungir Jeú como rei e Eliseu como seu sucessor profético. Jeú e Eliseu destruiriam o apóstata, enquanto Deus preservava para si os 7.000 que não haviam se ajoelhado diante de Baal. O remanescente fiel seria poupado da destruição.

Os profetas pré-exílicos enfatizaram a pequenez do remanescente que sobreviveria à destruição sob Assíria e Babilônia. Amós alertou sobre o grande julgamento que ameaçaria até mesmo o próprio remanescente. Deus destruiria o reino pecaminoso, embora não totalmente. Isaías também fala da pequenez do remanescente. Israel é deixado como um abrigo em uma vinha, uma cabana em um campo de melões, apenas evitando por pouco o destino de Sodoma e Gomorra ([Is 1.8-9](#)). É deixado como um poste no topo de uma colina ([30.17](#)), como o toco de uma árvore derrubada ([6.13](#)). Quando o ceifeiro colhe sua colheita, Israel são os restos que ficam, as poucas azeitonas que permanecem no topo da árvore ([17.4-6](#)). Mas do toco dessa árvore derrubada surgirá nova vida ([6.11-13](#)). Aqueles que sobreviverem em Jerusalém serão santos, e o Senhor trará um novo broto do toco de Jessé, um servo justo (o Ramo) que trará o remanescente do povo de Deus de muitas nações ([4.2-3; 11.1-16](#)). Depois que Deus purgar a iniquidade do povo, Jerusalém será conhecida como a cidade da justiça ([1.21-26](#)).

Durante o exílio

Do seu ponto de vista entre os exilados junto ao rio Quebar ([Ezl 1.1](#)), Ezequiel estava preocupado com o futuro remanescente e as promessas de restauração. Em uma visão ([cap 9](#)), ele viu um escriba passar pela cidade de Jerusalém colocando uma marca nas testas de todos que lamentavam os pecados cometidos na cidade. Atrás do escriba vinha um grupo de guerreiros matando todos que não tinham a marca nas testas. Temendo a destruição de todo o povo, Ezequiel clamou: “Ó Senhor, destruirás todo o remanescente de Israel?” Imediatamente depois, ele viu a nuvem de glória — a presença visível de Deus no meio do seu povo —

se levantar e partir do templo (cap. [10](#)). Ezequiel profetizou julgamento sobre os líderes de Israel, e Pelatias (cujo nome significa “escape”) morreu, levando Ezequiel a perguntar novamente: “Ó Senhor, destruirás todo o remanescente de Israel?” ([11.13](#)). O Senhor reunirá seu povo e os restaurará à sua terra como um povo puro, livre de idolatria. Embora seus pecados fossem grandes, ainda haveria misericórdia e restauração para uma nação purificada. A nuvem de glória que Ezequiel viu partindo do templo retornará a um novo templo (cap. [43](#)). O povo não se desviará mais de Deus ([14.11](#)), mas desfrutará de uma nova e eterna aliança ([16.60-62](#)). Ezequiel lembrou o motivo do remanescente como se aplicava à comunidade do deserto após o Êxodo: muitos deixarão a terra da escravidão, e os rebeldes morrerão ao longo do caminho, não entrando em Israel ([20.35-38](#)). Deus reunirá seu rebanho, e eles terão “um pastor, meu servo Davi” ([34.20-24](#)). Deus removerá seus corações de pedra, dará a eles corações de carne e colocará seu Espírito neles ([36.24-27](#)). Embora Israel pareça morto e incapaz de viver novamente, Deus falará a esses ossos secos e os trará à vida ([37.1-14](#)).

Remissão De Pecados*

Frase da ARA sinônimo de “perdão de pecados”. O NT usa uma variedade de termos para descrever uma verdade única. Com o conceito de perdão de pecados, há uma série de expressões empregadas (“passar por cima”, [Rm 3.25](#); “coberto”, [Rm 4.7](#); “não imputado”, [Rm 4.8](#); “não mais lembrado”, [Hb 10.17](#)). Um dos mais significativos é a palavra traduzida “remissão” ([Mt 26.28](#); [Mc 1.4](#); [Lc 1.77](#); [3.3](#); [24.47](#); [Atos 2.38](#); [10.43](#); [Hb 9.22](#); [10.18](#)).

A palavra tem uma tradução interessante na língua grega. No sentido legal, era usada para denotar dispensa do ofício, liberação da obrigação, pagamento de dívida ou punição. Com o tempo, também se referia à anistia ou isenção de impostos. No uso do NT, o verbo significa “deixar ir”, “deixar para trás” ou “mandar embora”. Assim, o substantivo pode ser (e frequentemente é) traduzido como “perdão”, bem como “remissão” ([Atos 5.31](#); [13.38](#); [26.18](#); [Ef 1.7](#); [Cl 1.14](#)). Embora o perdão possa ser exercido tanto nos níveis humano quanto divino, o perdão indicado pela palavra “remissão” é quase sempre o de Deus ([Mt 26.28](#); [Atos 10.43](#)).

Veja também Perdão.

Renfã

Uma divindade pagã mencionada por Estevão em [Atos 7.43](#). Estevão citou o texto de [Amós 5.26](#) para mostrar como os israelitas adoravam falsos deuses durante seu tempo no deserto.

Estevão estava citando a Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento). Os tradutores da Septuaginta entenderam que a palavra hebraica *kaiwan* se referia ao deus assírio de Saturno, ou possivelmente ao deus egípcio de Saturno, Repa.

Alguns estudiosos argumentam que [Amós 5.26](#) não menciona deuses antigos específicos, mas está simplesmente fazendo uma referência geral à adoração falsa praticada pelos israelitas no deserto.

Reobe (Lugar)

1. A área mais ao norte explorada pelos espiões israelitas antes de entrarem em Canaã ([Nm 13.21](#)). Este lugar corresponde à localização de Bete-Reobe ([Jz 18.28](#)). Reobe também é mencionada junto com Zobá e Maacá como inimigos que lutaram contra o rei Davi durante a guerra com os amonitas ([2Sm 10.6-8](#)).
2. Duas cidades pertenciam à tribo de Aser ([Js 19.28-30](#)). Uma dessas cidades foi dada aos levitas da família de Gérson ([Js 21.31](#)) e tornou-se uma cidade de refúgio ([1Cr 6.75](#)). A outra cidade permaneceu sob o controle dos cananeus ([Jz 1.31](#)). Alguns estudiosos acreditam que essas referências podem, na verdade, referir-se à mesma cidade.

Veja também Cidades de refúgio; Cidades levíticas.

Reobe (pessoa)

1. O rei de Zobá. O rei Davi derrotou seu filho, Hadadezer, no Rio Eufrates ([2Sm 8.3,12](#)).

2. Um dos levitas que assinou seu nome no acordo de Esdras ([Ne 10.11](#)).

Reobote

1. Nome base usado para Reobote-Ir, uma cidade construída por Ninrode, em [Gênesis 10.11](#). Veja Reobote-Ir.

2. Local do terceiro poço cavado por Isaque ([Gn 26.22](#)). Desta vez, Abimeleque e os pastores de Gerar não reivindicaram o poço, e Isaque o chamou de "lugares amplos" ou "espaço". O poço estava localizada cerca de 32 quilômetros a sudoeste de Berseba.

3. Lar de Saul, um governante edomita ([Gn 36.37](#); [1Cr 1.48](#)). O lugar é identificado como "no rio", uma referência bíblica frequente ao Eufrates. Assim, versões como a ARC, ARA, NVI inserem "Eufrates" no texto.

Reobote-Ir

Nome que significa "lugares amplos da cidade". Foi a segunda cidade construída por Ninrode, o caçador na Assíria ([Gn 10.11](#)). A opinião diverge quanto a se era um município distinto (um subúrbio de Nínive) ou, já que o nome da cidade não é mencionado na literatura assíria, praças abertas ou ruas largas dentro da própria Nínive.

Réptil

Veja Animais (Víbora; Naja; Lagartixa; Lagarto; Cobra).

Requém

Neto de Manassés ([1Cr 7.16](#)).

Requém (Pessoa)

1. O príncipe ou rei de Midiã que foi morto com seus quatro parceiros em uma batalha liderada por Moisés sob o comando do Senhor ([Nm 31.8](#), [Js 13.21](#)). Os israelitas que viviam perto da área governada por Requém foram levados a adorar o falso deus chamado Baal-Peor.
2. O filho de Hebrom, que era descendente de Calebe. Requém foi o pai de Samai ([1Cr 2.43-44](#)).

Resefe

Filho de Refa, descendente de Efraim e antepassado de Josué, filho de Num ([1Cr 7.25](#)).

Resém

Cidade construída por Ninrode entre Nínive e Calá ([Gn 10.12](#)). Fazia parte do complexo conhecido como "a Grande cidade" e poderia ter sido um subúrbio de Nínive. Alguns intérpretes sugerem que era uma obra hidráulica entre Nínive e Calá.

Resgate

Preço para redimir ou libertar escravos, cativos, propriedade ou a vida. Jesus descreveu todo o seu ministério como um serviço, ao dar sua vida como resgate por muitos ([Mt 20.28](#); [Mc 10.45](#)). Assim, "resgate" está intimamente ligado a termos como "redenção" e "salvação", referindo-se à satisfação cumprida por Cristo em expiação pelo pecado.

No Antigo Testamento

No AT, Deus proveu vários regulamentos para seu povo da aliança, pelos quais a vida e a propriedade poderiam ser "redimidas", "compradas de volta" ou "libertadas" pelo pagamento de resgate (cf. [Lv 25-27](#)). O resgate envolvia um preço pago como substituto pelo que foi redimido ou libertado.

O AT usa três palavras hebraicas diferentes para resgate ou redenção. Apenas quando há uma indicação clara do pagamento de um preço esses termos são traduzidos por "resgate". Mas mesmo quando outro termo, como "redenção", é usado na

tradução para o português, o "preço de resgate" geralmente está implícito.

Um dos termos hebraicos (*kopher*) significa uma "coberta" ou uma "cobertura". Era um pagamento de substituição feito em troca de punição. Um resgate poderia ser pago para redimir a vida do proprietário de um boi que tivesse chifrado alguém até a morte ([Êx 21.30](#)). Um preço de resgate de meio shekel era exigido por Deus para cada israelita no censo para evitar uma praga ([30.12](#)), e este "dinheiro da expiação" era uma oferta ao Senhor para uso no serviço do tabernáculo. Um assassino não poderia ser resgatado, e qualquer um que encontrasse segurança numa cidade de refúgio não poderia ser levado de volta por resgate ([Nm 35.31-32](#)). Era impossível evitar a morte pagando um resgate ([Sl 49.7-9](#)). Mas em alguns casos, o termo assume o significado de um "suborno" ou "propina" ([1Sm 12.3](#); [Pv 6.35](#); [Am 5.12](#)).

Uma segunda família de palavras hebraicas para "resgate" e "redenção" está relacionada a *go'el*. *Go'el*, que significa "resgatador" ou "redentor", deriva do significado do termo hebraico "restaurar, reparar, livrar, resgatar". O termo se refere aos regulamentos de Deus para leis de família que colocam várias obrigações a um parente ou familiar próximo ([Lv 25.25-55](#)). O parente tinha o direito e o dever de exercer o resgate à qualquer propriedade familiar que uma pessoa fosse obrigada a vender ([Lv 25.25-34](#); [Rt 4.4-6](#)); de resgatar um parente compelido pela pobreza a se vender como escravo a um estranho ou peregrino ([Lv 25.47-55](#)); e também tinha o papel de agir como vingador do sangue de um parente morto, garantindo assim a reivindicação por satisfação pelo derramamento de seu sangue ([Nm 35.19-27](#); [Js 20.3-5](#)). O parente também era obrigado a se casar com a esposa de um irmão morto que havia morrido sem deixar filhos, para que ele pudesse gerar descendência e o nome do irmão não fosse esquecido em Israel ([Rt 3.9-13](#); [4.1-12](#)). Num sentido geral, o *go'el* era um "defensor" ou "redentor"; um exemplo familiar é o clamor de Jó para Deus vindicá-lo ([Jó 19.25](#)). Num sentido mais pleno, Deus é o parente e *go'el* de Israel, redimindo-os da escravidão do Egito ([Êx 6.5-7](#)), do cativeiro na Babilônia e da aflição em geral (*go'el* ocorre 13 vezes em [Js 40-46](#)). Assim, Israel é chamado de "os resgatados do Senhor" ([Js 35.10](#)), tendo sido "redimidos sem dinheiro" ([52.3](#)). Em tais contextos, no entanto, o preço é indicado em termos de autoridade e poder de Deus.

O AT usa uma terceira palavra hebraica (*pidyon*) relacionada a área da lei comercial para resgate ou pagamento. Uma vez que Deus poupou o primogênito em Israel na época da Páscoa, o primogênito de cada ventre pertencia a Deus, e o filho mais velho era redimido por resgate ([Êx 13.12-15](#); [34.20](#); [Lv 27.27](#); [Nm 18.15-17](#)). Mais tarde, toda a tribo de Levi foi separada para servir como substitutos sacerdotais para os primogênitos. Uma vez que havia 273 mais primogênitos do que os levitas, um pagamento de cinco shekels era pago em resgate para cada um ([Nm 3.40-46](#)). Este termo também era usado para o preço pago para resgatar um escravo da escravidão ([Dt 15.15](#); [24.18](#)); uma escrava também poderia ser resgatado ([Êx 21.8-11](#); [Lv 19.20](#)). Deus motiva essas provisões por meio de seu próprio resgate de Israel da escravidão no Egito ([Dt 15.15](#); [24.18](#)). Este termo hebraico também é aplicado a libertação de Deus de Israel do Egito ([Dt 7.8](#); [9.26](#); [13.5](#); [2Sm 7.23](#); [1Cr 17.21](#); [Sl 78.42](#)) e do cativeiro babilônico ([Js 35.10](#); [51.11](#)). Às vezes, Deus resgata sem fazer referência a uma ocasião específica ([Os 7.13](#); cf. [Dt 21.8](#); [Ne 1.10](#); [Js 1.27](#); [Jr 31.11](#)). Deus também resgata do túmulo ([Os 13.14](#)), das iniquidades ([Sl 130.8](#)) e dos problemas ([25.22](#)). Esta libertação sempre implica algum tipo de pagamento ou preço, como "o grande poder" ou "mão forte" de Deus necessário para a redenção.

No Novo Testamento

No NT há apenas uma família de palavras usadas para resgate. O termo basicamente significa "soltar" ou "libertar". Denota libertar, redimir ou libertar mediante o pagamento do preço do resgate. A tradução "resgate" é restrita a aproximadamente oito casos em que há uma referência clara ao pagamento de algum tipo de preço. Os tradutores da Septuaginta restringiram o uso dessa palavra grega àqueles casos em que os três termos hebraicos claramente significavam o pagamento de resgate.

A ocorrência mais importante no NT é a descrição de Jesus de sua morte "como um resgate por muitos" ([Mt 20.28](#); [Mc 10.45](#)). Três características se destacam nas palavras de Jesus: seu serviço é de resgate; seu autossacrifício é o preço do resgate; e seu resgate é de caráter substitutivo. "Ele deu sua vida para comprar a liberdade para todos" ([1Tm 2.6](#)). Jesus Cristo "deu sua vida para nos livrar de todo tipo de pecado" ([Tt 2.14](#)). O preço do resgate era "o precioso sangue de Cristo", que era um cordeiro puro ([1Pe 1.18-19](#)), vinculando assim o sacrifício de Cristo aos sacrifícios do AT que

apontavam para ele. O sangue de bodes e bezerras não era capaz de salvar, mas uma redenção eterna foi obtida pelo sangue de Cristo ([Hb 9.12](#)). No céu, os redimidos cantam o novo cântico ao Cordeiro cujo sangue os resgatou ([Ap 5.9](#); cf. [14.3-4](#)).

Veja também Expição; Redentor, Redenção.

Ressurreição

Ato de ser ressuscitado dos mortos, usado na Bíblia em três contextos diferentes: (1) Se refere à ressurreição milagrosa dos mortos de volta à vida terrena, como quando Elias ressuscitou um menino ([1Rs 17.8-24](#)), Eliseu ressuscitou o filho de Sunamita ([2Rs 4.18-37](#)), Jesus ressuscitou a filha de Jairo ([Mc 5.35-43](#)) e Lázaro ([Jo 11.17-44](#)), Pedro ressuscitou Dorcas ([Atos 9.36-42](#)), e Paulo ressuscitou Êutico ([20.9-12](#)). Não há nenhuma pista de que essas ressuscitações impediriam a morte futura. (2) Se refere com mais frequência à ressurreição de Jesus Cristo. (3) Também se refere à ressurreição escatológica da humanidade no final dos tempos para punição ou recompensa ([Jo 5.29](#); cf. [Ap 20.5-6](#)).

Resumo

- Ressurreição no Antigo Testamento e no judaísmo
- A ressurreição de Jesus Cristo
- Os relatos da ressurreição
- O significado da ressurreição de Cristo
- Ressurreição em geral
- Ressurreição e gnosticismo

Ressurreição no Antigo Testamento e no judaísmo

O conceito de ressurreição para a vida eterna se desenvolveu lentamente em Israel. Vida e morte estavam limitadas à existência física neste mundo. A morte significava deixar este mundo e entrar em uma existência sombria conhecida como Sheol, o lugar dos *refaim*, ou sombras ([Is 14.9](#)), um lugar de desesperança ([2Sm 12.23](#); [Jó 7.9-10](#)). A tragédia do Sheol era que uma pessoa foi cortada da comunhão com Deus. Naquela fase do pensamento de Israel, parecia haver pouca esperança para a ressurreição ([Sl 6.4-5](#); [88.10-12](#)).

Mas no meio da desesperança sobre um futuro pessoal, Israel desenvolveu um senso de fidelidade

a Deus. Apesar do fato de que o futuro não era claro, Jó clamou impotente: “Se um homem morrer, ele viverá novamente?” ([Jó 14.14](#)). Como Jó buscava o aparentemente impossível, a difícil passagem em [Jó 19.25-26](#) sugere a realidade da ressurreição por um redentor vivo (go’el).

Enquanto alguns argumentariam que [Os 6.1-3](#) sugere uma ressurreição, é provável que Israel o considerasse uma promessa do cuidado contínuo de Deus, mesmo quando experimentou a derrota nas mãos de seus inimigos. Se Paulo viu na declaração do terceiro dia de Oseias uma referência a Jesus, é difícil de avaliar ([1 Coríntios 15.4](#)). Esta passagem, juntamente com textos como os ossos secos de Ezequiel (cap. [37](#)), se concentra principalmente em dar esperança a Israel, apesar da derrota. Mas eles podem ter se tornado parte de um senso em desenvolvimento em Israel de que após a morte, deveria haver algo mais.

Em [Dn 12.2](#), no entanto, há uma referência certa à ressurreição dos mortos. De fato, o texto anunciou uma ressurreição dupla de judeus: alguns para a vida eterna e alguns para o desprezo eterno. Mas não havia ressurreição geral de todas as pessoas sugeridas por este texto.

No período intertestamentário, as visões começaram a solidificar. Os saduceus teologicamente conservadores não teriam nada a ver com as novas ideias de ressurreição e a vida após a morte. Eles continuaram a argumentar que não havia menção de ressurreição nos escritos de Moisés, que a vida pertencia a este reino terreno, e que a esperança futura foi experimentada através dos filhos ([Ec 46.12](#)). O Sheol, o lugar dos mortos, era desprovido de relacionamento com Deus e era um lugar de existência infeliz. A opinião dos saduceus da ressurreição é geralmente bem conhecida dos cristãos por causa do encontro entre Jesus e os saduceus quando eles tentaram enganá-lo sobre a esposa de sete irmãos. Jesus rejeitou suas visões da ressurreição, de Deus e das Escrituras ([Mc 12.18-27](#)).

Os fariseus, juntamente com os essênios e aqueles em Qumran, acreditavam na ressurreição. Um padrão duplo de ressurreição foi sugerido pelas famosas passagens escatológicas de 2 Esdras 7 e o Apocalipse de Baruque 50-51. Ambos os textos podem ser tão tardios quanto o primeiro século d.C. Nas Semelhanças de 1 Enoque, os judeus justos geralmente poderiam esperar a ressurreição, mas não os ímpios (1 Enoque 1.46,51,62). Mas em outro lugar em Enoque, há uma dica de que alguns ímpios podem ser ressuscitados para julgamento (vv.

22,67,90). A ressurreição dos justos nesses textos estaria geralmente ligada a um tipo espiritual de corpo, mas em [2 Macabeus 7.14ss.](#), a visão parece menos desenvolvida e mais física. Os ascetas em Qumran esperavam uma ressurreição no grande Dia do Senhor.

Enquanto no judaísmo havia um senso crescente de um dia escatológico de ressurreição e acerto de contas, não havia nenhuma pista em qualquer lugar de uma ressurreição do Messias. Tal ideia tinha que esperar a realidade histórica de Jesus.

A ressurreição de Jesus Cristo

A ressurreição de Cristo é o ponto central do cristianismo. Tão importante era a ressurreição para Paulo que ele articulava tanto a pregação quanto a fé sobre sua validade. Ele considerou que um cristianismo sem a ressurreição seria vazio e sem significado ([1Co 15.12-19](#)). De fato, a ressurreição para ele era a revelação do poder de Deus em Jesus ([Rm 1.4](#)).

A ressurreição de Cristo é a pressuposição por trás de outros textos do NT também. O renascimento para uma esperança viva é baseado na ressurreição ([1Pe 1.3](#)). É o fundamento para testemunho e comunhão com Deus, porque o Senhor vivo foi visto e tocado ([1Jo 1.1-4](#)). É a tese alicerce para ministério e apostolado ([At 1.21-25](#)). Os Evangelhos também teriam dificilmente sido boas novas se eles não concluíssem com a ressurreição de Cristo. A ressurreição de Cristo é o protótipo para todos os crentes, que experimentarão a ressurreição quando Cristo voltar.

Os relatos da ressurreição

Embora a ressurreição de Jesus Cristo seja a própria essência do cristianismo, tem sido o assunto de debate considerável. Os estudiosos observaram frequentemente as variações que estão presentes nos relatos. Quantas e quem eram as mulheres no túmulo? Havia um (Mt; Mc) ou havia dois anjos (Lc; Jo) no túmulo? As mulheres vieram para ungir o corpo (Mc; Lc) ou para ver o túmulo (Mt)? As mulheres não disseram nada a ninguém por causa de medo (Mc), ou elas se relataram aos discípulos (Mt)? Qual era a ordem das aparições, e elas ocorreram em Jerusalém (Lc; [Jo 20](#)) ou na Galileia (Mt; [Jo 21](#)) ou em ambos os lugares? As aparições podem ser harmonizadas? Que tipo de corpo Jesus possuía? Essas e muitas outras perguntas foram o divisor de águas para uma grande quantidade de debate acadêmico contemporâneo.

Muitas dessas perguntas não foram descobertas por estudiosos recentes. Taciano no segundo século tentou remover as perguntas compondo seu *Diatessaron* (harmonia), na esperança de que os cristãos aceitassem seu trabalho como um substituto livre de variantes para os Evangelhos. Embora os cristãos tenham gostado da harmonia, eles continuaram a transmitir fielmente os Evangelhos, porque eles acreditavam que neles, por inspiração divina, Deus havia fornecido um testemunho poderoso sobre seu Filho. Muitos hoje ainda tentam o caminho da harmonização em um esforço para lidar com as minúcias das perguntas históricas, mas eles geralmente perdem a singularidade de cada testemunho. Outros enfatizam as diferenças e especulam as construções do Evangelho, mas o fato da ressurreição geralmente se perde nos detalhes dessas construções humanas. Ambas são tentativas de proteger a essência da fé e da razão de maneiras diferentes.

O túmulo vazio

Muitas explicações foram dadas sobre o túmulo vazio. Alguns disseram que o corpo foi roubado pelos discípulos (já sugerido por [Mt 28.13](#)), mas então é preciso explicar a igreja com base na fraude. Outros disseram que os judeus poderiam ter roubado o corpo, ou os discípulos poderiam ter confundido o túmulo, mas então o corpo logo teria sido apresentado pelos inimigos. Outros disseram que Jesus poderia ter desmaiado, acordado mais tarde no túmulo frio, mas então o resultado teria dificilmente inspirado o poder da igreja cristã. Essas explicações são todas tentativas racionalistas baseadas em um preconceito de que uma ressurreição real de Jesus não poderia ter acontecido.

Apesar das diferenças materiais, e enquanto os escritores dos Evangelhos usaram uma grande quantidade de material comum em suas histórias de túmulo, eles mesmos se absteram de empregar o túmulo como uma base para a fé da ressurreição. Com a exceção de [Jo 20.8](#), o túmulo vazio gerou surpresa e medo. De fato, parecia ser uma história sem sentido ([Lc 24.11](#)). Não são as histórias do túmulo, mas as aparições de Jesus após sua ressurreição que deram origem à fé.

As aparições

Ao contrário das histórias do túmulo, há pouca semelhança de material nas aparições. No entanto, as aparições são a base para a fé de que o

inacreditável aconteceu. Um inimigo como Paulo foi convertido em um apóstolo zeloso ([At 9.1-22](#); [1Co 15.8](#)). Um pescador temeroso como Pedro abandonou suas redes ([Jo 21](#)). Um cético como Tomé proferiu a maior confissão do cristianismo primitivo, chamando Jesus de “meu Senhor e meu Deus” ([20.24-28](#)). E dois viajantes cansados para Emaús encontraram novo zelo para voltar rapidamente para Jerusalém e compartilhar as notícias sobre seu encontro com Jesus ressuscitado ([Lc 24.13-35](#)).

Os estudiosos debateram a natureza dessas aparições. Começando pela lista de aparições de Paulo ([1Co 15.5-8](#)), alguns argumentaram que todas as aparições são da mesma natureza, e uma vez que a aparição na estrada de Damasco a Paulo registrada em Atos parece ter sido de natureza espiritual ([At 9.1-9](#); cf. [22.6-11](#); [26.12-19](#)), então todas as aparições devem ter sido semelhantes. As declarações de que Jesus ressuscitado era tocável ([Lc 24.41-43](#)) são rejeitadas como acréscimos posteriores a uma tradição anterior do tipo de visão. Este tipo de argumento é baseado em pressuposições da impossibilidade de uma ressurreição corporal.

Outra teoria foi baseada na divisão entre o Jesus da história e o Cristo da fé. De acordo com esta visão, a ressurreição não deveria ser considerada como um fato da história, mas como uma experiência da fé dos discípulos. A questão, no entanto, é que as testemunhas oculares da ressurreição de Jesus proclamaram o evento como uma realidade histórica e palpável.

O significado da ressurreição de Cristo

Várias pessoas foram ressuscitadas dos mortos, como registrado na Bíblia. O filho de uma viúva foi ressuscitado por Elias, o filho de outra viúva foi ressuscitado por Jesus, e Lázaro foi ressuscitado por Jesus. No entanto, sua revitalização (ou ressuscitação) não é a mesma que a ressurreição de Cristo. Eles se levantaram apenas para morrer novamente; ele se levantou para viver para sempre. Eles se levantaram ainda condenados pela corruptibilidade; ele se levantou incorruptível. Eles se levantaram sem nenhuma mudança em sua constituição; ele se levantou de uma forma significativamente diferente.

Quando o Senhor se levantou, três coisas significativas aconteceram com ele. Ele foi glorificado, ele foi transfigurado, e ele se tornou espírito. Todos os três aconteceram simultaneamente. Quando ele foi ressuscitado, ele

foi glorificado (veja [Lc 24.26](#)). Ao mesmo tempo, seu corpo foi transfigurado em um glorioso ([Fp 3.21](#)). Da mesma forma — e de forma bastante misteriosa — ele se tornou espírito vivificador ([1Co 15.45](#)).

Antes da crucificação e ressurreição do Senhor, ele declarou: “A hora chegou em que o Filho do Homem será glorificado. Em verdade, em verdade, eu digo a vocês, a menos que um grão de trigo caia na terra e morra, ele permanece sozinho; mas se morrer, produz muitos grãos” ([Jo 12.23-24](#)). Esta declaração fornece a melhor imagem de ressurreição. Paulo também usou esta ilustração. Ele comparou a glória da ressurreição a um grão que está sendo semeado na morte e então surgindo em vida. Na verdade, Paulo usou esta ilustração ao responder duas perguntas que os coríntios colocaram sobre a ressurreição: (1) Como os mortos são ressuscitados? e (2) Com que tipo de corpo eles vêm? ([1Co 15.35](#)).

À primeira pergunta, Paulo respondeu: “Homem tolo, o que você semeia não é tornado vivo a menos que morra” ([1Co 15.36](#)). Isso segue perfeitamente o dito do Senhor em [Jo 12.24](#), e os dois se explicam um ao outro. Os grãos devem morrer antes de poder ser despertados. Paulo dedica mais explicações à segunda pergunta; e o Espírito inspirou sua declaração sublime para revelar este mistério. Usando o mesmo exemplo natural do grão de trigo, Paulo revelou que o corpo que surge na ressurreição é totalmente diferente em forma do que havia sido semeado. Através de um processo orgânico, o único grão nu é transformado em um talo de trigo. Em essência, o grão e o talo são um e o mesmo — este último simplesmente sendo o crescimento vivo e a expansão expressa do primeiro. Em resumo, o talo é a glória do grão, ou o grão glorificado. Esta ilustração mostra que o corpo ressuscitado de Jesus era completamente diferente do que foi enterrado. Na morte, ele havia sido semeado em corrupção, desonra e fraqueza; na ressurreição, ele surgiu em incorrupção, glória e poder. O corpo natural que Jesus possuía como homem se tornou um corpo espiritual, e, ao mesmo tempo, Cristo se tornou “espírito vivificante”.

Com esta nova existência espiritual, Cristo, como espírito e através do Espírito Santo, poderia habitar milhões de crentes simultaneamente. Antes da ressurreição, Jesus foi limitado por seu corpo mortal; após sua ressurreição, Jesus poderia ser experimentado ilimitadamente por todos os seus crentes. Antes de sua ressurreição, Cristo poderia habitar apenas entre seus crentes; após sua

ressurreição, ele poderia habitar em seus crentes. Porque Cristo se tornou espírito através da ressurreição, ele pode ser experimentado por aqueles em que ele habita. O Espírito de Cristo agora torna Cristo muito real e experiencial para nós.

O Senhor Jesus entrou em um novo tipo de existência quando ele foi ressuscitado dos mortos porque ele foi glorificado e simultaneamente se tornou espírito — ou, para inventar um termo, ele foi “pneumaficado” (da palavra grega para “espírito”, *pneuma*). Parece que quando ele se levantou, o Espírito habitante penetrou e saturou seu corpo para constituir todo o seu ser com espírito. Estudos recentes na área da pneumatologia (o estudo do Espírito) apontam que o Cristo ressuscitado e o Espírito estavam unidos através da ressurreição de Cristo.

William Milligan, o autor do melhor clássico inglês sobre o assunto da ressurreição, disse que o Cristo ressuscitado é espírito. Nesse clássico, chamado *A Ressurreição de Nosso Senhor*, ele escreveu o seguinte:

A condição de nosso Senhor após Sua Ressurreição foi vista pelos escritores sagrados como essencialmente um estado de *pneuma* (espírito). Na verdade, não que nosso Senhor não tivesse então nenhum corpo, pois é a lição constante das Escrituras de que um corpo era possuído por ele; mas que o mais profundo, a característica fundamental de Seu estado, interpenetrando até mesmo o corpo, e moldando-o em uma adaptação completa e harmonia com Seu espírito, era *pneuma*. Em outras palavras, é proposto perguntar se a palavra *pneuma* no Novo Testamento não é usada como uma breve descrição do que nosso Senhor era após Sua ressurreição, em contraste com o que Ele era durante os dias de Sua humilhação na terra.

Milligan continuou a partir daí para mostrar que várias partes das Escrituras afirmam que o Cristo ressuscitado é espírito. Ele citou [1Co 6.17](#) para mostrar que o crente que está unido com o Senhor ressuscitado deve ser unido a ele como espírito, porque aquele que está unido com o Senhor é dito ser “um espírito” com ele. Ele usou [2Co 3.17-18](#) para demonstrar que o Senhor que é o Espírito não é outro senão o Cristo ressuscitado. Ele também empregou [1Tm 3.16](#), [Rm 1.3-4](#), e [Hb 9.14](#) para provar que o Senhor ressuscitado é espírito.

Quando lemos os últimos capítulos dos Evangelhos, percebemos que uma grande mudança havia ocorrido em nosso Senhor após a ressurreição. Ao

entrar na glória, ele havia entrado em uma nova esfera de existência. Em um momento, ele era visível; em outro, ele se tornou invisível ([Lc 24.31](#)). Ele estava desafiando as limitações do espaço e talvez até o tempo. No início da manhã do dia da ressurreição, ele apareceu a Maria Madalena no jardim ([Jo 20.11-17](#)), então a algumas das outras mulheres ([Mt 28.9](#)). Depois disso, ele ascendeu a seu Pai ([Jo 20.17](#)). Então ele voltou para aparecer a Pedro, que havia ido para casa ([Jo 20.10](#); [Lc 24.34](#)). No mesmo dia, no final da tarde, ele caminhou cerca de 11,3 quilômetros com dois discípulos em seu caminho para Emaús ([Lc 24.13-33](#)), após o que ele apareceu aos discípulos enquanto eles estavam reunidos em uma sala fechada em algum lugar em Jerusalém ([Lc 24.33-48](#); [Jo 20.19-23](#)). É quase impossível seguir uma ordem sequencial e cronológica de todos esses acontecimentos. O que Jesus fez foi humanamente impossível. Como ele poderia fazer todas essas aparições no mesmo dia? Tudo o que podemos dizer é que a ressurreição mudou muito sua esfera de existência. Como espírito, e ainda com um corpo — um corpo glorificado — ele não estava mais limitado pelo tempo e pelo espaço.

Através da ressurreição, Jesus havia adquirido uma forma diferente (veja [Mc 16.12](#)). Quanto à sua pessoa, ele ainda era o mesmo; o Jesus que andou na Galileia e foi crucificado no Calvário é o mesmo Jesus que se levantou. Sua pessoa não havia mudado, nem nunca será; é imutável. Mas sua forma mudou; ele é agora espírito vivificante. Como tal, Cristo é capaz de habitar todos os seus crentes.

A ressurreição e a regeneração estão intimamente ligadas nas Escrituras — da mesma maneira que a crucificação e a redenção formam uma unidade inseparável. Como a redenção não era possível sem a crucificação de Cristo, assim a regeneração não é possível sem a ressurreição de Cristo. As Escrituras dizem claramente que nascemos de novo através da ressurreição de Cristo ([1Pe 1.3](#)).

Depois que Cristo foi ressuscitado dos mortos, ele chamou os discípulos de seus irmãos ([Mt 28.10](#); [Jo 20.19](#)), e ele declarou que seu Deus era agora o Deus deles, e seu Pai o Pai deles. Através da ressurreição, os discípulos haviam se tornado os irmãos de Jesus, possuindo a mesma vida divina e o mesmo Pai. Como o primogênito de entre os mortos ([Cl 1.18](#); [Ap 1.18](#)), Jesus Cristo se tornou o primogênito entre muitos irmãos ([Rm 8.29](#)).

Ressurreição em geral

Paulo olhou para o Dia do Senhor quando os mortos em Cristo seriam ressuscitados e aqueles que ainda estavam vivos se juntariam aos mortos na vitória final ([1Ts 4.15-18](#)). Não havia dúvida em sua mente de que esta ressurreição era uma expectativa gloriosa, que envolvia algum tipo de um corpo personalizado, e que este corpo não seria físico, mas espiritual ([1Co 15.35-44](#)). Paulo não falou de duas ressurreições, assim como os textos de João (p. ex., [Jo 5.29](#)), mas meramente da ressurreição para a vida. Talvez o Apocalipse de João forneça a melhor pista para entender o pensamento do NT sobre esta questão porque se refere à bênção de fazer parte da primeira ressurreição ([Ap 20.5-6](#)). Embora em Apocalipse o termo “ressurreição” não seja usado em conexão com o julgamento, a aparição no tribunal e o veredicto da segunda morte no lago de fogo indicam que uma ressurreição para julgamento dificilmente será da mesma essência que a ressurreição para a vida.

Ressurreição e gnosticismo

A escatologia gnóstica está endividada com a visão grega da imortalidade e envolve o derramamento da casca corporal na ascensão espiritual do devoto ao Pleroma, ou céu gnóstico. Por causa da maneira como os gnósticos usavam palavras, o Evangelho de Filipe é uma janela útil para entender a distorção gnóstica das ideias. Lá, é argumentado que “aqueles que dizem que o Senhor morreu primeiro e [então] se levantou estão errados; porque ele primeiro se levantou e [então] morreu. Se alguém não alcançar a ressurreição primeiro, ele não morrerá?” (Filipe 56.15-19). O conceito de ressurreição é tirado da compreensão escatológica e definido não em termos de uma expectativa verdadeiramente futura de ressurreição, mas em termos de um despertar espiritual realizado neste mundo. O Evangelho de Filipe também é útil em perceber por que em [2Tm 2.17-19](#) a crítica era tão severa contra Himeneu e Fileto por sustentar que a ressurreição havia passado. Claramente, a escatologia percebida foi rejeitada na comunidade paulina e pela igreja quando apareceu no gnosticismo. E deve continuar a ser rejeitada pela igreja nos dias atuais.

Veja também Mortos, Lugar dos; Escatologia; Segunda Vinda de Cristo; Espírito.

Ressurreição Corporal de Cristo

A crença de que Jesus ressuscitou fisicamente dos mortos após sua morte na cruz, e não apenas de forma espiritual.

Veja Ressurreição.

Retidão

Manter um relacionamento adequado, especialmente com Deus e também com os outros.

Atender apenas às expectativas em qualquer relacionamento, como entre cônjuges, pais e filhos, cidadãos, trabalhadores e empregadores, comerciantes e clientes, governantes e cidadãos, e Deus e as pessoas, é chamado de retidão. Quando alguém cumpre essas expectativas, suas ações e palavras são consideradas justas. O oposto de justo ou reto é “mal”, “perverso” ou “errado” (compare [Sl 1.6](#); [Sf 3.5](#)).

Retidão no Antigo Testamento

Em Israel, a retidão influenciava todos os aspectos da vida, tanto religiosos quanto seculares (não religiosos). Israel foi chamado para ser uma nação especial, destinada a mostrar ao mundo o governo, a natureza e as expectativas de Deus. Eles precisavam da revelação de Deus para entender Sua vontade e manter um relacionamento com Ele. O relacionamento de uma pessoa com Deus estava diretamente ligado ao seu relacionamento com os outros.

A retidão divina e a retidão humana

Deus é justo ([2Cr 12.6](#); [Sl 7.9](#); [103.17](#); [Sf 3.5](#); [Zc 8.8](#)). Sua justiça (ou retidão) se manifesta em suas ações para com seu povo e em seu relacionamento com eles. Todos os atos de Deus são justos (compare [Dt 32.4](#); [Jz 5.11](#); [Sl 103.6](#)). O povo de Deus se alegrava em seus atos justos ([Sl 89.16](#)). Porque Deus é justo, ele espera justiça (retidão) dos outros, refletindo sua natureza. Justiça significa seguir a regra e a vontade de Deus.

Noé é chamado de “justo” porque andava com Deus e demonstrava integridade em comparação com os outros ([Gn 6.9](#)). Após a queda da humanidade — quando as pessoas desobedeceram a Deus e trouxeram o pecado ao mundo, levando ao dilúvio e à dispersão em Babel — Deus renovou Seu relacionamento com as pessoas através de Abraão e seus descendentes. Abraão foi justo porque viveu

de acordo com a vontade revelada de Deus ([Gn 15.6](#); compare [17.1](#); [18.19](#); [26.5](#)).

A Lei e a retidão

Deus revelou a Israel como eles deveriam se relacionar com Ele e uns com os outros. A lei ajudou o povo a viver de acordo com a vontade de Deus e a ser justo. Uma pessoa dedicada ao serviço de Deus era chamada de justa (compare [Mt 3.18](#)). Portanto, retidão significa viver corretamente diante de Deus e dos outros, demonstrado através do que fazemos e dizemos.

Os profetas falaram sobre um futuro tempo de retidão. Esse seria quando o rei especial escolhido por Deus (o Messias) governaria. Também seria quando o reino de Deus viria à terra. O profeta Isaías escreveu sobre isso ([Is 11.1-9](#)). Ele disse que esse governo se espalharia por todas as nações (vv. [10-16](#)). Isaías também disse que duraria para sempre ([Is 9.7](#)). Isaías descreveu a entrada gloriosa do reino de Deus, onde seus inimigos são subjugados, seu povo é reunido e eles vivem em paz.

Os atos de restauração, desde o retorno de Israel do exílio até a vinda final do reino, demonstram os atos justos de Deus. Ele perdoa, restaura, permanece fiel, ama, elege e envia seu Espírito para renovar seu povo. Ele lhes concede os benefícios da relação de aliança renovada (um acordo especial entre Deus e seu povo). Tanto judeus quanto gentios recebem os atos justos de Deus ([Is 45.8,23](#); [46.13,48,18](#); [51.5,8,16](#); [56.1](#); [59.17](#); [60.17](#); [61.10-11](#)).

Retidão no Novo Testamento

Deus estava preocupado com a salvação do seu povo e seu reino eterno. Assim, Deus revelou sua retidão enviando seu Filho. A vinda de Cristo marca a renovação do relacionamento de Deus com as pessoas, a aliança, e seu reino na terra. A antiga aliança, mediada por Moisés, foi renovada pelo Filho de Deus, que veio “para cumprir toda a justiça” ([Mt 3.15](#)). A mensagem de Jesus alinha-se com o Antigo Testamento ao identificar o reino de Deus com sua retidão ([Mt 6.33](#); [13.43](#)). Jesus ensinou que Deus espera que todos vivam em harmonia com sua vontade ([Mt 7.21](#)). Jesus é a revelação final de Deus sobre o que ele exige para que as pessoas entrem no reino e vivam de forma justa.

Justificação e retidão

Os indivíduos não podem alcançar essa justiça por seus próprios esforços; é um presente de Deus ([Rm 3.21-5.21](#)). Não há justiça à parte de Jesus Cristo. O evangelho de Jesus revela que “O justo viverá pela fé” ([Rm 1.17](#); compare [Hb 2.4](#)). Portanto, o Pai requer a aceitação de seu Filho como meio de justificação ([Rm 3.25-26](#); [5.9](#)). A justificação ocorre quando Deus declara as pessoas justas ao confiarem em seu Filho ([Rm 8.33-34](#); [2Co 3.18](#); [11.15](#)). Deus perdoa pecados, reconcilia-se com os pecadores e lhes concede paz ([Rm 5.1,9-11](#); [Ef 2.14-17](#)). Aqueles declarados justos desfrutam de um novo relacionamento como “filhos de Deus” por adoção. O Pai se relaciona de forma justa com seus filhos e espera que eles se relacionem de forma justa com ele.

Futuro cumprimento da retidão

Quando Jesus retornar, veremos a verdadeira retidão (justiça) em sua plenitude. Naquele momento, todos aqueles que Deus tornou justos consigo também serão glorificados ([Rm 8.30](#)). O plano de Deus para salvar as pessoas está avançando em direção a um objetivo final. Este objetivo é quando o reino de Deus aparecerá plenamente. Naquele momento, Deus renovará toda a criação em “justiça” — isto é, toda a criação estará em harmonia com Deus ([2Pe 3.13](#)).

Veja também Deus, ser e atributos de; Justificação, Justificado; Lei, Conceito Bíblico de.

Retrocesso

Perder o compromisso com a religião, tornar-se menos devoto ou menos moral.

A principal palavra hebraica para retroceder significa “voltar” ou “afastar-se”. Os israelitas frequentemente se afastavam de Deus e seguiam as práticas pecaminosas e os ídolos de seus vizinhos. No Antigo Testamento:

- Israel é descrito como desejando coisas perversas e abandonando Deus e seus mandamentos ([Ed 9.10](#); [Is 1.4](#); [Ez 11.21](#)).
- Eles quebraram sua aliança com Deus ao adorar ídolos e agir com infidelidade ([Sl 78.10](#); [Jr 2.11](#); [Os 4.10](#)). A aliança é uma promessa ou acordo especial entre Deus e seu povo.
- Esqueceram-se das grandes obras de Deus, ignoraram seus conselhos e rejeitaram seus ensinamentos ([Sl 78.11](#); [107.11](#); [Is 30.9](#)).
- Eles se tornaram teimosos e se entregaram a todos os tipos de comportamentos imorais ([Jr 3.21](#)).
- Líderes religiosos que deveriam ter guiado o povo estavam levando-os ao erro ([Is 9.16](#)).
- Os sacerdotes foram infiéis ([Jr 50.6](#)).

Deus ficou profundamente entristecido com o fracasso espiritual de seu povo e disse que “Israel infiel cometeu adultério” (adultério é usado como uma metáfora para a infidelidade a Deus; [Jr 3.8](#)). Através de Oséias, o Senhor lamentou o fato de que “Israel é tão obstinado quanto uma novilha teimosa” ([Os 4.16](#)). Jeremias confessou: “De fato, nossas rebeliões são muitas; pecamos contra ti” ([Jr 14.7](#)).

Reú

Filho de Pelegue, pai de Serugue. Ele era um descendente de Sem ([Gn 11.18-21](#); [1Cr 1.25](#)). Ele é listado como um dos descendentes de Jesus em [Lucas 3.35](#).

Veja Ancestralidade de Jesus Cristo.

Reuel

1. Reuel era outro nome para Jetro, o sogro de Moisés ([Nm 10.29](#)). *Veja* Jetro.

2. Um membro da tribo de Naftali que vivia em Ecbatana. De acordo com [Tobias 3.7](#), Reuel era o pai de Sara, que em breve se tornaria a esposa de Tobias. Isso ocorreu devido à intervenção do anjo Rafael.

Reuel

1. O filho de Esaú com sua esposa Basemate, e pai de quatro filhos: Naate, Zerá, Samá e Mizá ([Gn 36.4.10-17](#)).
2. Um sacerdote de Midiã que deu sua filha a Moisés como esposa. Ele é possivelmente a mesma pessoa mencionada acima como #1, e idêntico a Jetro ([Êx 2.18](#); compare [Êx 3.1](#)). *Veja* Jetro.
3. Uma grafia alternativa de Deuel, pai de Eliasafe, em [Números 2.14](#). *Veja* Deuel.
4. Um ancestral de Mesulão na tribo de Benjamim ([1Cr 9.8](#)).

Reumá

A concubina de Naor ([Gn 22.24](#)). Seus quatro filhos se tornaram os ancestrais das tribos arameias que viviam ao norte de Damasco.

Reuniões Da Igreja

A assembleia dos crentes. No NT, a palavra grega ekklesia (geralmente traduzida como “igreja”) é usada principalmente de duas maneiras: (1) para descrever uma reunião ou uma assembleia, e (2) para designar as pessoas que fazem parte dessa assembleia — estejam elas de fato reunidas ou não. O NT contém alguns lugares que falam de uma assembleia secular grega ([Atos 19.32.41](#)); nos demais casos, fala de uma assembleia cristã. Às vezes, a palavra ekklesia é usada para designar a reunião efetiva de cristãos. Isso certamente é o que ele pretendia em [1 Coríntios 14.19.28](#), e [35](#), na medida em que a expressão em ekklesia deve significar “em uma reunião” e não “na igreja”. Traduzir esta frase “na igreja” (como é feito na

maioria das versões modernas em português) é enganoso, pois, a maioria dos leitores pensará que significa “no edifício da igreja”. O NT, nem uma vez, nomeia o lugar da assembleia como “igreja”. Além dos poucos casos em que a palavra significa claramente a reunião efetiva dos crentes, *ekklesia* na maioria das vezes é usada como um descritor para os crentes que constituem uma igreja local (como a igreja em Corinto, a igreja em Filipos, e a igreja em Colossos) ou todos os crentes (passado, presente e futuro) que constituem a igreja universal, o corpo completo de Cristo.

Ao ler o NT, os cristãos precisam estar cientes das várias maneiras pelas quais a palavra *ekklesia* (“igreja”) é usada. No nível mais básico, a *ekklesia* é qualquer reunião de crentes. Em outro nível, a *ekklesia* é uma entidade local organizada — composta por todos os crentes em qualquer localidade, sob um presbiterato plural. Em outro nível, a *ekklesia* é a igreja universal que tem todos os seus constituintes crentes que já existiram, estão agora existindo, e sempre existirão. A palavra *ekklesia* era usada pelos escritores do NT com esses vários aspectos de significado, embora, às vezes, não seja possível diferenciar um do outro. No entanto, os estudantes do NT poderiam evitar algumas confusões se usassem de discriminação em sua exegese do texto. Alguns intérpretes ensinaram que a menor unidade da igreja é a igreja local, mas os escritores do NT às vezes usavam a palavra “igreja” para indicar uma pequena reunião em casa. Outros intérpretes confundem a igreja local com a igreja universal. Mas alguns aspectos no NT são aplicados a uma igreja local que não necessariamente se aplica a toda a igreja, e alguns grandes aspectos são ditos sobre a igreja universal que nunca poderiam ser alcançados por qualquer grupo local específico. As coisas que Paulo disse sobre a igreja na Epístola aos Efésios (que foi escrita como uma encíclica para várias igrejas e não apenas para a igreja em Éfeso) nunca poderiam ser alcançadas por uma igreja local. Por exemplo, que igreja local poderia alcançar a plenitude da estatura de Cristo?

Há muito a ser dito sobre como os intérpretes confundiram a igreja local com a igreja universal, mas este artigo é dedicado a esclarecer a confusão sobre o que constitui a menor unidade da igreja — a igreja local, ou o que poderia ser chamado de igreja ou reunião doméstica.

O NT parece apresentar o fato de que uma determinada igreja local (ou seja, uma igreja que compreende todos os crentes em uma determinada

localidade sob um presbiterato) poderia ter várias *ekklesiai* — “reuniões” ou “assembleias” (conduzidas nas casas dos cristãos locais). Assim, a menor unidade a compor uma “igreja” era uma dessas reuniões nas casas. No entanto, não há nenhuma indicação no NT de que cada uma dessas reuniões domésticas tinha seu próprio presbítero ou era uma entidade distinta separada das outras reuniões (*ekklesiai*) na mesma localidade. De acordo com [Atos 14.23](#) e [Tito 1.5](#), os presbíteros eram nomeados para cada igreja local (compare as expressões “nomeados presbíteros em cada igreja” e “nomear presbíteros em cada cidade”) — não para cada igreja doméstica. No entanto, parece que todas as igrejas locais de certo tamanho tinham várias dessas *ekklesiai* (“reuniões”) acontecendo dentro daquela localidade.

A igreja em Jerusalém deve ter tido várias reuniões nas casas (veja [Atos 2.46](#); [5.42](#); [8.3](#); [12.5.12](#)), assim como a igreja em Roma (veja [Rm 16.3–5.14.15](#) e comentários abaixo). Uma pequena igreja local pode ter tido apenas uma reunião doméstica — como provavelmente foi o caso da igreja em Colossos (veja [Fm 1.2](#) e comentários abaixo), mas isso teria sido impossível para grandes igrejas locais como as de Jerusalém, Roma e Éfeso, nas quais deve ter havido várias “igrejas domésticas” (veja [1Co 16.19–20](#) [1Co foi escrito de Éfeso] e comentários abaixo). Um exame das passagens que lidam com a questão da “igreja doméstica” deve afirmar isso. Essas passagens são [Romanos 16.3–5.14–15](#); [1 Coríntios 16.19–20](#); [Colossenses 4.15–16](#); e [Filemom 1.1–2](#).

Romanos 16.3–5, 14–15

No último capítulo de Romanos, Paulo pediu aos crentes em Roma, a quem ele havia escrito esta epístola, para saudar Priscila e Áquila e a igreja que se encontrava na casa deles ([16.3–5](#)). Toda a igreja em Roma não poderia ter se encontrado na casa de Priscila e Áquila, pois a igreja era grande demais para ter se reunido em uma única casa. Em vez disso, a igreja na casa de Priscila e Áquila deve ter sido uma entre várias dessas “igrejas domésticas” em Roma. A seguinte reflexão deve fundamentar esta posição.

A Epístola de Paulo aos Romanos foi dirigida a “todos os amados de Deus em Roma” ([1.7](#)), não à “igreja em Roma”. No momento em que escrevia, Paul não havia ido a Roma — nem o tinha qualquer outro apóstolo. A igreja provavelmente foi iniciada lá pelos romanos judeus que haviam sido convertidos durante sua visita a Jerusalém na

ocasião do Pentecostes ([Atos 2.10](#)) e depois voltaram para Roma. Uma vez que a igreja não havia sido iniciada por um apóstolo, poderia ter sido que não havia presbíteros “ordenados” na igreja em Roma e que havia várias reuniões de crentes em diversas partes de Roma e seus subúrbios. Paul conhecia alguns dos santos em Roma (a quem ele se dirigiu pelo nome no último capítulo) e, assim, dirigiu uma epístola a todos os santos naquela localidade, em vez de à igreja naquela localidade — que era sua prática usual (veja [1Co 1.1](#); [2Co 1.1](#); [1Ts 1.1](#); [2Ts 1.1](#)). No entanto, “todos os santos em Roma” compreenderiam “a igreja em Roma” (cf. [Fp 1.1](#), na qual Paul dirigiu sua epístola a todos os santos em Filipos).

No capítulo final de Romanos, Paulo pede a todos os crentes em Roma (o que equivale à igreja “local” em Roma) para saudar a igreja na casa de Priscila e Áquila. Mais tarde no capítulo, Paulo pede à igreja para saudar Asíncrito, Flegonte, Hermas, Pátrobas, Hermes e os irmãos com eles; e então novamente ele pede à igreja para saudar Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, Olimpás e todos os santos com eles ([16.14-15](#)). Evidentemente, ele estava identificando dois outros grupos de crentes que devem ter se encontrado. (E talvez ele estivesse se referindo a mais dois grupos em [16.10-11](#), o que em grego poderia significar os das *famílias* de Aristóbulo e Narciso ou os de suas *comunidades*). Parece que a igreja em Roma, como a igreja em Jerusalém e Éfeso, tinha várias ekklesiai (reuniões) domésticas.

A Epístola aos romanos foi escrita por volta de 58 d.C. A perseguição Neroniana começou por volta de 64 d.C. Historiadores seculares como Tácito nos dizem que uma vasta multidão (*ingens multitudo*) de cristãos foi torturada e morta durante esta perseguição (*Anais 15.44*). Seutônio (em seu livro *Nero*, cap. 16) disse que o rápido aumento dos cristãos em Roma os tornara impopulares. De fato, na época em que Paulo escreveu a Epístola aos Romanos, ele disse que sua fé era conhecida em todo o mundo ([1.8](#)), o que indica que a igreja em Roma já havia causado um impacto no mundo mediterrâneo. Quando Paulo veio a Roma três anos depois (61 d.C.), ele chegou a uma cidade que já tinha uma grande igreja lá. De [Romanos 15.23](#), sabemos que a igreja já existia há muitos anos, mesmo antes de Paulo escrever sua epístola para eles. Em suma, a igreja em Roma era uma grande igreja na época em que Paulo escreveu sua epístola para eles. A igreja inteira não poderia ter se encontrado na casa de Áquila e Priscila, que teriam apenas uma residência de tamanho modesto (pois

eles eram fabricantes de tendas). Além disso, Paulo saudou mais de 25 indivíduos pelo nome no capítulo [16](#) — e ele ainda não havia estado em Roma!

Deve ter havido várias ekklesiai em Roma, ou seja, várias igrejas domésticas, todas unificadas como a única igreja local em Roma. Por exemplo, os cristãos em Roma aparentemente cultuavam em várias casas, como na de Priscila e Áquila. Outras igrejas nas casas são mencionadas em [Colossenses 4.15](#) e [Filemom 1.2](#). Grupos de cristãos se reuniam em casas de crentes proeminentes ou em outros ambientes disponíveis (cf. [Mt 26.16](#); [Atos 12.12](#); [1Co 16.19](#); [Cl 4.15](#); [Fm 1.2](#)). A igreja na casa de Priscila e Áquila é o primeiro de cinco grupos de crentes na lista de Paulo, mas o único que definitivamente se refere como igreja (veja [Rm 16.5, 10-11, 14-15](#)). Priscila e Áquila abriram sua casa para as reuniões cristãs. Obviamente, a igreja mencionada havia apenas uma parte do número total de cristãos em Roma. Os versos [10-11](#) e [14-15](#) parecem se referir a duas outras igrejas domésticas em Roma. Aparentemente, havia pelo menos três igrejas lá, e provavelmente mais. Cada igreja doméstica não poderia ter sido uma entidade separada com um governo de igreja independente; em vez disso, cada igreja doméstica deve ter sido simplesmente uma reunião doméstica de alguns dos santos na única igreja local em Roma.

1 Coríntios 16.19-20

Nesta passagem, vemos novamente Áquila e Priscila e, novamente descobrimos que uma igreja se encontrou na casa deles. De acordo com Romanos, essa igreja doméstica estava, é claro, em Roma. De acordo com 1 Coríntios (escrita de Éfeso), a igreja doméstica deles estava em Éfeso. Muitos estudiosos pensam que Áquila e Priscila deixaram Roma por volta de 49 d.C., na época do édito de Cláudio, expulsando os judeus de Roma. Eles muito bem já poderiam ter se tornado cristãos neste momento. De acordo com [Atos 18](#), eles se juntaram a Paulo em Corinto (onde todos trabalhavam juntos em seu ofício de fazer tendas) e depois foram com ele para Éfeso, durante aquele tempo (por volta de 51 d.C.) a igreja em Éfeso foi estabelecida pela primeira vez. Ele continuou com sua segunda jornada missionária, enquanto Áquila e Priscila permaneceram em Éfeso. Sem dúvida, a igreja primitiva se encontrou lá na casa deles primeiro. Paulo voltou para Éfeso alguns anos depois e permaneceu lá por dois anos (por volta de 53-54 d.C.). Durante este tempo, a proclamação do evangelho por Paulo saiu de Éfeso (como um

centro) para toda a Ásia Menor (veja [Atos 19.8-10](#)). Enquanto isso estava acontecendo, a igreja em Éfeso cresceu (veja vv. [18-20](#)).

Foi durante esses anos que Paulo escreveu aos Coríntios, no qual ele enviou saudações das igrejas na Ásia, de Áquila e Priscila — e da igreja na casa deles e de todos os irmãos ([1Co 16.19-20](#)). Ao dar este tipo de saudação, parece que ele estava enviando saudações de (1) todas as igrejas na Ásia Menor, (2) a igreja em Éfeso (equivalente a “todos os irmãos”) e (3) aqueles crentes que se reuniam com Áquila e Priscila na casa deles. Seria difícil imaginar que todos os santos em Éfeso se encontravam na casa de Áquila e Priscila. A igreja provavelmente começou assim, mas à medida que crescia, o número de reuniões domésticas também crescia. De outras partes do NT (especificamente 1 Timóteo, que foi escrito por volta de 64 d.C. por Paulo a Timóteo, enquanto Timóteo estava liderando a igreja em Éfeso), descobrimos que devem ter havido várias reuniões domésticas em Éfeso, pois havia muitos santos lá (veja [1 Timóteo 5-6](#), demonstrando que deve ter havido um grande número de santos em Éfeso — homens e mulheres jovens, homens mais velhos, viúvas, e assim por diante). De qualquer forma, vários santos devem ter realizado uma *ekklesia*, uma reunião em sua casa. (Áquila e Priscila deixaram Éfeso por volta de 56/57 d.C. e voltaram para Roma, onde novamente eles hospedaram uma igreja em sua casa. Outros em Éfeso teriam aberto suas casas). Mas cada uma dessas *ekklesia* não tinha seu próprio presbiterato; em vez disso, toda a igreja em Éfeso estava sob um presbiterato — presidido por Timóteo, companheiro de Paulo no trabalho.

Colossenses 4.15-16

Nesta seção, lemos novamente sobre uma igreja existente na casa de alguém chamado Ninfas. Em seus comentários finais à igreja em Colossos, Paulo pediu aos santos em Colossos para enviar suas saudações aos (1) os irmãos que estão em Laodiceia, (2) Ninfas em especial, e (3) a igreja na casa de Ninfas. De acordo com a estrutura de [Colossenses 4.15](#), parece evidente que a primeira saudação incluía todos os crentes em Laodiceia (uma igreja vizinha de Colossos), que compunham toda a igreja em Laodiceia (chamada “a igreja dos laodicenses” em [Cl 4.16](#)), e que a segunda e terceira saudações eram a um indivíduo específico (Ninfas) na igreja em Laodiceia e uma reunião da igreja na casa de Ninfas. Esta reunião da igreja na casa de Ninfas provavelmente seria uma das várias

reuniões domésticas — todas pertencentes à igreja local em Laodiceia.

Há um problema textual nesta passagem que poderia ter algum efeito na interpretação da mesma. Alguns manuscritos leem “casa dele”; outros leem “casa dela”; ainda outros leem “casa deles”. Como não pode ser determinado pelo texto grego se Ninfas era homem ou mulher, vários escribas usaram pronomes diferentes após “casa”. Entre as leituras “dela” e “dele”, é muito mais provável que o pronome “dela” tenha sido alterado para “dele” do que vice-versa. Alguns estudiosos dizem que “deles” se refere aos “irmãos” em Laodiceia. Mas isso não faz sentido se entendermos que “os irmãos em Laodiceia” é equivalente à igreja em Laodiceia. Como a igreja em Laodiceia poderia ter a igreja na casa deles? Outros estudiosos indicam que a palavra grega para “deles” (*auton*) se refere aos com Ninfas — isto é, os membros de sua casa. Se a leitura fosse “casa dela” ou “casa deles”, um grupo específico de crentes dentro da igreja de Laodiceia se reunia lá. Essa reunião poderia legitimamente ser chamado de *ekklesia* — um ajuntamento.

Filemom 1.1-2

Esta é a última vez no NT que lemos sobre uma igreja em uma casa específica. Paul escreveu uma pequena epístola a Filemom, um ancião da igreja em Colossos, em nome de Onésimo, o escravo fugitivo de Filemom convertido por Paulo a Cristo. Em sua introdução a esta pequena epístola, Paulo envia suas saudações a Filemom, Áfia, Arquipo e a igreja na casa de Filemom. É importante notar que Paulo não enviou saudações a todos os santos em Colossos e depois à igreja na casa de Filemom (como é o padrão em [1Co 16.19-20](#) e [Cl 4.15](#)); em vez disso, ele apenas enviou saudações a Filemom e à igreja em sua casa. Portanto, podemos concluir que toda a igreja em Colossos deve ter se reunido na casa de Filemom.

Adoração nas reuniões domésticas e reuniões da igreja

Quando a igreja começou em Jerusalém, os crentes se reuniam em casas para comunhão e adoração. [Atos 2.42-47](#) nos diz que os primeiros cristãos se reuniam em casas para ouvir os ensinamentos dos apóstolos e celebrar a Comunhão (que é chamada de “partir o pão”). Durante essas reuniões, os cristãos muitas vezes compartilhavam refeições uns com os outros no que era chamado de festa de fraternidade ([2Pe 2.13](#); [Judas 1.12](#)). Nessas

reuniões, os cristãos recitavam as Escrituras, cantavam hinos e salmos, e louvavam com alegria o Senhor (veja [Ef 5.18-20](#); [Cl 3.16-17](#)). Os cristãos também se juntavam em casas para orar ([Atos 12.12](#)) e ler a Palavra.

Pequenos grupos de crentes se reuniam em casas para adoração com bastante regularidade; em uma cidade onde havia várias *ekklesiai*, todos os crentes se reuniam para ocasiões especiais. As Escrituras nos dizem que todos os crentes se reuniam para ouvir da epístola dos apóstolos, lida em voz alta (veja [Atos 15.30](#); [Cl 4.16](#)), e podemos supor a partir do registro do NT, que todos os cristãos em uma cidade se reuniam uma vez por semana no domingo, que era chamado de Dia do Senhor. Primeiro Coríntios fornece várias ideias sobre como os primeiros cristãos adoravam juntos quando todos os crentes em uma cidade se reuniam. Sabemos que 1 Coríntios pertence a esta reunião maior porque em [11.20](#) Paulo falou de todos os crentes se reunindo em um lugar e em [14.23](#) ele falou de toda a igreja se reunindo em um lugar.

Ele usou esta epístola para corrigir o comportamento dos Coríntios na celebração da Ceia do Senhor ([1Co 11.17-34](#)) e no exercício dos dons espirituais durante as reuniões da igreja (capítulo [14](#)). As instruções de Paulo revelam suas percepções de um modelo de reunião cristã, que, provavelmente, foram desenvolvidas a partir da real experiência em outras reuniões da igreja. Ele exortou os coríntios a celebrarem a Ceia do Senhor juntos de uma maneira que refletisse a instituição de Jesus sobre aquela refeição. Eles deviam se lembrar do Senhor e sua morte por eles, e partilhar do pão e do vinho com toda a seriedade. Ao mesmo tempo, eles deveriam estar conscientes do fato de que eles eram membros do mesmo corpo de Cristo — unidos uns aos outros, e também a Cristo.

De acordo com a apresentação de Paulo no capítulo [14](#), esta “consciência do corpo” deveria ser evidente na maneira como os crentes adoravam juntos. A experiência pessoal e a liberdade não devem impedir a coordenação do corpo ao adorar a Deus corporativamente. Assim, quando os crentes exerciam seus dons espirituais — seja profetizando, falando em línguas, fornecendo interpretações das línguas ou ensinando — isso deveria ser feito em boa ordem e para a edificação da congregação, não edificação pessoal. Quando toda a igreja se reunia para adorar a Deus, deveria ser uma manifestação de unidade espiritual.

Veja também Igreja.

Revelação

Revelação é quando algo oculto se torna conhecido ou é revelado a outros.

Qual é o significado de "revelação"?

A palavra vem do latim *revelatio*. Possui dois significados principais:

1. O ato de revelar para tornar algo conhecido.
2. A coisa que é revelada.

Na teologia, revelação se refere à maneira como Deus se faz conhecer pelas pessoas. Isso pode ocorrer de duas maneiras:

- Deus se revelando diretamente;
- A mensagem de Deus sendo compartilhada por meio da fala ou da escrita.

No Novo Testamento, a palavra grega para revelação (*apokalupsis*) significa "revelar" ou "tornar conhecido". Outra palavra grega, *phanerosis*, tem um significado semelhante, mas enfatiza que algo é mostrado claramente e é fácil de entender.

Diferentes perspectivas sobre como aprendemos a respeito de Deus

A filosofia racionalista, ensinada por pensadores como René Descartes e Emanuel Kant, sustenta que a razão humana é a única fonte verdadeira de conhecimento sobre Deus. Essa visão aceita apenas a religião natural — crenças que vêm da razão humana — e nega qualquer revelação sobrenatural real de Deus. Os racionalistas podem, às vezes, considerar a ideia de uma religião sobrenatural, mas não acreditam que Deus possa intervir diretamente no mundo.

A teologia cristã ensina que a fonte do verdadeiro conhecimento é a palavra de Deus, especificamente as Escrituras. No entanto, a teologia crítica moderna, às vezes chamada de "teologia científica", questionou se as Escrituras podem realmente ser confiáveis como uma base sólida para entender Deus. Muitos estudiosos agora argumentam que a ciência natural oferece um conhecimento mais confiável e que eventos sobrenaturais são improváveis. Como resultado, as Escrituras não são mais vistas como a autoridade final.

De acordo com essa visão, a Bíblia não registra o que realmente aconteceu ou o que Deus verdadeiramente disse ou fez. Em vez disso, reflete as crenças da igreja primitiva sobre o que eles pensavam que havia acontecido. Portanto, a Bíblia é vista não como uma mensagem divina de Deus, mas como um produto único das ideias e experiências religiosas iniciais.

A teologia cristã ensina que a revelação divina — a mensagem de Deus para a humanidade — é a única fonte verdadeira para compreender Deus. As pessoas conhecem Deus porque ele escolhe se revelar. Deus age primeiro e é o autor da revelação, enquanto as pessoas o recebem. Através desta revelação, Deus mostra coisas que de outra forma permaneceriam ocultas ([Dt 29.29](#); [Gl 1.12](#); [Ef 3.3](#)).

Revelação geral

Deus se revela à humanidade de duas maneiras principais. Primeiro, há o que é conhecido como "revelação geral". Através da revelação geral, Deus se faz conhecido na natureza, na história e nas pessoas, que são feitas à sua imagem. Esta ideia — de que as pessoas têm um senso interno da existência de Deus através do mundo natural — é encontrada ao longo da Bíblia, tanto no Antigo Testamento (como em [Sl 10.11](#); [14.1](#); [19.1](#)) quanto no Novo Testamento (como em [At 14.17](#); [17.22-29](#); [Rm 1.19-21](#)).

As pessoas podem reconhecer que Deus existe, que ele é o Criador com grande poder e que governa com justiça. Por essa razão, mesmo quando as pessoas negam a existência de Deus, como fazem os ateus, elas estão lutando contra uma consciência interior sobre Deus. Quando Paulo falou aos atenienses, ele os lembrou de que é em Deus — o único Deus verdadeiro — por quem todas as pessoas vivem, se movem e existem ([At 17.28](#)). No entanto, conhecer Deus através da natureza não é o fim da revelação. A revelação completa acontece quando as pessoas encontram Deus pessoalmente.

Revelação especial

Conhecer Deus apenas através da natureza não revela seu propósito amoroso de salvar todas as pessoas. O coração de Deus é gracioso e deseja a salvação de todos. É por isso que Deus escolheu se revelar de uma maneira especial, para que as pessoas pudessem conhecer seus planos. Sem essa revelação especial, as pessoas não entenderiam o plano de Deus para a salvação através de Cristo. Na Bíblia, Deus guiou profetas e apóstolos, enchendo seus corações e mentes para que pudessem

transmitir sua mensagem ([Jr 1.4-19](#); [1Co 2.13](#); [1Ts 2.13](#); [2Pe 1.16-21](#)).

O ponto mais alto da revelação de Deus foi quando seu Filho, Jesus Cristo, veio em forma humana ([Jo 1.14-18](#); [Gl 4.4-5](#); [Hb 1.1-2](#)). Jesus revelou Deus, o Pai, de maneira direta e completa, mostrando a vontade amorosa de Deus para todas as pessoas ([Jo 14](#)).

Deus não apenas guiou os corações e mentes de seus profetas e apóstolos para falarem sua palavra; ele também os inspirou a escrever as mensagens, promessas e ensinamentos que queria preservar para sempre. Esses escritos sagrados, reunidos na Bíblia, formam um todo unificado que revela os pensamentos e planos de Deus para a humanidade. Através das Escrituras, os profetas e apóstolos compartilharam não apenas eventos históricos, mas também verdades específicas que Deus queria que as pessoas soubessem. O principal propósito da Bíblia é revelar Cristo, e todas as Escrituras apontam para ele ([Jo 5.39](#); [10.35](#); [At 10.43](#); [18.28](#); [1Co 15.3](#)).

Veja também Bíblia, Inspiração da.

Riacho

Um pequeno córrego de água corrente.

Veja Uádi.

Riacho do Arabá

Um riacho (corrente de água) que deságua no Arabá ([Am 6.14](#)). A localização exata deste riacho não é conhecida.

O Arabá é um extenso vale de terra desértica que se estende do Mar da Galileia até o Leste da África. Há um wadi (leito de rio seco que se enche de água durante as chuvas) chamado Arabá ao sul do Mar Morto.

Na Bíblia, a palavra Arabá significa "deserto" ou "selvagem". Pode se referir a partes do vale do Jordão ([Dt 4.48-49](#); [Js 8.14](#); [2Rs 25.4](#)). Também pode se referir a partes do mar Morto ([Dt 3.17](#)).

No leito do Arabá, a água flui para o mar Morto a partir de várias nascentes e ribeiros que se formam durante as chuvas.

Veja também Arabá.

Riacho dos salgueiros

Um riacho ou pequeno vale mencionado em [Isaías 15.7](#). Também é chamado de "Ravina dos Salgueiros". Provavelmente estava na fronteira sul de Moabe. O versículo diz que a riqueza de Moabe seria levada ao longo deste riacho.

Ribeirão do Egito

Fronteira natural entre a área do Deserto de Neguebe em Israel e a Península do Sinai, cerca de 80 quilômetros a sudoeste de Gaza. O Ribeirão do Egito, moderno Wadi el-Arish, flui apenas durante a estação chuvosa ([Nm 34.5](#); [Js 15.4.47](#); [1Rs 8.65](#); [2Rs 24.7](#); [2Cr 7.8](#); [Js 27.12](#); [Ez 47.19](#); [48.28](#)). Uma palavra hebraica diferente, significando um rio sempre fluente, aparece em [Gênesis 15.18](#), onde Deus delineou as fronteiras da Terra Prometida ao patriarca Abraão. Essa referência pode ser ao ramo mais oriental do Nilo (o Pelusiac), que deságua no Mar Mediterrâneo perto do moderno Porto Said, e à linha de fortificações antigas que marcam a fronteira do Egito.

Ribeiro da planície

Leitura da ARC para um ribeiro não identificável na Arabá em [Amós 6.14](#); chamado de Ribeiro da Arabá na ARA (NVT "vale de Arabá"). *V veja Ribeiro da Arabá.*

Ribla

1. Cidade ao longo do Rio Orontes, localizada a cerca de 56 quilômetros a nordeste de Baalbek, identificada com a moderna Ribleh, na Síria. Ribla estava bem situada topograficamente para operações militares, especialmente quando as grandes potências do Egito e da Mesopotâmia cruzavam a parte norte do Crescente Fértil. Os egípcios são mencionados nas Escrituras como o primeiro povo a perturbar esta cidade. Após a morte do rei Josias em sua batalha com o faraó egípcio Neco, Joacaz foi feito rei. Neco não aprovou a eleição. Assim, o faraó prendeu Joacaz em Ribla e fez Eliaquim (Jeoquim), irmão de Joacaz, rei de Judá ([2Rs 23.33](#)).

Após a derrota de Neco em Carquemis em 605 a.C., Nabucodonosor da Babilônia assumiu o controle da área, estabelecendo Ribla como seu quartel-

general para seus domínios no sul da Síria e Palestina. Quando Zedequias, rei de Judá, se opôs a Nabucodonosor, os babilônios o capturaram e o prenderam em Ribla ([2Rs 25.6](#); [Jr 39.5-6](#); [52.9-10](#)). Consequentemente, muitos dos filhos de Zedequias foram mortos em Ribla, e Zedequias foi amarrado e levado para Babilônia ([2Rs 25.20-21](#); [Jr 52.26-27](#)).

Em [Ezequiel 6.14](#), Ribla também é chamada de Dibla nas versões ACF, NVI e BKJ.

2. Parte da cidade que define a fronteira oriental de Israel, localizada a leste de Aim ([Nm 34.11](#)). Sua localização exata é desconhecida, embora provavelmente não seja identificável com a mencionada no item 1 acima.

Rifate

Filho de Gômer e irmão de Asquenaz e Togarma, descendentes não semitas de Noé através da linhagem de Jafé ([Gn 10.3](#)). [1 Crônicas 1.6](#), uma passagem paralela, menciona "Difate" em vez de Rifate, sem dúvida um erro de cópia posterior que nunca foi corrigido.

Rim

Um rim é um órgão interno do corpo. Na Bíblia, os rins possuíam tanto um significado físico quanto espiritual.

Na antiga Israel, Deus ordenou que os rins dos animais sacrificiais, junto com sua gordura, fossem queimados como ofertas no altar ([Êx 29.13](#); [Lv 3.4-15](#)). Isso fazia parte das instruções de Deus sobre quais partes dos animais podiam e não podiam ser consumidas. Os israelitas não tinham permissão para comer sangue, e os rins simbolizavam essa restrição.

A Bíblia também usa os rins como um símbolo para os pensamentos e sentimentos mais profundos de uma pessoa. Os escritores hebreus frequentemente mencionavam os rins junto com o coração e a alma para descrever o eu interior ou o verdadeiro caráter de alguém ([Sl 73.21](#)). Eles acreditavam que os rins eram o lugar onde as pessoas faziam escolhas morais e refletiam profundamente sobre a vida ([Sl 16.7](#); [Jr 12.2](#)). A palavra hebraica para rins é frequentemente traduzida como "coração".

No Antigo Testamento, Deus conhece os pensamentos mais profundos de todos (p. ex. [Sl 7.9](#); [26.2](#); [Jr 20.12](#)). Assim, Jesus foi identificado no livro

de Apocalipse como "Aquele que sonda mentes e corações" ([Ap 2.23](#)). Isso identifica Jesus indiretamente, mas claramente, com Deus. Esta é a única referência aos rins no Novo Testamento.

Rimom

Uma cidade no território de Zebulom ([1Cr 6.77](#)).

Rimom-Perez

Um local de acampamento temporário dos israelitas durante suas peregrinações no deserto. Ficava entre Ritma e Libna ([Nm 33.19-20](#)).

Veja Peregrinações no deserto.

Rina

Filho de Simão da tribo de Judá ([1Cr 4.20](#)).

Rio do Egito

1. Nome alternativo para a fronteira do Egito (possivelmente o Rio Nilo) em [Gênesis 15.18](#).
2. Nome alternativo para o ribeiro do Egito. *Veja Ribeiro do Egito.*

RIO EUFRATES

Maior rio da Ásia ocidental, formado pela união de dois rios na Ásia Menor, o Kara-Su e o Murat-Suyu. Sua nascente está no centro da Armênia. O rio flui geralmente em direção sudeste por cerca de 1.800 milhas (2.896,2 quilômetros) até alcançar o Golfo Pérsico. Em Korna, cerca de 100 milhas (160,9 quilômetros) do golfo, junta-se com o Rio Tigre. O Eufrates é raso até se combinar com o Tigre e pode ser navegado por cerca de 1.200 milhas (1.930,8 quilômetros) apenas por pequenos barcos. Após a união do Tigre e Eufrates, navios oceânicos podem prosseguir até Basra. O derretimento das neves na nascente faz o rio subir de cerca de meados de março até cerca de junho. O controle e armazenamento de água nos Canais de inundação durante o transbordamento do rio possibilitaram colheitas abundantes que sustentaram grandes populações na antiguidade.

O Eufrates era um dos quatro ramos que saíam do rio que regava o Jardim do Éden ([Gênesis 2.14](#)). Nas promessas feitas a Abraão, o limite norte da terra de Israel seria a divisão superior do rio ([Gênesis 15.18](#); [Deuteronômio 1.7](#); [11.24](#)). Esses limites foram aproximadamente alcançados durante o período dos reis Davi e Salomão ([2 Samul 8.3](#); [10.16](#); [1 Reis 4.24](#)). O Eufrates é chamado de "o rio" ([Números 22.5](#); [Deuteronômio 11.24](#); [Josué 24.3.14](#)) ou "o Grande rio" ([Josué 1.4](#)). As pessoas que viviam a leste do Eufrates referiam-se a Israel e seus territórios circundantes a oeste como "além do rio" ([Esdras 4.10](#); [Neemias 2.7-9](#)). Foi a este rio que Jeremias enviou Seraías com um livro de profecias relacionadas à destruição de Babilônia. Após lê-las, Seraías foi instruído a jogar o livro no Eufrates como um símbolo de como Babilônia afundaria para não mais se levantar ([Jeremias 51.63](#)).

Duas referências no NT ao Eufrates aparecem no livro de Apocalipse ([Apocalipse 9.14](#); [16.12](#)).

Veja também Babilônia, Babilônia; Mesopotâmia.

Rio Nilo

Rio que dá vida ao Egito no nordeste da África. Talvez nenhum outro rio tenha sido tão vital para a história da nação por onde ele flui. Com um comprimento estimado em cerca de 6.693,4 quilômetros, o Nilo é o rio mais longo do mundo, embora seu sistema de drenagem seja classificado em terceiro lugar (outras fontes dizem sexto lugar) em área (quase 3,4 milhões de quilômetros quadrados).

A origem e o significado do nome "Nilo" são desconhecidos. Para os antigos egípcios, o Nilo era simplesmente "o rio". Os egípcios achavam difícil conceber qualquer rio diferente do Nilo, então, quando chegaram ao Eufrates, assumiram que ele corria ao contrário, já que fluía para o sul, enquanto o Nilo flui para o norte.

Características inusitadas

Entre as características que distinguem o Nilo estão suas seis cataratas, áreas onde o rio não conseguiu erodir um canal claro através de duras formações rochosas. Elas são numeradas de norte a sul, na ordem de sua descoberta por exploradores modernos. A primeira catarata está em Aswan, no Egito, perto das famosas ilhas de Elefantina e

Philae. As outras cinco cataratas estão no Sudão, com a segunda logo acima da cidade de Wadi Halfa.

Outra característica distintiva do Nilo é que ele flui de sul para norte. Isso era importante para o transporte fluvial egípcio, pois as embarcações à vela podiam aproveitar o vento norte predominante para subir o rio, enquanto a corrente impulsionava os viajantes rio abaixo.

O Rio Nilo determinava as três estações de aproximadamente quatro meses cada: (1) inundação (meados de julho a meados de novembro); (2) inverno (meados de novembro a meados de março); (3) verão (meados de março a meados de julho).

A inundação atingia seu pico no final de outubro, amolecendo o solo das terras agrícolas para o plantio.

Curso e afluentes

O Nilo tem dois principais afluentes, nomeados por suas respectivas cores: o Nilo Branco e o Nilo Azul. Esses afluentes existem devido às chuvas anuais na África equatorial.

O Nilo Branco tem sua origem na região dos lagos. O lago Vitória é geralmente considerado sua fonte, mas alguns geógrafos identificam a fonte como um pequeno riacho que deságua no lago. A única saída do lago Vitória é o Nilo Vitória, localizado a nordeste do lago, nas cataratas de Ripon.

A confluência mais importante do rio é em Cartum, onde o Nilo Azul e o Nilo Branco se encontram. Neste ponto, muitas vezes é possível ver claramente a diferença de cor nas águas dos dois rios.

O Nilo Azul, com cerca de 1.367,7 quilômetros de comprimento, origina-se no lago Tana, nas terras altas da Etiópia. Com um curso de água muito mais íngreme do que o Nilo Branco, ele também depende da estação chuvosa nas terras altas. O Nilo Branco começa sua inundação primeiro, mas quando a torrente do Nilo Azul começa, ele contém as águas do Nilo Branco. Durante a estação das cheias, o Nilo Azul tem o dobro do volume do Nilo Branco e fornece a maior parte do aluvião que formou o solo do Egito.

Ao norte de Cartum está a sexta catarata, a primeira das barreiras naturais. O Atbara, o último afluente do Nilo, entra pelo leste. Na quarta catarata, perto de Napata, há um grupo de cemitérios e ruínas associados à dinastia etíope ou cuxita (25ª) do Egito. Mais abaixo está o importante sítio

arqueológico de Kerma, onde os egípcios mantinham um posto comercial durante o Médio Império.

A jusante da segunda catarata está o célebre templo de Abu Simbel, obra de Ramsés II, com o menor templo em homenagem a Nefertari, sua esposa. Esses templos foram movidos para o penhasco acima de sua posição original antes que o Lago Nasser inundasse o local.

Logo acima de Aswan e da primeira catarata está a nova Grande Barragem e a antiga barragem de Aswan. Entre as duas barragens está a ilha de Philae, com seus templos bem conhecidos. A uma curta distância acima do delta fica Cairo e as pirâmides de Gizé, e mais ao sul estão as ruínas de Mênfis, a primeira capital do Egito.

O delta mede cerca de 201,1 por 185,0 quilômetros. Sete antigos cursos do Nilo chegavam ao mar, mas atualmente há apenas dois: o Rosetta a oeste, que deu nome à pedra de Rosetta, e o Damietta a leste.

Importância para o Egito

Sem a água do rio, a vida seria impossível no nordeste da África, e as civilizações do Egito não poderiam ter surgido. Os escritores gregos, primeiro Hecateu e depois Heródoto, comentaram que o Egito é um presente do Nilo. O solo fértil do Egito, que produziu colheitas tão abundantes por tanto tempo, é o aluvião depositado pelo rio ao longo dos séculos. O rio não era apenas a fonte do próprio solo, mas com a inundação anual, o Nilo fertilizava a terra trazendo novo aluvião e depositando materiais orgânicos. Ao mesmo tempo, a inundação encharcava completamente o solo, permitindo produzir boas colheitas com um mínimo de esforço na irrigação.

O Nilo também atendia a muitas necessidades pessoais das pessoas, fornecendo água potável e um local para lavar tanto as pessoas quanto suas roupas. Nos tempos antigos, até mesmo membros da família real vinham ao rio para se banhar (veja [Êx 2.5; 8.20](#)).

O Nilo estava repleto de peixes e aves aquáticas, e a pesca esportiva (principalmente a pesca com lança) e a caça de aves aquáticas eram passatempos tradicionais das classes altas. Peixes e aves também eram alimentos comuns, especialmente para os ricos. Um esporte mais perigoso, no qual os nobres tradicionalmente se envolviam, era a caça de hipopótamos com arpões em embarcações de junco.

O Nilo era o principal meio de comunicação, com barcos navegando para cima e para baixo em seus canais. Barcos fluviais de grande porte transportavam mercadorias de uma extremidade à outra. A construção de templos, palácios e tumbas por toda a terra exigia o transporte de granito por centenas de milhas ao longo do rio.

O rio também era uma característica da vida religiosa dos egípcios. O rio foi deificado na forma do deus Hapi, um homem que é representado nas várias formas de arte como tendo seios pendentes e um corpo um tanto corpulento, provavelmente para simbolizar uma abundância luxuriante, juntamente com os peixes e a vegetação do rio.

O Nilo e a Bíblia

As referências bíblicas ao rio Nilo são naturalmente encontradas nas partes da Bíblia que se relacionam diretamente com o Egito, o que significa que muitas ocorrem na narrativa de José na última parte de Gênesis e no relato da escravidão israelita no Egito e no subsequente êxodo nos primeiros capítulos de Êxodo.

A primeira referência ao Nilo aparece no sonho misterioso do Faraó ([Gn 41](#)). Em seu sonho, o rei estava na margem do rio e viu sete vacas bem alimentadas, seguidas por sete vacas magras, que saíram do rio e devoraram o gado gordo (cf. [41.1-4.17-21](#)). Isso está de acordo com as práticas de pastoreio do antigo Egito e coincide com a representação de gado nos monumentos funerários.

Durante a estadia no Egito, quando os israelitas se multiplicaram e se tornaram uma possível ameaça à segurança egípcia, o Faraó decretou que todo menino israelita deveria ser lançado no rio ao nascer ([Êx 1.22](#)). Isso levou aos eventos que marcaram a vida inicial de Moisés.

Moisés declarou os julgamentos do Senhor no rio ([7.15; 8.20](#)). A primeira praga, a transformação da água em sangue ([7.15-24; 17.5; Sl 78.44](#)), foi dirigida contra o rio e contra o deus do Nilo, Hapi. A segunda praga (rãs) também estava associada ao rio ([8.3.5,9,11](#)), pois as numerosas rãs saíram do rio e cobriram a terra (cf. [Sl 78.45](#)), descreditando a deusa com cabeça de rã, Heket.

Há inúmeras referências ao Nilo nos livros de profecia. Isaías frequentemente menciona o Nilo, mas nem sempre no mesmo contexto. Em [7.18](#), Isaías escreve que Israel seria invadido e humilhado por exércitos do Nilo. No “oráculo sobre o Egito” ([Is 19](#)), o profeta prevê tanto o mal quanto

o bem para a terra do Nilo. A vegetação natural e as colheitas ao longo do rio serão destruídas, enquanto os pescadores lamentarão. Essas perspectivas sombrias são compensadas pela previsão de uma bênção final para o Egito.

Na mensagem contra Tiro ([Is 23](#)), a renda dos mercadores sidônios era “a colheita do Nilo” (v [3](#)), indicando a importância dos produtos agrícolas no vale do Nilo. No versículo [10](#), Tiro se descontrola e é instruída a transbordar a terra como o Nilo, pois o Senhor está trazendo o orgulho de Tiro ao fim. Jeremias também previu uma derrota severa para o Egito e fala do Egito se levantando como o Nilo, como rios cujas águas sobem ([Jr 46.7-8](#)).

A profecia de Ezequiel sobre o Egito ([Ez 29](#)) destaca o Faraó, rei do Egito, e o descreve usando figuras de linguagem tiradas do Nilo. Ele é descrito como o Grande dragão que jaz no meio de seus rios — uma referência ao poderoso crocodilo. O Faraó se gaba: “Meu Nilo é meu”, mas o Senhor disse que colocaria anzóis nos queixos do rei e o puxaria para fora da água de seus rios com todos os peixes grudados em suas escamas. O rei e os peixes dos rios perecerão no deserto. Por causa das vanglórias do rei, o Senhor declara que está contra ele e seus rios e que o Egito se tornará uma desolação e um deserto.

Amós descreveu o reino do norte de Israel como sendo agitado e afundando novamente, como o Nilo do Egito ([Am 8.8; 9.5](#)). Finalmente, Zacarias falou de uma reunião de Israel pelo Senhor e comentou que, nesse processo, o Nilo secaria ([Zc 10.11](#)).

Embora as referências proféticas ao Nilo tratem principalmente de julgamentos severos, os profetas esperavam um tempo além do julgamento para uma eventual bênção para esta terra do Nilo.

Veja também Egito, egípcio.

Rio Tigre

Um dos dois principais rios que drenam a planície mesopotâmica. Ao contrário do Eufrates, é raramente mencionado na Bíblia. Na descrição do Jardim do Éden, é listado como o terceiro dos quatro rios que fluíam do rio que regava o Jardim ([Gn 2.14](#)). Infelizmente, esta referência fornece pouca ajuda sobre a localização do Éden. O rio não é mencionado novamente até [Daniel 10.4](#), onde Daniel se referiu a ele como o “Grande rio” (NTLH). Naum provavelmente estava se referindo ao Tigre quando descreveu a abertura das portas do rio de Nínive durante o cerco babilônico ([Na 2.6](#)).

Quando seus dois principais afluentes são incluídos, o comprimento do Tigre é de 1.843 quilômetros. Sua fonte principal, um lago montanhoso chamado Golenjik, está a apenas uns 3,2–4,8 quilômetros do canal do Eufrates. Como é o caso da maioria dos rios da região, o fluxo do Tigre varia consideravelmente durante o ano. A temporada de cheias começa no início de março, com seu pico no início a meados de maio. Embora o rio seja geralmente navegável, registros históricos sugerem que o rio nunca teve grande importância comercial. No entanto, ganhou importância política durante o período de domínio assírio. Nínive, Assur e Calá estavam todas localizadas nas margens do Tigre. Infelizmente para os assírios, o Tigre nunca se mostrou uma barreira natural formidável e, portanto, não conseguiu proteger o império de seus inimigos.

Riqueza

Abundância, geralmente de dinheiro ou bens materiais, com valor normalmente expresso em termos de alguma unidade entendida, como uma moeda nacional. É virtualmente sinônimo de fartura, e ambos podem se referir à família, amigos ou até mesmo qualidades morais.

No AT, as riquezas são uma marca de favor de Deus ([Sl 112.3](#)), e ele dá poder para adquirir riqueza ([Dt 8.18](#)). Tanto a piedade quanto a riqueza de Jó são bem conhecidas ([Jó 1.1–3](#)). Salomão foi talvez o homem mais rico que já viveu; Deus lhe concedeu “riquezas, bens e honra” porque Salomão havia pedido sabedoria e discernimento em vez de coisas materiais ([1Rs 3.10–13](#); [2Cr 1.11–12](#)). Mas a Bíblia deixa claro que a vida de uma pessoa não consiste na abundância de seus bens ([Lc 12.15](#)).

No NT, os homens ricos são muitas vezes vistos como ímpios — por exemplo, o fazendeiro rico ([Lc 12.16–21](#)) e o homem rico que negligenciou o mendigo Lázaro ([16.19–31](#)). Os ricos são condenados pela opressão e ganância ([Tg 5.1–6](#)). [Lucas 6.24](#) pronuncia ai dos ricos, e todos os três Evangelhos sinóticos falam dos perigos das riquezas ([Mt 13.22](#); [Mc 4.19](#); [Lc 8.14](#)). Mas nem todos os homens ricos eram maus. Jesus foi enterrado no túmulo de um homem rico de Arimateia, chamado José ([Mt 27.57](#)). Nicodemos, que proveu abundantemente o sepultamento de Jesus ([Jo 19.39](#)), era “um governante dos judeus” ([3.1](#)) e provavelmente um homem de riqueza.

Ver também Mamom; Dinheiro; Pobre, O; Riquezas; Salários.

Riquezas

A riqueza medida pelo dinheiro ou pela quantidade de propriedades possuídas, sejam terras e edifícios ([Is 5.8–10](#)), gado ([1Sm 25.2–3](#)), ou escravos ([8.11–18](#)). Grandes riquezas traziam grande influência e poder, como a palavra hebraica para riqueza implica.

A Bíblia parece falar de forma ambígua sobre o assunto das riquezas, às vezes descrevendo a riqueza material como um sinal da bênção e aprovação de Deus (p. ex., [Gn 24.35](#)), em outros momentos identificando os ricos com os ímpios (p. ex., [Sl 37.7,16](#)).

Deus fez todas as coisas para as pessoas desfrutarem ([1Tm 6.17](#)). Pessoas ricas devem agradecer a Deus, não se orgulhar nem confiar em suas riquezas. Tudo no mundo pertence a Deus, o Criador ([Sl 24.1](#)). Mas a Bíblia também alerta que algumas riquezas vêm da injustiça e não são uma bênção de Deus ([Hb 2.9–11](#); [Am 8.4–6](#); [Jr 22.13](#)).

Quando a riqueza é adquirida da maneira correta, ela pode ser vista como um presente de Deus. O Rei Davi demonstrou isso quando orou: “Tanto riquezas como honra vêm de ti” ([1Cr 29.12](#)). Mesmo quando a riqueza é conquistada com trabalho árduo, a Bíblia ensina que Deus nos dá tanto nossos talentos quanto recursos. Jesus ensinou essa verdade nas parábolas dos 10 talentos ([Mt 25.14–30](#)) e das 10 minas ([Lc 19.11–26](#)).

Em nenhum lugar, então, a Bíblia diz que ter posses e tornar-se rico são erros em si. Não haveria sentido na proibição dos Dez Mandamentos contra roubar e invejar se fosse errado para o povo de Deus possuir qualquer coisa. O próprio Jesus nunca ensinou que era pecado ser rico.

No entanto, Jesus advertiu que as riquezas poderiam manter uma pessoa fora do reino: “Como é difícil os ricos entrarem no reino de Deus!” ([Mc 10.23](#), NVT). A riqueza, ele ensinou, pode destruir a paz ([Mt 6.24–34](#)), cegar as pessoas para as necessidades dos outros ([Lc 16.19–31](#)), se interpor entre os indivíduos e o caminho para a vida eterna ([Mc 10.17–27](#)), e até trazer o julgamento de Deus ([Lc 12.16–21](#)). Ele disse aos seus discípulos para não acumularem riquezas pessoais ([Mt 6.19](#)), e ele

elogiou aqueles que renunciaram seus bens ([19.29](#)).

Os avisos de Jesus contra a riqueza não são, de fato, dirigidos contra as riquezas em si. O que ele condena são as atitudes erradas que muitas pessoas têm para adquirir riqueza, e as maneiras erradas pelas quais elas a usam. Ansia por riquezas, não tê-las, sufoca a vida espiritual como ervas daninhas em um campo de grãos ([Mt 13.22](#)). O desejo ganancioso de ter mais riqueza condenou o servo impiedoso ([18.23-35](#)). E o egoísmo do homem rico, não sua riqueza, selou seu destino ([Lc 16.19-26](#)). Paulo captou o tema principal nessas parábolas quando disse: “O amor ao dinheiro é a raiz de todos os tipos de mal” ([1Tm 6.10](#), NVT, ênfase adicionada).

O maior perigo é quando a riqueza controla a vida de uma pessoa. A Bíblia alerta contra fazer das coisas materiais um ídolo (por exemplo, [Dt 8.17-18](#); [Lc 14.15-24](#)). Satanás tentou Jesus a escolher riqueza e poder em vez de obedecer a Deus ([Mt 4.8-9](#)). Mas Jesus alertou contra servir ao dinheiro como a um senhor ([Mt 6.24](#)). Jesus disse a um jovem rico para vender tudo ([Mc 10.17-22](#)). O homem rico havia permitido que suas posses o dominassem. Jesus queria que ele percebesse que suas riquezas o estavam controlando, para que pudesse se desapegar e seguir a Deus. Mas o homem escolheu manter suas riquezas e se afastou. Isso mostra o quão forte o desejo por riqueza pode ser.

Esses avisos diretos são o aspecto mais marcante do ensino de Jesus sobre a riqueza. Mas além de expor as atitudes erradas, ele foi cauteloso em delinear as atitudes corretas. Aqueles que reconhecem que são administradores de Deus (e não proprietários) de suas posses, ele ensinou, encontrarão muitas formas valiosas de usar suas riquezas no serviço ao Senhor ([Lc 12.42-44](#)). Em vez de torná-los avarentos, suas riquezas devem permitir que eles expressem amor de muitas maneiras práticas ([2Co 8.2](#)). Suas riquezas devem levá-los a confiar em Deus em vez de ficarem ansiosos ([Lc 12.29-31](#); [1Tm 6.17](#)).

De acordo com a Bíblia, então, a moralidade das riquezas depende inteiramente de atitudes pessoais. E em nenhum lugar isso se manifesta mais do que nas comparações frequentes que as Escrituras fazem entre riqueza material e riqueza espiritual. Aqueles que fazem das riquezas materiais seu objetivo na vida têm valores errados. Por mais ricos que eles possam parecer, são pobres aos olhos de Deus ([Mt 16.26](#); [Ap 3.17](#)). Em sua

visão, os ricos de verdade são aqueles que têm como principal objetivo na vida servi-lo como Rei ([Mt 13.44-46](#)). Sua riqueza está na moeda da fé e boas obras ([1Tm 6.18](#); [Tg 2.5](#)) — um saldo bancário celestial que ninguém pode roubar e nada pode corroer: “Onde seu tesouro estiver, ali também estará seu coração” ([Mt 6.21](#), NVT).

Veja também Dinheiro; Pobres, Os; Salários; Riqueza.

Riso

Expressão de uma variedade de emoções. O riso pode expressar uma felicidade extrema quando as circunstâncias melhoram, como para os judeus ao retornarem do exílio ([Sl 126.2](#)). Tal alegria é apresentada a Jó com aparente sinceridade, mas de maneira simplista, por um de seus consoladores ([Jó 8.21](#)). O riso pode ser bem-humorado e amigável, para encorajar os outros ([29.24](#)). Há “um tempo para chorar e um tempo para rir” ([Ec 3.4](#)), mas o Pregador tinha suas dúvidas: a vida não é motivo de riso, e a tristeza pode ser uma professora melhor ([2.2](#); [7.3](#)). No entanto, é bom ser capaz de não levar certas coisas a sério. A dona de casa bem preparada “ri sem medo do futuro” ([Pv 31.25](#)). A Jó é prometido que guerra e fome não seriam motivo de preocupação ([Jó 5.22](#); cf. [Hb 1.9](#)).

O riso pode ser algo negativo e zombeteiro. Podemos rir das pessoas e zombar delas. Este elemento aparece muito no AT. Jó e Jeremias reclamam de serem motivo de riso ([Jó 12.4](#); [Jr 20.7](#)). A nação reclama que seus inimigos riem de sua aflição ([Sl 80.6](#); cf. [2Cr 30.10](#)). Às vezes, há toda justificativa. No [Salmo 52.6](#), os justos têm a promessa de dar a última risada, às custas do ímpio descrente que pensa que pode deixar Deus fora de sua vida. Em [Provérbios 1.26](#), a Sabedoria personificada avisa que rirá da calamidade daqueles que se recusam a seguir seu conselho: bem feito para eles. Nesse sentido, o riso é atribuído a Deus três vezes no Saltério. Ele ri das nações que conspiram contra seu Rei ungido ([Sl 2.4](#)). Ele ri dos ímpios, sabendo que estão caminhando para o desastre ([37.13](#)). Ele é convidado a rir dos inimigos do salmista ([59.8](#)). Este riso divino é uma forma de expressar que a verdade prevalecerá finalmente.

O riso tem um lugar especial nas narrativas de Abraão. Ele é usado em conexão com o nome de seu filho Isaque, que significa “ele ri” ou “Que [Deus] sorria [para ele]”. As histórias hebraicas gostam de

destacar o significado das palavras, e assim a reação humana ao nascimento de Isaque, o canal das promessas patriarcais de Deus, é descrita em termos de riso. Isso é teologicamente importante porque tende a ser contrastado com a fé. Em [Gênesis 17.17](#), o riso é a resposta incrédula de Abraão à promessa irrealista de Deus sobre um filho, considerando a idade avançada de Sara. Em [Gênesis 18.12](#), Sara não consegue conter seu riso enquanto escuta às escondidas — parece tão absurdo que ela ficará grávida aos 90 anos. Mas finalmente em [Gênesis 21.6](#), quando o impossível se torna realidade, o riso de Sara é um marco de alegria dada por Deus.

Rissa

Um lugar onde os israelitas pararam durante sua jornada pelo deserto. Estava localizado entre Libna e Queelata ([Nm 33.21-22](#)).

Veja Peregrinações no deserto.

Ritma

Um lugar onde os israelitas pararam durante sua jornada pelo deserto. Estava localizado entre Hazerote e Rimom-Perez ([Nm 33.18-19](#)).

Veja Peregrinações na deserto.

Rizia

Líder competente e guerreiro poderoso, filho de Ula da tribo de Aser ([1Cr 7.39](#)).

Roda

Uma roda é um dispositivo redondo e plano usado para mover objetos. Foi criada pela primeira vez na Mesopotâmia (atual Iraque), por volta de 3500 a.C. A forma mais antiga conhecida é o carro de duas rodas da Suméria. As primeiras rodas eram provavelmente discos simples cortados de árvores. Posteriormente, as rodas foram feitas juntando três tábuas de madeira moldadas com grampos de cobre que percorriam todo o comprimento da roda. Após 2000 a.C., rodas com raios começaram a aparecer no norte da Mesopotâmia.

Na Bíblia, quatro palavras hebraicas são usadas para diferentes tipos de rodas. Estas incluem:

- a roda do oleiro ([Jr 18.3](#));
- rodas de carruagem ([Êx 14.25](#)), e;
- rodas para moer grãos ([Is 28.28](#)).

O uso mais importante de "roda" na Bíblia está na visão do carro de Deus por Ezequiel ([Ez 1, 10](#)). Nesta visão, rodas aparecem junto com uma nuvem em um vento tempestuoso ([Ez 1.4](#)), fogo e criaturas estranhas. Ezequiel chama a atenção do leitor para cada um desses eventos. As rodas se movem em qualquer direção que as criaturas vão.

O que torna essas rodas especiais é a sua forma. Ezequiel descreve cada uma como "uma roda dentro de outra roda." Isso não significa duas rodas no mesmo eixo. Em vez disso, descreve uma roda colocada dentro de outra em um ângulo de 90 graus. Essa disposição permite que a roda se mova em qualquer direção. Ela pode rolar de leste a oeste e de norte a sul. Onde quer que as criaturas vivas vão, as rodas seguem. Isso representa o julgamento universal de Deus, do qual ninguém pode escapar.

Veja também EZEQUIEL, Livro de.

Rodanim

Quarto filho de Javã e um descendente de Noé através da linhagem de Jafé ([1Cr 1.7](#)). Uma grafia alternativa em [Gênesis 10.4](#) é Dodanim, possivelmente um erro de copista. Ambas as palavras provavelmente se referem aos povos gregos de Rodes e suas ilhas vizinhas no Mar Egeu.

Rode

Uma serva na casa de Maria, a mãe de João Marcos, em Jerusalém. Rode informou aos que estavam na casa que Pedro estava parado do lado de fora da porta. Como eles não estavam cientes de sua libertação da prisão, os outros inicialmente não acreditaram em seu relato ([At 12.13-15](#)).

Rodes

Porto de escala na viagem de retorno de Paulo a Jerusalém durante sua terceira jornada missionária ([At 21.1](#)). A menção de Rodes em

[Gênesis 10.4](#), [Ezequiel 27.15](#), e [1 Crônicas 1.7](#) não se baseia no texto hebraico do AT, mas em sua tradução grega. A ilha de Rodes, com uma área de mais de 1.290 quilômetros quadrados, está situada perto da costa sudeste da Turquia moderna.

Na época de Paulo, a ilha já era há muito tempo um importante centro da cultura grega dórica, com várias cidades. Rodes, a capital, estava situada na rota marítima antiga mais movimentada entre os portos da Itália e a província da Ásia a oeste, e os da Síria e Egito a leste. Destacava-se por seu porto natural e obras públicas. Rodes era um centro proeminente para negócios e fornecia a maioria dos precedentes para o direito marítimo romano. O segundo século a.C. marcou o auge de seu poder político, que incluía o controle da maior parte de Cária e Lícia no continente da Ásia Menor. O poder romano primeiro privou Rodes de sua dominação comercial, e durante as guerras civis romanas do primeiro século a.C., foi reduzida politicamente a pouco mais do que uma cidade provincial no Império Romano.

Para celebrar uma vitória militar em 280 a.C., a cidade de Rodes ergueu uma imensa estátua de bronze do deus grego do sol, com 37 metros de altura — aproximadamente a altura da Estátua da Liberdade. A construção levou 12 anos, e logo após sua conclusão, um terremoto a quebrou nos joelhos (224 a.C.). No entanto, as ruínas fragmentadas permaneceram como uma curiosidade até a ocupação árabe da ilha no século VII. Este Colosso de Rodes foi incluído em algumas listas antigas das maravilhas do mundo.

Roga

Filho de Somer da tribo de Aser ([1Cr 7.34](#)).

Rogelim

Uma cidade nas terras altas a leste do Rio Jordão. Rogelim era a casa de Barzilai, o gileadita. Barzilai serviu ao rei Davi em Maanaim quando Davi buscava segurança de seu filho Absalão, que havia se rebelado contra ele ([2Sm 17.27](#); [19.31](#)).

Rolinhas

Uma rolinha é um tipo de pequeno pombo selvagem. As rolinhas são conhecidas pelo seu

suave som de arrulho. Na Bíblia, elas eram frequentemente oferecidas como sacrifícios, especialmente por pessoas que não podiam pagar por animais maiores ([Lv 5.7](#)).

Veja Pombo.

Rolo

Couro ou pergaminho de papiro. *Veja Escrita.*

Rolos do Mar Morto

Veja Bíblia, Manuscritos e Texto do (Antigo Testamento); Qumran.

Roma, Cidade de

Cidade na Itália fundada, segundo a tradição, em 753 a.C. sobre sete colinas a cerca de 24 quilômetros da foz do rio Tibre. Não tinha interesse bíblico até os tempos do NT. Há nove referências explícitas à cidade no NT ([At 2.10](#); [18.2](#); [19.21](#); [23.11](#); [28.14,16](#); [Rm 1.7,15](#); [2Tm 1.17](#)), mas a estadia de Paulo lá e sua carta aos cristãos romanos, provavelmente escrita de Corinto por volta de 57 e 58 d.C., tornam a cidade imperial de considerável interesse para os leitores da Bíblia.

História

No segundo milênio a.C., migrantes indo-europeus se deslocaram para a Europa e se estabeleceram na península italiana. Um grupo se fixou ao redor da foz do rio Tibre. Um grupo vigoroso e mais culto, os etruscos da Ásia Menor, ocuparam a Itália central. Na época do surgimento de Roma, no século oitavo a.C., a população da península italiana era mista. O enclave de língua latina, que se estabeleceu em direção à foz do Tibre, era composto por agricultores. Os grupos dispersos formaram ligas e comunidades para se defenderem contra invasores. Eles construíram estacadas nas colinas para proteger famílias e rebanhos enquanto lutavam contra os invasores. A partir de tais começos, Roma emergiu como um centro dominante com seu ponto focal na área das sete colinas (o Palatino, o Capitólio, o Aventino, o Célio, o Esquilino, o Viminal e o Quirinal). Tradicionalmente, essas colinas eram consideradas sete em número; na verdade, há mais de sete, embora algumas sejam simplesmente

esporões planos. O rio Tibre serpenteia em uma grande curva em S entre as colinas. Em um ponto, ele se dividia para formar uma ilha onde era raso o suficiente para atravessar. A cidade que cresceu ali foi ligada por estradas, ao norte dos etruscos, ao sul às cidades comerciais gregas, a oeste à costa e para o interior às áreas tribais nas terras altas. O conhecimento sobre a Roma antiga é baseado em grande parte em evidências arqueológicas dos restos de fortes simples e numerosos locais de sepultamento na área.

Roma desenvolveu-se politicamente de maneira notável ao longo dos próximos 1.000 anos. A associação frouxa dos chefes originais, que compunham o primeiro "senado", deu lugar à dominação por reis etruscos que parecem ter treinado o povo em disciplina e obediência. Eles construíram inúmeras obras, drenaram a área do fórum e a transformaram em um centro social, comercial, industrial e político. Construíram um templo para Júpiter, Juno e Minerva no Monte Capitólio como um santuário comum para todo o povo. Quando os reis se tornaram autocráticos, a população latina se rebelou e os expulsou.

A república foi estabelecida em 510 a.C. Esse estabelecimento marcou o início da notável expansão de Roma para as dimensões de um império mundial. A população, que agora estava espalhada pelas colinas e vales, apesar de suas diferenças tribais, uniu-se e resolveu problemas políticos sem derramamento de sangue. Estritamente falando, o termo "republicano" não deve ser entendido em qualquer sentido moderno como indicando um tipo de democracia. Em vez disso, as famílias antigas (patrícios) dominavam o senado e constituíam uma oligarquia. Esse arranjo foi útil para Roma naquela época. A pequena cidade-estado logo rompeu sua área confinada, superou os etruscos e dominou as cidades gregas ao sul. Os romanos então olharam mais longe. Em 273 a.C., fizeram um tratado com os ptolomeus do Egito. Em pouco tempo, expandiram-se para o norte da África, superaram os cartagineses, avançaram para a Espanha e desenvolveram ambições de ocupar o Oriente Médio também. As muitas conquistas de Roma trouxeram enorme riqueza.

Com a expansão geográfica, ocorreram mudanças sociais na Itália. Durante o segundo século a.C., grandes proprietários de terras compraram as propriedades dos pequenos agricultores independentes, que posteriormente migraram para Roma, ficando sem terra e desempregados.

Surgiram enormes e superlotadas casas de cortiço, que formavam favelas em crescimento. Junto a essa miséria, havia evidências da vasta riqueza das conquistas de Roma em terras distantes. Na capital, muitos edifícios magníficos foram construídos. Pompeu, que subjugou e organizou o Leste, fez muito para adornar a grande capital.

A próxima etapa no desenvolvimento político de Roma ocorreu quando o senado, o órgão governante da república, se mostrou incapaz de controlar seus membros mais radicais e violentos. À medida que suas ambições políticas aumentavam, líderes aspirantes buscavam ganhar apoio popular concedendo privilégios ao povo sem a concordância do senado. Conflitos civis irromperam e assolaram o último século da república. Vitórias militares além de Roma deram poder aos generais. Nas guerras civis que se seguiram, questões constitucionais foram decididas pelo poder da espada. Mário, Sula, Pompeu, Crasso, Júlio César, Antônio e Otaviano foram as verdadeiras forças políticas no país.

Por volta de 27 a.C., Otaviano emergiu como o líder supremo e recebeu o título de Augusto. Teoricamente, existia um governo dual entre o senado e Augusto (o imperador), mas um senado fraco permitiu que o Imperador se tornasse o governante de fato. Como resultado, a paz romana (*pax Romana*) prevaleceu em casa e no exterior até bem no segundo século d.C. Os imperadores do primeiro século d.C. abrangem o período da vida de Jesus e da igreja emergente, e vários são mencionados no NT: Augusto ([Lc 2.1](#)), Tibério ([Lc 3.1](#)), Cláudio ([At 11.28](#); [18.2](#)), e Nero, que é referido sem ser explicitamente nomeado ([At 25.10-12](#); [27.24](#); [2Tm 4.16-17](#)).

A cidade de Roma era a capital do império e a residência do imperador, senadores, administradores, militares e sacerdotes. Augusto, o primeiro dos imperadores, cuja liderança e esforços diplomáticos trouxeram paz a Roma após duas guerras civis e um século de conflitos, dedicou-se à restauração e ornamentação da cidade. Ele se orgulhava de ter encontrado Roma construída de tijolos e deixado-a construída de mármore. Seus esforços para restaurar as antigas religiões de Roma levaram à construção de muitos templos. No monte Palatino, Augusto uniu várias casas já existentes em um palácio para sua própria residência. Um novo e suntuoso templo de Apolo, cercado por colunatas nas quais o imperador abrigou uma grande biblioteca, foi erguido perto do palácio. O próprio palácio tinha vista para um

impressionante conjunto de novos edifícios de mármore no vale abaixo: uma basílica, uma casa do senado, um templo do “divino Júlio”, uma tribuna de mármore, dois novos fóruns impressionantes, o fórum de César e o fórum de Augusto. Imperadores posteriores acrescentaram a este esplendor. Além da área central do fórum, foram construídos os palácios de Tibério e Calígula, várias termas, arcos e teatros, o Circo Máximo e o Circo de Nero. Todo o conjunto foi cercado por uma muralha construída fora do antigo muro de Sêrvio. Vários aquedutos traziam água para a cidade, e estradas significativas do norte, sul, leste e oeste convergiam para a área central da cidade.

Presença militar de Roma na Palestina

Com a intervenção militar de Pompeu nos assuntos internos da Judeia em 63 a.C., Roma estabeleceu sua presença na Palestina. O censo ordenado por Augusto César, afetando as províncias orientais assim como o restante do mundo romano ([Lc 2.1-2](#)), foi um lembrete vívido. A presença militar romana é amplamente refletida nas páginas dos Evangelhos e Atos (e.g., [Mc 15.16](#); [Lc 3.14](#); [7.1-8](#); [At 5.37](#)).

No período do NT, o serviço nas legiões estava aberto a todos os cidadãos romanos. Um exército profissional de voluntários havia substituído uma milícia recrutada. O exército permanente era composto por legiões recrutadas entre os cidadãos. As legiões eram comandadas por oficiais experientes com a patente de cônsul. As forças auxiliares eram recrutadas fora da Itália, e o incentivo para o alistamento era a cidadania romana para um soldado e seus descendentes após 25 anos de serviço.

Nas províncias, o comando militar supremo estava com o governador ou prefeito provincial. Na Judeia, na época do ministério público de Jesus, Pôncio Pilatos foi designado “prefeito da Judeia” em uma inscrição latina encontrada em Cesareia em 1961. No centro oficial de administração da Judeia, Cesareia Marítima, uma ou mais legiões à disposição do governador seriam guarnecidas. Em ocasiões especiais, particularmente nos grandes festivais judaicos, quando tumultos e desordens poderiam ser antecipados, o governador provincial residiria em Jerusalém, a cerca de 96 quilômetros ao sul, acompanhado por um contingente substancial de tropas (cf. [Lc 13.1](#)).

Augusto estabeleceu um exército permanente grande o suficiente para defender e pacificar o império. Em 15 a.C., havia 28 legiões, cada uma

composta por cerca de 5.000 soldados de infantaria, além de uma guarda montada de 128 homens. Após três legiões serem destruídas em revoltas por tribos germânicas ferozes em 9 d.C., o número permaneceu em 25 por algum tempo. Isso sugere um exército permanente de cerca de 125.000 legionários no primeiro século.

Augusto também foi responsável por estabelecer um exército auxiliar permanente, quase do mesmo tamanho que o exército legionário. As forças auxiliares, recrutadas de provinciais que ainda não haviam recebido a cidadania romana, incluíam tanto cavalaria quanto infantaria. A cavalaria era organizada em esquadrões, a infantaria em coortes de 1.000 sob o comando de um tribuno militar ([At 21.31-33](#)). Quando o apóstolo Paulo estava em Jerusalém, o tribuno era Cláudio Lísias, um homem de nascimento grego cuja cidadania romana comprada possibilitou sua elevação a comandante de uma coorte auxiliar ([22.28](#); [23.26](#)). Para enviar Paulo de Jerusalém para Cesareia, Cláudio poderia delegar uma escolta militar de 200 soldados comandados por dois centuriões, além de 70 guardas montados ([23.23](#)), sem enfraquecer perigosamente a força da guarnição da fortaleza.

Uma coorte era composta por dez ou cinco “centúrias”, unidades consistindo de 100 homens sob o comando de um centurião cujas funções se assemelhavam às de um capitão do exército moderno. Cornélio ([At 10.1](#)) era um centurião romano designado para uma das coortes auxiliares na Judeia. Há evidências inscricionais da presença de sua unidade, “a Segunda Coorte Italiana de Cidadãos Romanos”, na Síria por volta de 69 d.C. Paulo foi enviado a Roma sob a custódia de outro centurião, Júlio, que pertencia à coorte Augusta ou imperial ([27.1](#)). O termo Augusta era um título de honra às vezes concedido a tropas auxiliares. Júlio era evidentemente um centurião legionário designado ao corpo de oficiais mensageiros que mantinham um serviço de comunicação entre o imperador e seus exércitos provinciais. Ele tinha um destacamento de soldados sob seu comando na viagem a Roma (v. [3](#)) e, ao chegar, entregou seus prisioneiros ao comandante do corpo de mensageiros ([28.16](#)). Provavelmente todos os centuriões romanos mencionados nos Evangelhos ou Atos ([Mt 8.5](#); [Mc 15.39](#); [Lc 7.2](#)) eram oficiais designados para uma coorte auxiliar.

Cristãos em Roma

Foi para esta magnífica cidade que Paulo veio sob escolta em março de 59 d.C. Ele descobriu que a

igreja cristã já havia sido estabelecida ali. De fato, ele já havia se comunicado com os cristãos em sua carta aos Romanos no início de 57. Havia uma considerável colônia judaica em Roma no primeiro século d.C., descendente do grande número de escravos judeus trazidos para a cidade por Pompeu após a captura de Jerusalém em 63 a.C. O imperador Cláudio expulsou os judeus de Roma em 49 d.C., possivelmente quando Jesus foi proclamado como Messias na sinagoga. Quem eram os pregadores não se sabe, mas provavelmente eram viajantes e comerciantes cristãos. A Carta de Paulo aos Romanos foi sua exposição às igrejas gentias que surgiram independentemente dele. Seu primeiro contato conhecido com o povo de Roma foi quando ele conheceu Áquila e Priscila em Corinto ([At 18.2](#)). Este casal foi expulso de Roma na época de Cláudio. Mais tarde, Paulo esperava visitar Roma ([At 19.21](#)) em seu caminho para a Espanha ([Rm 15.24](#)). Em sua saudação, ele mencionou um considerável círculo de cristãos em Roma (cap. 16). As referências a famílias em vários lugares (vv. [5.10.11.14.15](#)) sugerem que estas eram igrejas domésticas da igreja cristã romana. Durante seu cativeiro, Paulo foi prisioneiro das autoridades romanas, mas conseguiu se encontrar com os líderes locais dos judeus, explicar suas experiências a eles e expor o evangelho pessoalmente ([At 28.16-31](#)).

No livro do Apocalipse, Roma adquire um significado sinistro. No final do primeiro século d.C., Roma já havia bebido o “sangue dos mártires de Jesus” ([Ap 17.6](#)), uma referência aos primeiros mártires.

Veja também Césares, Os; Romanos, Carta aos.

Romanti-Ézer

Filho de Hemã e músico nomeado pelo rei Davi para servir no santuário ([1Cr 25.4.31](#)).

Romãzeira

A romãzeira é geralmente uma árvore pequena, semelhante a um arbusto, mas às vezes pode crescer como um arbusto grande e ramificado ou uma pequena árvore, atingindo uma altura de 6 a 9 metros. Os ramos frequentemente possuem espinhos. As flores vistosas em forma de sino são geralmente de um vermelho vivo, embora às vezes sejam amarelas ou brancas.

A fruta redonda é do tamanho de uma laranja ou de uma maçã média. Possui uma casca externa dura, de cor vermelha brilhante ou amarelada quando madura. No topo da fruta, há partes secas da flor que se assemelham a uma coroa. Dentro da fruta, há uma polpa suculenta carmesim com muitas sementes vermelhas embutidas.

As flores da romã provavelmente serviram como padrão para os sinos dourados mencionados em [Êxodo 28.33-34](#) e [39.24-26](#), e as flores abertas descritas em [1 Reis 6.32](#). As partes verticais no topo da fruta serviram como modelo para as coroas dos reis.

A romã originalmente vem da Ásia, mas tem sido cultivada desde tempos muito antigos. Agora é bastante comum na região da Palestina, no Egito e ao longo das margens do Mar Mediterrâneo. É mencionada como uma das frutas agradáveis do Egito ([Nm 20.5](#)). Também é listada como uma das bênçãos prometidas da terra de Canaã ([Dt 8.8](#)).

Rôs

Sétimo dos dez filhos de Benjamim ([Gn 46.21](#)).

Rosa

Veja Plantas (oleandro; tulipa).

Rotas comerciais

Veja Viagem.

Roupas

As roupas mencionadas na Bíblia são geralmente referidas em termos gerais como “roupa íntima”, “roupa exterior” ou “túnica”. Poucas descrições dão detalhes específicos de trajes ou roupas, e é, portanto, necessário confiar em pinturas, cerâmica, decorações, estátuas e baixos-relevos para mostrar os estilos de roupas do período.

Muitos povos antigos do Oriente Próximo (incluindo os israelitas) criavam rebanhos de ovelhas antes da descoberta da fiação e tecelagem e usavam o couro de suas peles para roupas. Mais tarde, a lã retirada das ovelhas e dos ramos nos quais o velo havia ficado acumulado enquanto os

animais passavam e esbarravam eram transformados em um tecido que lembrava o feltro. A lã permaneceu um dos tecidos mais importantes para roupas ao longo do período bíblico.

À medida que as tribos israelitas seminômades se tornaram mais sedentárias por natureza, o linho foi cultivado. Este era tecido em linho, que se tornou um tecido comumente usado. No início da Idade do Bronze médio (ca. 2000 a.C.), as sedas finas começaram a ser importadas da China, e a seda selvagem era produzida em algumas áreas do Oriente Próximo. O algodão era conhecido no Egito, mas não parece ter sido produzido em qualquer lugar na Palestina no período bíblico.

Roupas masculinas

No início dos tempos bíblicos, a tanga era um item importante de roupa masculina que era usada por todos os níveis da sociedade. Antes de 2000 a.C., um tipo de tanga também era a peça de roupa costureira para todos os egípcios, do trabalhador mais humilde ao faraó. Em um período posterior, no entanto, apareceu apenas como parte da vestimenta militar ([Ez 23.15](#)). A roupa íntima (uma túnica ou camisa) era feita de lã ou linho. Tinha aberturas para o pescoço e braços, e parece ter tido mangas compridas, embora alguns estilos tivessem mangas mais curtas. Era usada próxima à pele e se estendia até os joelhos ou, mais frequentemente, até os tornozelos, sendo frequentemente amarrada na cintura. O quítion grego (“capa”) e a túnica romana teriam sido roupas íntimas de um caráter semelhante. Um homem que não usava nada além desta roupa de baixo era considerado “nu”. O jovem que seguiu Jesus no Getsêmani em sua prisão estava provavelmente vestido desta maneira ([Mc 14.51-52](#)).

De um modo geral, a roupa externa, formada de um pedaço de pano em forma quadrada, era referida como um manto ou capa. Tinha aberturas para os braços e era ficava sobre um ou ambos os ombros.

Um homem hebreu era considerado impropriamente vestido sem seu manto, e era proibido de exigir o manto de outro como um empréstimo ou penhor. À noite, quando os outros itens de roupa eram removidos, o manto, que muitas vezes era feito de pele de animal ou lã, era usado como um cobertor ([Êx 22.26-27](#); [Dt 24.13](#)). Mantos feitos de pelos de cabra ou pelos de camelo, como o que João Batista usava ([Mt 3.4](#); [Mc 1.6](#)), teriam sido especialmente quentes à noite.

A capa de muitas cores que Jacó deu a José era provavelmente uma camisa listrada ou túnica feita de couro, ouu feltro de lã. A roupa toda poderia ter sido amarrada com uma borda de lã ([Gn 37.3](#)). A roupa que Ana fazia todos os anos para o jovem Samuel era provavelmente uma capa ou manto ([1Sm 2.19](#)).

Os mantos eram geralmente feitos com uma barra; foi isso que a mulher tocou quando ela veio a Jesus para ser curada ([Mt 9.20](#)). O manto que os soldados romanos colocaram ironicamente sobre Jesus para simbolizar sua realeza era provavelmente um manto militar púrpura, como os que os oficiais romanos comumente usavam ([Mt 27.28-31](#); [Mc 15.17](#); [Jo 19.2](#)).

Os gregos usavam o termo himation para uma roupa externa, semelhante ao manto que foi colocado no filho pródigo ([Lc 15.22](#)) quando seu pai celebrou o retorno do filho com sua melhor comida, roupas e joias. O manto que Paulo usava ([2Tm 4.13](#)) pode muito bem ter sido um estilo circular de capa que era popular no primeiro século d.C.

As roupas eram de diferentes qualidades e caracterizavam uma posição ou ofício ([Is 3.6](#)). Os escribas e profetas usavam mantos especiais simbólicos de suas profissões. Elias usava o manto de um profeta ([1Rs 19.13, 19](#); [2Rs 2.8, 13-14](#)). Nos tempos do NT, os escribas usavam vestes especiais ([Mc 12.38](#); [Lc 20.46](#)).

Cristo e seus discípulos provavelmente usavam túnicas e sandálias, e carregavam bolsas e cajados ([Mt 10.9-10](#); [Mc 6.8](#); [Lc 9.3](#); [10.4](#)). Quando os soldados romanos dividiram as roupas de Jesus após a Crucificação ([Jo 19.23-24](#)), eles lançaram sortes pela roupa íntima, tecida sem costuras e provavelmente feita de lã. Este era o mais valioso dos itens de roupa de Jesus.

Calçados

Nos tempos bíblicos, o calçado consistia em sapatos e sandálias, que eram uma parte essencial do guarda-roupa de uma pessoa ([2Cr 28.15](#); [Atos 12.8](#)). Ocasionalmente sandálias tinham solas de madeira, mas geralmente elas eram de couro. Às vezes, elas tinham uma frente superior fechada e a parte de trás aberta. A parte superior era tipicamente feita de tiras de couro, e às vezes a sandália simplesmente consistia em uma sola com correias amarradas ao redor da perna ou tornozelo. As sandálias de uma mulher eram

consideradas uma parte atraente e elegante de seu guarda-roupa ([Jt 10.4](#); [16.9](#)).

Em uma longa jornada pelo país, as sandálias poderiam ser carregadas e guardadas para a chegada na próxima cidade, para que não fossem desgastadas. (Estar descalço em uma cidade ou vilarejo era um sinal de pobreza miserável). Uma vez que as sandálias tinham um design tão aberto, pode-se facilmente entender a necessidade da lavagem ritual dos pés de um convidado.

Os sapatos não eram usados no templo ou em qualquer terra santa ([Êx 3.5](#); [Js 5.15](#)) e também eram tirados quando uma pessoa estava em uma casa. Era costume remover as sandálias em um momento de luto. Os sapatos que os israelitas usavam em suas caminhadas no deserto não se desgastaram. ([Dt 29.5](#)).

Veja também Pano e Fabricação de Pano.

Roupas de sepultamento

Veja Sepultamento, Costumes de sepultamento.

Rua Direita

Rua Direita é uma rua em Damasco onde o apóstolo Paulo ficou após seu primeiro encontro com Jesus ressuscitado. Na casa de Judas nesta rua, Ananias batizou Paulo e a visão de Paulo foi restaurada ([At 9.11](#)). As pessoas chamavam a rua de "Direita" porque, ao contrário de muitas outras ruas da cidade, esta realmente seguia em linha reta.

A rua ainda existe hoje e continua reta, embora a rua atual esteja cerca de 4,6 metros (15 pés) mais alta do que o trajeto original. As pessoas ainda chamam a rua pelo mesmo nome (o nome francês é Rue Droite). Ela se estende de leste a oeste na fronteira sul da seção cristã da cidade. A "casa de Judas" não está mais lá. Mas em uma viela no extremo leste da Rua Direita está a "casa de Ananias".

Veja também Damasco.

Rúben (Lugar)

O território de Rúben era uma área de terra a leste do Rio Jordão. Esta terra foi dada à tribo de Rúben com a condição de que eles ajudassem as outras

tribos israelitas a capturar a terra de Canaã a oeste do Rio Jordão ([Nm 32](#)). Moisés concordou com o pedido dos rubenitas, que queriam esta terra porque era boa para a criação de gado.

O Rio Arnom delimitava a fronteira sul do território de Rúben. O riacho de Hesbom e o reino de Amom delimitavam as fronteiras norte e leste. O Rio Jordão e o Mar Morto delimitavam a fronteira oeste.

O povo de Rúben viveu neste território até por volta de 732 a.C., quando foi levado para o cativeiro (forçado a deixar sua terra natal) por Tiglate-Pileser III, que era o rei da Assíria.

Veja também Rúben (Pessoa); Rúben, Tribo de.

Rúben (Pessoa)

Filho mais velho de Jacó e Lia ([Gn 29.32](#); [46.8](#)) e antepassado de uma das 12 tribos de Israel. Rúben esteve envolvido no incidente das mandrágoras ([30.14](#)) e teve relações sexuais com Bila, a concubina de seu pai ([35.22](#)). No entanto, ele se destaca na idade adulta como um dos mais honrados dos filhos de Jacó. Rúben se opôs ao plano de matar José e planejou resgatá-lo do poço ([37.22-35](#)). Ele refletiu sobre a prisão dos irmãos no Egito ([42.22](#)) e garantiu a segurança de Benjamim com grande risco para sua própria família. No entanto, na declaração de bênção de Jacó, Rúben é considerado instável e seu direito de nascimento é perdido ([49.3-4](#)). Ele foi pai de quatro filhos ([1Cr 5.3](#)).

Veja também Rúben (Lugar); Rúben, Tribo de.

Rúben, Tribo de

O início da tribo de Rúben

A tribo que descendeu de Rúben, o filho mais velho de Jacó ([Gn 29.32](#)). Como primogênito, a tribo de Rúben era frequentemente listada primeiro entre as tribos de Israel ([Nm 13.4](#)). A tribo de Rúben também foi nomeada primeiro entre as duas tribos e meia que se estabeleceram a leste do Rio Jordão ([Js 1.12](#)). No entanto, apesar de sua posição de honra, a tribo de Rúben gradualmente perdeu sua proeminência. Isso ocorreu em parte devido ao pecado de Rúben ([Gn 35.22](#)), que levou seu pai, Jacó, a profetizar que Rúben perderia sua liderança entre as tribos ([49.4](#)). Embora [Deuteronômio 33.6](#)

contenha uma oração pela sobrevivência de Rúben, a tribo de fato declinou.

Papel histórico e conflitos

Durante o tempo de Israel no deserto, Rúben teve um papel semelhante ao das outras tribos, enviando um líder e um espião para explorar a terra de Canaã ([Nm 1.5](#); [13.4](#)). No entanto, apenas os espiões de Efraim (Josué) e Judá (Calebe) foram fiéis. As outras tribos falharam em confiar em Deus, e Rúben não foi nem melhor nem pior que as outras ([Nm 14.6](#)).

A história de Rúben inclui a revolta de dois rubenitas, Datã e Abirão, contra a autoridade de Moisés ([Nm 16.1](#)). Isso pode ter sido uma tentativa de restaurar Rúben à sua posição de liderança entre as tribos. Essa rebelião falhou, resultando em um julgamento severo de Deus ([Nm 16.33](#)).

Riqueza e acordos de terras

A tribo de Rúben era conhecida por sua riqueza em gado ([Nm 32.1](#)). A tribo inicialmente buscou permanecer no lado leste do Jordão, em terras tomadas dos reis amorreus Seom e Ogue. Embora Moisés os tenha repreendido por esse pedido, os rubenitas e seus aliados, Gade e metade de Manassés, concordaram em ajudar a lutar por seus companheiros israelitas do outro lado do Jordão. Moisés atendeu ao pedido deles ([Nm 32.20-22](#)). Eles lutaram bem e foram autorizados a voltar para casa após a campanha ([Js 22.1-6](#)). Embora separados pelo Rio Jordão, eles construíram um altar memorial para mostrar que ainda se viam como parte de Israel ([Js 22.10](#)).

Declínio e história posterior

A tribo de Rúben não apareceu novamente até a época da profetisa Débora. Quando Israel se reuniu para lutar contra Sísera, Rúben não respondeu ao chamado. A tribo parecia valorizar mais a riqueza material do que participar da batalha. Por exemplo, eles escolheram as terras férteis de Transjordânia ([Nm 32.5](#)). A vida como pastores provavelmente era mais atraente do que uma vida de guerra ([Jz 5.16](#)). O comportamento de Rúben refletia a profecia de que eles seriam "instáveis como a água" ([Gn 49.4](#)).

Mais tarde, as terras de Rúben foram provavelmente tomadas pelos moabitas. A área tornou-se um campo de batalha entre Israel e outras nações, como Aram ([1Rs 22.3](#)). A tribo foi uma das primeiras a ser devastada pelos assírios

([2Rs 15.29](#)). Embora a visão de Ezequiel mencione uma pequena porção de terra para Rúben ([Ez 48.6](#)), a tribo parece ter desaparecido em grande parte após o exílio. Rúben é listado entre os redimidos no livro de Apocalipse ([Ap 7.5](#)), mas nenhum indivíduo da tribo é mencionado no Novo Testamento.

Rubenita

Qualquer descendente de Rúben, filho do patriarca Jacó ([Nm 26.7](#); [Js 1.12](#)).

Veja Rúben, Tribo de.

Rubi

Veja Pedras preciosas.

Rute, Livro de

Resumo:

- Autor e data
- Propósito
- Conteúdo
- Mensagem

Autor e data

O autor do livro é desconhecido. A questão da autoria tem particular conexão com a data de escrita, e algumas pistas fornecem pelo menos um palpite. O livro deve ter sido escrito em algum momento após o início do reinado de Davi. As informações em [Rute 4.18-22](#), que dizem respeito à importância histórica de Rute como bisavó de Davi, confirmam isso. Como casamentos estrangeiros não foram aprovados no livro de Rute, dificilmente poderia ter sido escrito durante o período em que Salomão iniciou sua política de casamentos estrangeiros. Além disso, a amizade próxima de Davi com Moabe pode ter levado alguém em seu reino a escrever o livro, apresentando assim uma justificativa objetiva para as ações de Davi (veja [1Sm 22.3-5](#)). Consequentemente, o autor pode ter sido alguém próximo a Davi, possivelmente Samuel, Natã ou Abiatar.

O tempo da narrativa é indicado pela declaração de abertura: “Nos dias em que os juízes governavam...” As datas dos juízes provavelmente compreendem um período de cerca de 300 anos, começando com o juizado de Otniel e concluindo com o de Sansão, embora Samuel também tenha servido como juiz. Se a informação genealógica estiver completa em [Rute 4.18-22](#), os eventos ocorreram durante a vida do bisavô de Davi e marcaram o nascimento de seu avô. Considerando um intervalo de geração de 35 anos, os eventos teriam ocorrido por volta da virada do século 11 a.C., ou cerca de 100 anos antes do nascimento de Davi.

Propósito

O propósito do livro está intimamente relacionado à sua data de composição. Assumindo uma data antiga, ou seja, próxima à época de Davi, seu principal objetivo deve ser a autenticação da linhagem davídica. O livro pode ser considerado uma justificativa para incluir a piedosa moabita na nação de Israel.

Conteúdo

Introdução ([1.1-5](#))

Impulsionado pela fome, Elimeleque, com sua esposa, Noemi, e seus dois filhos, Malom e Quiliom, atravessam o Jordão para ficar por um período em Moabe, onde há provisão suficiente. Os dois filhos, após se casarem com mulheres moabitas, morrem, e o pai deles também morre. Noemi fica viúva, com duas noras estrangeiras.

Retorno a Belém ([1.6-22](#))

Ouvindo relatos de que a fome terminou em Belém, Noemi se prepara para retornar. Ambas as suas noras, Orfa e Rute, a acompanham por pelo menos uma parte da jornada. Provavelmente pensando nos problemas que poderiam encontrar como estrangeiras em Judá, Noemi insiste fortemente para que as meninas fiquem em sua própria terra. Ambas as jovens viúvas recusam, mas Noemi apresenta os fatos. Primeiro, ela não está grávida, então a chance de um irmão mais novo cumprir a responsabilidade do levirato não é iminente. Segundo, ela não tem perspectivas de novo casamento e, conseqüentemente, nenhuma perspectiva de ter mais filhos. Então ela também observa que, mesmo que as duas primeiras condições fossem atendidas imediatamente, a possibilidade de elas esperarem era impossível.

Orfa é convencida e beija sua sogra para se despedir.

Mas Rute “apegou-se a ela” ([1.18](#)). O verbo, que tem a conotação de estar colado a algo, é o mesmo verbo usado para casamento ([Gn 2.24](#)). Rute demonstrou suas intenções sérias ao fazer cinco compromissos ([Rt 1.16-17](#)). Em essência, Rute renunciou à sua vida anterior para ganhar uma vida que considerava de maior valor. Ela decidiu seguir o Deus de Israel e suas leis. O apelo de Rute ao Deus de Israel foi mais do que igual aos apelos de Noemi, e as duas retornaram juntas.

A chegada delas em Belém foi traumática para Noemi. Tendo deixado Belém com um marido e dois filhos, ela voltou vazia. Ela disse às amigas para chamá-la de “Mara” (amarga). Mas ela voltou em um momento propício, o início da temporada de colheita.

Colhendo nos campos de Boaz ([2.1-23](#))

O primeiro versículo do capítulo fornece o cenário para a narrativa que se segue, introduzindo Boaz, um parente rico de Elimeleque.

No segundo versículo, Rute se ofereceu para respigar os campos seguindo os ceifeiros e recolhendo as pequenas quantidades deixadas para trás. Os respigadores também tinham permissão para colher o grão nos cantos dos campos — uma provisão para os pobres contida na lei ([Lv 19.9-10](#)).

Rute acabou chegando ao campo de Boaz. Quando ele visitou este campo, notou Rute, perguntou sobre ela e descobriu sua identidade. Seu supervisor relatou que ela havia trabalhado arduamente nos campos desde cedo até aquele momento. Boaz, atraído por ela devido à sua lealdade e preocupação com Noemi, graciosamente fez provisões adicionais para ela. Ela recebeu uma posição privilegiada na colheita, logo atrás do grupo principal de ceifeiros. Além disso, ela receberia água que havia sido tirada para ela pelos jovens — um arranjo não convencional.

Rute, caindo diante de Boaz em um gesto de grande humildade e respeito, perguntou por que ela — como estrangeira — deveria receber tal favor. Boaz deu duas razões: sua bondade para com sua sogra e sua percepção espiritual, que a levou a buscar o Deus de Israel, “sob cujas asas você veio buscar refúgio” ([Rt 2.12](#)).

Ela também recebeu um lugar à mesa dos ceifeiros e, por ordem de Boaz, voltou aos campos, desta vez

para colher do grão não colhido. No final do dia, ela voltou para casa de Noemi e contou-lhe os acontecimentos do dia. Noemi informou Rute que Boaz tinha o direito de redenção (veja a discussão abaixo). Rute voltou aos campos dele até o final da temporada de colheita.

Confiando no parente (3.1-18)

Noemi aconselhou Rute a se aproximar de Boaz como um go'el, ou parente resgatador. O plano sugerido por Noemi parece peculiar, mas alguns pensamentos podem dar uma certa coloração a ele. (1) Noemi parece ter acreditado que Boaz era o parente mais próximo, desconhecendo o outro mais próximo (3.12). Consequentemente, de acordo com a lei israelita (Dt 25.5ff), seria dever de Boaz casar-se com Rute para gerar descendência, já que seu marido morreu. (2) A apresentação geral do caráter de Noemi neste livro é a de uma mulher temente a Deus. É certo que, por mais curioso que seja em sua forma externa, não pode haver nada aconselhado aqui que seja repugnante à lei de Deus ou chocante para um homem virtuoso como Boaz. Caso contrário, Noemi estaria frustrando seu próprio propósito.

A resposta de Boaz às ações de Rute demonstrou suas preocupações por ela como de um homem cavalheiro. Ele explicou a ela que não era o parente mais próximo, mas prometeu que cuidaria dos procedimentos necessários no dia seguinte. Protegendo a reputação dela, Boaz a enviou para casa antes do amanhecer. Noemi previu que Boaz resolveria a questão naquele mesmo dia.

Redimindo a herança (4.1-22)

Boaz foi ao local de negócios, o portão da cidade. A área do portão da cidade compreendia o fórum onde os assuntos públicos da cidade eram discutidos. Boaz indicou que desejava discutir um assunto de negócios com o parente mais próximo. Dez dos anciãos da cidade atuaram como testemunhas. A primeira questão a ser tratada era o problema da propriedade. Boaz perguntou a este parente mais próximo se ele estava disposto a adquirir a propriedade para Noemi. Isso é declarado na estipulação tradicional: "Se você comprar as terras de Noemi, também terá de casar com Rute, a viúva moabita" (4.5, NTLH). O parente mais próximo não estava disposto a se casar com Rute porque isso inevitavelmente lhe custaria alguma perda financeira, já que ele teria que dividir sua própria propriedade com qualquer filho seu nascido de Rute. Assim, ele renunciou aos seus

direitos pelo costume de tirar o sapato. (O sapato era simbólico dos direitos de terra que pertenciam à herança). Assim, Boaz assumiu o papel de resgatador. O casamento de Boaz e Rute produziu um filho que, segundo as leis de Israel, era considerado como filho e herdeiro de Noemi.

Mensagem

Primeiro, o livro de Rute traça a linhagem de Rute até Davi. A conclusão dessa linhagem está em [Mateus 1](#) e encontra seu cumprimento em Jesus.

Um segundo ensinamento é a beleza da graça de Deus. Uma estrangeira, até mesmo uma moabita, pode estar ligada à bênção de Israel.

Teologicamente, o conceito de resgatador como um tipo de Messias é claramente evidente. Ele deve ser um parente de sangue, ter a capacidade de comprar, estar disposto a adquirir a herança e estar disposto a casar-se com a viúva do parente falecido.

E, finalmente, o amor que Rute mostrou a Noemi fornece um padrão de devoção. As mulheres de Belém disseram a Noemi: "A sua nora... a ama; e ela vale para você mais do que sete filhos" (4.15, NTLH).